

CULTURA EM ALTA

REQUALIFICAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DO
PÓLO I DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*(no âmbito do seminário *Coimbra Capital Europeia da Cultura: planos e projectos para uma candidatura virtual*)*

Rui Miguel Nunes Agnelo

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
sob orientação do Professor Doutor Walter Rossa

Departamento de Arquitectura, FCTUC, Julho 2014



CULTURA EM ALTA

REQUALIFICAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DO
PÓLO I DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(no âmbito do seminário *Coimbra Capital Europeia da Cultura: planos e projectos para uma candidatura virtual*)

Agradeço

ao professor Walter Rossa, pela orientação e incentivo.

ao Atelier do Corvo, ao Atelier Gonçalo Byrne Architectos, à Cátia Marques (Associação RUAS), ao Jan Vincent, ao engenheiro Mário Carvalhal (GESSAST, UC), ao professor Rui Lobo, ao Rúben Domingues e ao Rúben Vilas Boas, pelos materiais de trabalho gentilmente cedidos.

As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução da responsabilidade do autor.

Com exceção do *Contexto temático* (pg. 15), a presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico (2009).

ABREVIATURAS

CEC Capital Europeia da Cultura

CEC 2027 *ibid.* (com referência a Coimbra)

CNC Capital Nacional da Cultura

DFQ Departamento de Física/Química (da FCTUC)

P1 Pólo I da Universidade de Coimbra

FCTUC Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

FDUC Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

FFUC Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra

FLUC Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FMUC Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

MNMC Museu Nacional Machado de Castro

SMTUC Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra

UC Universidade de Coimbra

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	Índice de imagens	11
	Contexto temático	15
1	Introdução	17
	Estrutura e Metodologia	21
1.1	CEC - Objectivos, abordagens e resultados	23
1.2	CEC - Festa e/ou desenvolvimento	27
2	Coimbra e um Pólo cultural na Alta	
	Síntese histórica da Alta na relação com a cidade - Cidade e/ou Universidade?	35
	Situação cultural em Coimbra e sua relação com a (da) Universidade	39
	Capital Nacional da Cultura 2003	43
	Capital Europeia da Cultura 2027	51
	Um pólo cultural na Alta (?)	55
3	Visão prospectiva do Pólo I	61
	Intervenções previstas na candidatura a património UNESCO	61
3.1	O conjunto e seus componentes	67
	Espaços interiores	69
	Espaços abertos	83
	Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas	93

3.2	Logística e suporte funcional	
	Acessibilidade e transportes	113
	Estacionamento	115
	Restauração	119
	Alojamento	125
4	Propostas	129
	Largo D. Dinis	131
	Largo da Feira	137
	Pátio das Escolas	145
	Um pólo cultural na Alta (!)	149
	Referências bibliográficas	151
	Anexos	153
	Planta 1 - Contextualização	
	Planta 2 - Espaço potencialmente público - Estado actual	
	Planta 3 - Espaço potencialmente público - Intervenções planeadas	
	Planta 4 - Caracterização material do espaço aberto - Estado actual	
	Planta 5 - Caracterização material do espaço aberto - Propostas e intervenções planeadas	

ÍNDICE DE IMAGENS

A fonte de cada imagem é apresentada nas notas de rodapé referentes à respectiva página.

Pg. 16

Fig. 1 Localização dos pólos da UC e suas respectivas áreas satélite, na relação com a cidade

Pg. 18

Fig. 2 Placa colocada à beira da A1, na chegada à cidade, prontamente alterada para *Coimbra Cidade do conhecimento*

Pg. 22

Fig. 3 Festividades na CEC Porto 2001

Fig. 4 Cerimónia de encerramento da CEC Guimarães 2012

Pg. 26

Fig. 5 Cerimónia da CEC Lille 2004

Fig. 6 Cerimónia da CEC Liverpool 2008

Pg. 30

Fig. 7 Estado actual do Teatro Sousa Bastos, na Alta

Fig. 8 Estado actual do Colégio da Santíssima Trindade, na Alta

Pg. 34

Fig. 9 Evolução do espaço urbano. Topografia; séc. I-IV; séc. V-VI; séc. VII-XI; Séc. XII e séc. XIII

Pg. 36

Fig. 10 Evolução do espaço urbano. Séc. XIV-XV; séc. XVI; séc. XVII; séc. XVIII; séc. XIX; actualidade

Pg. 38

Fig. 11 Localização dos principais equipamentos culturais da cidade

Pg. 40

Fig. 12 Serenata da Queima das Fitas, no Largo da Sé-Velha

Fig. 13 Ecrã e “barracas” instalados na Praça da República para celebrar o Mundial de Futebol 2014

Fig. 14 Festejos da inscrição de Coimbra na lista de património UNESCO

Pg. 42

Fig. 15, 16, 17, e 18 Eventos da CNC 2003 em espaços não convencionais

Pg. 44

Fig. 19 Projecto *Relvinha.CBR_X*

Fig. 20 Exposição *A Escultura de Coimbra do Gótico ao Maneirismo*, no antigo refeitório do Mosteiro de Santa Cruz

Pg. 46

Fig. 21 *Semana dos 7 Ofícios*

Fig. 22 *I Festival Mundial de Papagaios*

Pg. 54

Fig. 23 Corte da proposta de Rui Ferreira para o Teatro Sousa Bastos

Fig. 24 Propostas de David Pereira para acessos mecânicos à Alta

Pg. 56

Fig. 25 Gráfico que põe em relação tipo de programação e número de eventos realizados na CEC Guimarães 2012

Fig. 26 Estrutura temporária na CEC Lille 2004

Pg. 60

Fig. 27 A relação do P1 com a cidade

Pg. 62

Fig. 28 Estado actual do Colégio da Santíssima Trindade

Fig. 29 Galeria adulterada de um claustro no Colégio de Jesus

Pg. 64

Fig. 30 Planta de caracterização funcional dos edifícios ao nível de contacto com a rua

Pg. 66

Fig. 31 Planta do espaço interior no P1 ao nível de contacto com o solo

Pg. 68

Fig. 32 Auditório da Reitoria

Pg. 70

Fig. 33 Auditório do Museu da Ciência

Fig. 34 Anfiteatros do DFQ

Pg. 72

Fig. 35 Auditório da FDUC

Fig. 36 Anfiteatro tipo da FDUC

Pg. 74

Fig. 37 Anfiteatro do Colégio de Jesus

Fig. 38 Um dos anfiteatros da FLUC

Fig. 39 Anfiteatro-tipo do Departamento de Matemática

Pg. 76

Fig. 40 Interior da Igreja de São João de Almedina, futuro auditório do MNMC

Fig. 41 Teatro Paulo Quintela

Pg. 78

Fig. 42 Nave central da Sé Nova

Fig. 43 Capela de São Miguel

Pg. 80

Fig. 44 Sala de exposições do Colégio das Artes

Fig. 45 Sala de exposições temporárias do MNMC

Fig. 46 Sala dos Capelos

Pg. 82

Fig. 47 Planta de espaços abertos no P1 ao nível de contacto com o solo

Pg. 84

Fig. 48 Concerto na igreja do mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Fig. 49 Concerto do *Jazz@Quebra*, nas Escadas do Quebra-Costas

Fig. 50 *Claustrofobia*, espectáculo de curtas-metragens musicadas ao vivo, no claustro do Colégio das Artes

Fig. 51 Mega Convívio na galeria do DFQ, organizado pelo núcleo de estudantes de Química

Pg. 86

Fig. 52 Vista da Rua Larga, com o edifício da FMUC

Fig. 53 Vista da Rua Larga, com o pátio do edifício do

DFQ a abrir-se a partir da galeria

Fig. 54 Vista da Rua Larga, com o Largo da Porta Férrea ao fundo

Pg. 88

Fig. 55 Claustro do Colégio das Artes

Fig. 56 Pátio da Casa dos Melos

Pg. 90

Fig. 57 Escadas Monumentais

Fig. 58 Escadas de Minerva

Fig. 59 Superfície relvada que vai serpenteando por entre a estrutura do Aqueduto de São Sebastião, com o Colégio de São Bento e o Departamento de Matemática em segundo plano

Pg. 92

Fig. 60 Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas, no contexto do P1

Pg. 94

Fig. 61 Arco que marcava a entrada no Bairro da Alta, cujos vestígios ainda são visíveis no Colégio de São Jerónimo

Fig. 62 O mesmo arco, de um ponto de vista oposto ao da figura anterior, e já em processo de demolição

Fig. 63 Maquete de projecto da Cidade Universitária, mostrando o que seria o Largo D. Dinis

Pg. 96

Fig. 64 Vista aérea do espaço, na forma actual

Fig. 65 6ª etapa do *RedBull Mano a Mano*, no Largo D. Dinis

Fig. 66 Feira popular, no Largo D. Dinis

Pg. 98

Fig. 67 Corte do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga

Fig. 68 Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga

Pg. 100

Fig. 69 Vista geral do Largo da Feira dos Estudantes, na sua forma pré-demolições

Fig. 70 Largo da Feira enquanto articulador das circulações e ritmos urbanos

Fig. 71 Vista com o Governo Civil à esquerda e a Rua dos Loios à direita, estando a Sé Nova por trás do observador

Pg. 102

Fig. 72 Vista aérea do espaço, na forma actual

Fig. 73 Cerimónia da queima dos grelos

Fig. 74 Noite de Serenata na Festa das Latas

Pg. 104

Fig. 75 Corte do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Fig. 76 Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Pg. 106

Fig. 77 *Universidade de Coimbra*, J. Laurent, 1869

Fig. 78 Vista aérea da Alta antes das demolições

Fig. 79 O espaço no início dos anos 90

Pg. 108

Fig. 80 Vista aérea do espaço, na forma actual, ainda sem a intervenção do atelier Gonçalo Byrne Arquitectos

Fig. 81 Estado actual do espaço

Fig. 82 Concerto de música tendo a Reitoria como palco de fundo

Pg. 110

Fig. 83 Corte do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga

Fig. 84 Planta do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga

Pg. 114

Fig. 85 Elevador do Mercado

Pg. 118

Fig. 86 Planta de localização de parques de estacionamento no P1 e sua envolvente imediata

Pg. 120

Fig. 87 Planta de localização de edifícios com cantinas e cafetarias no P1 e sua envolvente imediata

Pg. 124

Fig. 88 Planta de localização de equipamentos hoteleiros no P1 e sua envolvente imediata

Pg. 126

Fig. 89 Tabela com as variações de estadia por noite única nas CEC, no período entre 1995 e 2003

Pg. 128

Fig. 90 Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas, no contexto do P1

Pg. 130

Fig. 91 Proposta A - Perspectiva do Largo D. Dinis, na direcção da Porta Férrea, ao nível da Rua Larga

Fig. 92 Proposta A - Planta do Largo D. Dinis, ao nível

da Rua Larga

Pg. 132

Fig. 93 Proposta B - Perspectiva do Largo D. Dinis, na direcção da Porta Férrea, ao nível da Rua Larga

Fig. 94 Proposta B - Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga

Pg. 134

Fig. 95 Corte do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Fig. 96 Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Pg. 136

Fig. 97 Proposta A - Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Pg. 138

Fig. 98 Proposta B - Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Pg. 140

Fig. 99 Vista aérea do espaço, com proposta

Fig. 100 Noite de Serenata da Festa das Latas

Pg. 142

Fig. 101 Corte do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Fig. 102 Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Pg. 144

Fig. 103 Vista aérea do espaço, com proposta

Fig. 104 Sobreposição de planta do paço quinhentista (autoria de Jorge de Alarcão) com estado actual

Pg. 146

Fig. 105 Corte do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Fig. 106 Planta do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Pg. 148

Fig. 107 Placa colocada à beira da A1 na chegada à cidade, em que por algum tempo se leu *Coimbra Cidade-museu*

Contexto temático

Esta dissertação de mestrado foi desenvolvida a partir do grupo de trabalho do Seminário de Investigação em Arquitetura do MIA do DARQ-FCTUC no ano-letivo 2013-2014, subordinado ao tema *Coimbra Capital Europeia da Cultura 2027: plano e projetos para uma candidatura virtual* por mim proposto e com ele trabalhado. Numa primeira fase e em ambiente de grupo foram formulados e aprovados 8 projetos de tese, que agora se elaboram de forma e com ritmo autónomos.

O objetivo é o de que, numa simulação o mais próxima possível da realidade, essas 8 teses de mestrado desenvolvam um conjunto de estudos que, com outros de diversas áreas disciplinares, pudessem vir a criar condições para que em 2021 Coimbra se pudesse candidatar a Capital Europeia da Cultura 2027. Será esse o ano em que uma cidade portuguesa será de novo palco desse tipo de acontecimento e pareceu-nos que Coimbra tem não só o potencial, mas também a obrigação e necessidade de dar esse passo. Mas antes teria (terá!) de fazer, em apenas 5 anos, muito caminho.

A esta distância o que mais nos importa é planejar e projetar ações estruturantes, ou seja, com alcance e integração estratégicos, que garantam uma candidatura e uma concretização de sucesso, pois só assim o resultado poderá surtir efeitos sustentáveis e efetivamente interessantes para a comunidade regional e nacional. Por outras palavras: é estratégica e metodologicamente mais importante garantir um bom processo do que o resultado, pois assim decerto que será melhor que o inicialmente sonhado.

Como o número de estudos necessários para uma candidatura desta envergadura terá de ser bem maior e de muito maior espectro disciplinar, a escolha da ação estudada por cada um foi livre, ainda que muito discutida. Apesar de um saudável e bem sucedido esforço de auto-coordenação e interajuda, não nos podemos esquecer que cada um destes trabalhos é um exercício pedagógico e de autor e que, como tese de graduação, é ainda um teste final às suas capacidades de exercício profissional autónomo. Sem isso nunca serão arquitetos.

Devo ainda ressaltar uma condição fundamental para a elaboração destes trabalhos: após um primeiro semestre de trabalho em grupo, no qual fermentaram e se definiram os projetos de tese e que teve como corolário uma exposição de cartazes inaugurada no Mercado Municipal D. Pedro V no dia 20 de março, cada uma destas primeiras 4 teses foi desenvolvida num magro período de quatro meses.

Colégio das Artes, Coimbra, 14 de Julho de 2014,

Walter Rossa

Prof. Associado c/ agregação



1. INTRODUÇÃO

Proponho a regeneração urbana do Pólo I [P1] da Universidade de Coimbra [UC], no qual reconheço uma vertente simbólica e funcional de produção cultural/artística, que considero estar subaproveitada, porque ignorada. A construção de mais equipamentos é praticamente impossível - dada a configuração física do que existe - mas é sobretudo desnecessária porque o conjunto apresenta valências espaciais e funcionais várias, tanto a nível de espaços interiores como exteriores. A proposta apresentada é uma requalificação geral e dinamização do espaço público, que também passa pela intervenção em três espaços, o Largo D. Dinis, o Largo da Feira e o Pátio das Escolas, lugares-chave de articulação dos espaços e ritmos da vivência na Alta universitária.

Pólo, no sentido de um “local que funciona como centro de actividade ou núcleo dinamizador de algo”¹, é um termo recorrente do léxico universitário, de certa forma equivalente a um outro mais familiar, campus.

A presença no espaço da universidade é descontínua, e a frutuosa expansão ao longo do último século levou à actual distribuição em três pólos, o da Alta, e primeiro; o do Pinhal de Marrocos, orientado para a componente técnica, e segundo; e o dos HUC (Hospitais da Universidade de Coimbra), igualmente técnico e numa relação directa com a prática da medicina, nas imediações do Bairro de Celas, terceiro e último.

A tendência de expansão da UC nas últimas décadas tem favorecido o afastamento dos principais centros urbanos, e não a densificação. A instituição não regressou mais à Rua da Sofia - Pólo 0² - o que supreende dado que os antigos colégios têm ainda valência para ensino.

O P1, lugar emblemático da instituição, bem como da própria cidade, distingue-se dos outros pela idade, por ter nos seus lugares as marcas da passagem do tempo, das sucessivas construções, reconstruções e destruições, mas sobretudo porque concentra a vertente simbólica e cultural da UC. É o lugar da Biblioteca Joanina e da Biblioteca Geral, dos museus temáticos que exibem o vasto espólio, do auditório da Reitoria ou da Sala dos Capelos.

¹ Pólo (2014). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo>

² Rossa, W. (2003). *Sofia: Concurso público de ideias*, Ecdj: Rua da Sofia, n° 8

Fig. 1 Localização dos pólos da UC e suas respectivas áreas satélite, na relação com a cidade. Por ordem descendente na imagem: Pólo III, Pólo 0, Pólo I e Pólo II, gerada a partir de *Google Maps* (<http://maps.google.pt>)



A idade e a dinâmica constante foram gerando um catálogo de espaços e tipologias, num conjunto que é raro e valioso do ponto de vista arquitectónico, mas a presença da componente cultural pode ainda gerar bastante mais do que apenas o museu vivo que actualmente é, o qual para além do ensino é ponto de chegada (e partida) de turistas pelo dia, e repousa geralmente sossegado e vazio pela noite.

De facto, há alguma contradição entre esta variedade de espaços e a monofuncionalidade que foi tomando posse do P1 nos tempos mais recentes da história da instituição, para a qual o factor decisivo (mas não o primeiro, nem o único) foi a renovação da Cidade Universitária pelo Estado Novo³, e à luz da qual se pode compreender em grande parte a actual dormência.

Recentemente têm sido feitos muitos esforços para desenvolver, ou pelo menos debater, a regeneração da Alta, como foram a remodelação do Museu Nacional Machado de Castro [MNMC] e do Museu da Ciência - ambos pelo traço de arquitectos docentes na escola de arquitectura da UC - que introduziram novos pontos de interesse e contribuem para uma tendência de diversificação. A inscrição em 2013 da *Universidade de Coimbra Alta e Sofia* na lista de Património Mundial UNESCO [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] começa também a dirigir alguns holofotes para a cidade, e se a gestão futura for inteligente e eficaz, pode abrir-se um novo capítulo no currículo da regeneração urbana de Coimbra.

O meio académico tem igualmente gerado discussão, como disso é exemplo o concurso de ideias *A Alta de Volta*, promovido em 1997 pela UC para apresentação de propostas de renovação dos espaços dos Colégio de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente⁴, e o seminário internacional *CidadeSofia*, em 2003, que trouxe a Coimbra profissionais de vários países para uma discussão sobre o carácter funcional e das relações entre um conjunto de universidades europeias e suas respectivas cidades, realizado no âmbito da Capital Nacional da Cultura [CNC] no mesmo ano⁵.

³ Cidade Universitária foi o nome atribuído pelo Estado Novo ao projecto de reformulação física e ideológica da Universidade de Coimbra, empreendida a partir da década de 30 do séc. XX. Ver: Rosmaninho, N. (2006). *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra* e Rosmaninho, N. (1996). *O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo: os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra. 1934-1940*

⁴ Costa, A. A. [et al.] (1997). *A Alta de volta: concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente*

⁵ Actas do Seminário Internacional CidadeSofia, Coimbra, 2003 (2005). *CidadeSofia*

Fig. 2 Placa colocada à beira da A1, na chegada à cidade, prontamente alterada para *Coimbra Cidade do conhecimento*
Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/162.pdf>

Se no plano hipotético a Capital Europeia da Cultura 2027 [CEC 2027] é um tema e um pretexto de trabalho, no plano real é uma iniciativa que essencialmente se pode abordar de dois pontos de vista, enquanto uma festa - um momento que tem um início e um fim - ou como a etapa de um processo vasto e duradouro, mais do que propriamente um fim em si, dadas as oportunidades de desenvolvimento a longo prazo que traz associadas.

Ao longo da apresentação do trabalho são ponderados ambos os tipos de abordagem e percebidas as vantagens e desvantagens de cada um, mas é uma terceira hipótese a que se ambiciona, porque mais equilibrada e por conciliar as duas vertentes. O que aqui se procura traçar é um plano de desenvolvimento que não ponha em causa o acolhimento de eventos como a CEC, mas que também não se sujeite à dependência de tal possibilidade, uma estratégia que seja compatível com tais acontecimentos, mas que neles não se venha a esgotar.

É importante assinalar que em Coimbra o potencial não tem de ser criado de raiz porque, como então se perceberá, o pólo cultural na Alta já existe efectivamente e precisa apenas que lhe seja destapado o véu, bem como ajustadas as condições ideais para o seu funcionamento, e é este último passo que tem efectivamente de começar do zero, dado estar esta questão ainda praticamente adormecida.

Estrutura/Metodologia

O trabalho foi produzido e é apresentado em dois momentos, duas partes de peso e carácter diferenciados, e exprime-se simbioticamente pela escrita e pelo desenho.

A primeira parte corresponde a uma leitura e interpretação de relatórios e documentos sobre as CEC passadas, fazendo essencialmente referência - por vezes sob a forma de dados estatísticos - ao *Relatório Palmer* (2004), encomendado pela Comissão Europeia à firma *Palmer/Rae Associates* (Bruxelas, Bélgica), que reuniu informação sobre cerca de 40 cidades ex-CEC, abarcando um período total de 19 anos, e o *Relatório de Impactos Sociais e Económicos* da CEC Guimarães 2012, estudo feito pela Universidade do Minho em 2013. A importância do primeiro está na variedade e na amplitude dos casos, quer no espaço geográfico, quer no tempo, enquanto que a do segundo está na proximidade tanto a nível de um, como do outro.

A segunda parte é uma análise sobretudo funcional e espacial do P1.

Num primeiro momento do conjunto e das partes constituintes, procurando fazer uma estimativa sobre capacidades, dimensões e adequabilidade dos espaços existentes, bem



como aspectos funcionais e estruturais do esquema urbano, ao mesmo tempo que se propõem cenários possíveis e minimamente credíveis com base nesses dados.

Num segundo momento do Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas, para se perceber a importância que têm no P1 como articuladores dos vários edifícios e espaços do conjunto, sendo de seguida traduzida a informação em termos de “temas”, concluindo-se com o traço conceptual de propostas para cada um, que tratam do arranjo e requalificação do espaço urbano, apresentadas por meio de desenhos técnicos e respectivas descrições justificativas.

De uma forma global, se por um lado o texto apresenta as capacidades e características dos espaços, por outro o desenho expõe graficamente a forma como se estruturam e relacionam, mutuamente e com o conjunto do P1.

CEC - Objectivos, abordagens e resultados

A CEC é um acontecimento memorável na história de uma cidade.

Ao percorrer os relatórios e narrativas do que foram as anteriores edições, uma das conclusões a que se chega é que o evento tem geralmente – porque casos houve em que as prioridades se invertem face à média – como objectivos de fundo prioritários realçar o perfil e divulgar a imagem das cidades/regiões anfitriãs a nível internacional, expandir a capacidade de produção cultural/artística, bem como aumentar a de atracção turística.

Como objectivos de prioridade mais secundária, ainda que bastante propagandeados, a aspiração a uma maior abertura de cada nação à realidade europeia, criação de discussão e reflexão sobre o que tal significa e do que é fazer parte desta complexa rede das mais variadas culturas, economias e modos de vida, considerando que a diversidade gera, à partida, múltiplas interpretações sobre tais temas.

Fig. 3 Festividades na CEC Porto 2001

Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2012-11-18-estado-condenado-a-pagar-cerca-de-tres-milhoes-de-euros-a-comerciantes-doporto>

Fig. 4 Cerimónia de encerramento da CEC Guimarães 2012. Um evento deste tipo tem o poder de mobilizar a população e agitar toda uma cidade e sua região

Disponível em <http://www.topguimaraes.com/pt/noticias-de-guimaraes/202-top-time-lapse--largo-do-toural--guimaraes-2012-opening-performance.html>

De facto, o *Relatório Palmer* (2004) concluiu que os objectivos das CEC estudadas “were only partly concerned with social questions. They were dominated instead by ideas of profile raising and improving the city’s image”⁶.

Um evento deste calibre é uma oportunidade - que tem sido geralmente explorada pelas várias CEC - de gerar produção cultural inclusiva e diversificada, isto é, que tanto seja feita de nichos para as elites artísticas, como de actividades que apelem ao comum dos cidadãos. Se nalguns casos a intenção não conseguiu ir além da retórica, outros houve em que a simplicidade e carácter concreto das ideias e realizações foram (e são) convincentes e sugeriram conceitos bastante abertos de cultura. A cidade de Helsínquia deixou bem claro na justificação e organização da CEC 2000 que “good everyday life is good culture” [...] *So in different cities, sport, food, religion and local specialities like sauna, were included. As a result, the ECOC programme instantly became more inclusive, since it encompassed many things which involved people who were not (or were not thought to be) interested in art*”⁷.

Independentemente dos objectivos e públicos-alvo, a programação cultural é fulcral na materialização e transmissão de ideias, seja pela forma como interage com as CEC que decorrem em simultâneo, ou na capacidade que tem de atracção e de comunicação com o resto dos países europeus e da União Europeia, principalmente.

*ECOC as an ‘Event’ or a ‘Process’*⁸ é o título assaz assertivo que o relatório Palmer reserva para o capítulo em que aborda esta questão descobrindo, após uma observação panorâmica, o que chama de “isomorfismo cultural”, a homogeneização de “common themes, similar projects, same stars”⁹, avançando que talvez seja causa disto o facto de as CEC estarem mais ou menos sujeitas às mesmas condições e oportunidades políticas, culturais, institucionais e financeiras.

⁶ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. [em linha], pg. 123. Tradução: “estavam apenas parcialmente preocupados com questões sociais. Estavam, na verdade, dominados por ideias de promoção de perfil e melhoramento da imagem da cidade”

⁷ *Ibid.*, pg. 124. Tradução: “boa vida quotidiana é boa cultura.[...] Por isso em diferentes cidades, desporto, comida, religião e especialidades locais como sauna foram incluídas. Como resultado, o programa CEC tornou-se imediatamente mais inclusivo, dado que abrangia muitos aspectos que envolviam as pessoas que não estavam (ou não se pensava estarem) interessadas em arte”

⁸ *Ibid.*, pg. 64. Tradução: “CEC como um evento ou como processo”

⁹ *Ibid.*, pg. 64. Tradução: “temas comuns, projectos semelhantes, mesmas estrelas”



“Although the production-distribution-consumption model is perceived by some to be the basis of performances or exhibitions, ECOC do not adapt easily to such a model, since they are often as much about commitments to excellence, accessibility and audience development as ‘buying tickets’”¹⁰, afirma o estudo, rematando que as CEC são por natureza inovadoras neste domínio, sendo que por isso necessitam de novas formas de avaliação, que em nenhuma edição - pelo menos até à data do estudo - foram observadas, deixando como conclusão a ideia de que a iniciativa está ainda presa a modelos de “consumo de cultura” e de que este assunto foi de forma geral abordado em termos estatísticos e burocráticos, e não do ponto de vista do desenvolvimento.

CEC - Festa e/ou desenvolvimento

“Fireworks are often fantastic but you cannot use them for heating purposes”¹¹.

Terminado o ano cultural - que apesar de tantos anos de preparação e execução não deixa de ser temporário - os organismos de gestão vêem-se geralmente numa posição bastante delicada e trabalhosa, ao ter que gerir uma nova fornada de equipamentos e infra-estruturas culturais, agora sem as mesmas quantidades de capital que antes estiveram disponíveis, nem a mesma quantidade e variedade de autores e públicos interessados.

Neste aspecto é oportuno observar o caso da CEC Guimarães 2012, tendo sempre em conta uma proximidade no tempo que ainda não permite uma análise eficazmente objectiva. Diz o *Relatório de Impactos Económicos e Sociais* (2013) que:

¹⁰ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. [em linha], pg. 65. Tradução: “Apesar do modelo produção-distribuição-consumo ser tido por alguns como a base dos espectáculos e exibições, as CEC não se adaptam facilmente a tal modelo, dado terem tanto a ver com compromissos de excelência, acessibilidade e desenvolvimento de audiências como com a compra de bilhetes”

¹¹ *Ibid.*, pg. 139. Parte de uma série de frases chave com conselhos para uma organização coerente e produtiva de uma CEC. Tradução: “Fogo de artifício é geralmente fantástico, mas não se pode usar para aquecimento”

Fig. 5 Cerimónia da CEC Lille 2004

Disponível em <http://en.mairie-lille.fr/cms/page4035.html>

Fig. 6 Cerimónia da CEC Liverpool 2008. O resultado mais visível de uma CEC é sempre, no fundo, a festa.

Disponível em <http://www.walktheplank.co.uk/create-it/projects/liverpool-08-european-capital-of-culture-the-peoples-opening-and-transition/>

“se por um lado Guimarães ficou enriquecida com a requalificação urbana e com os novos equipamentos surgidos ou consolidados, sobram muitas incertezas acerca de uma efectiva renovação e reposicionamento da cidade como cidade orientada para o sector criativo e cultural. Para vários dos equipamentos criados para 2012 o futuro é ainda uma incógnita pelo que se afigura difícil avaliar os seus efeitos. A Casa da Memória continua por abrir, os equipamentos de Couros estão a funcionar abaixo das suas capacidades e mesmo a Plataforma das Artes e da Criatividade entrou em 2013 com dúvidas sobre a sua forma de gestão, sem que todas as valências instaladas estejam a ser utilizadas”¹².

A construção de raiz de equipamentos culturais vem associada a um duplo risco. Por um lado, há sempre a possibilidade de não se concluírem a tempo sequer de serem usados durante o ano cultural – recorde-se o atraso brutal da Casa da Música, planeada para a CEC 2001, que no entanto só ficou pronta em 2005 – e ainda o perigo de obsolescência ou incapacidade de funcionar com ocupação e condições mínimas no pós-CEC.

O desvanecimento da inércia na actividade cultural e artística depois deste tipo de evento é praticamente um dado adquirido, portanto a sua planificação deve deixar espaço para investimentos tanto a curto como a longo prazo, intervenções efémeras e permanentes.

Pensando nos casos futuros, como poderá ser o de Coimbra, há que considerar investimentos a longo prazo, mais inteligentes e estratégicos, com melhores garantias, que não sejam necessariamente equipamentos culturais, como a nível de transportes e acessos – principalmente verticais entre a Baixa/Alta, para o qual têm sido feitas reflexões e propostas concretas, e que ainda é uma categoria de acessos pouco explorada na cidade - estacionamento, requalificação do espaço público, etc., que serão sempre necessários e úteis, tanto a curto prazo para o contexto da CEC, como a longo prazo para o desenvolvimento da cidade, e portanto duplamente proveitosos.

O *Relatório Palmer* (2004) dá-nos a conhecer um caso curioso de investimento neste sentido. “*The infrastructure programmes in some cases included projects that did not seem to be related to culture or the aims of the ECOC. Capital expenditure in Weimar for example included major work*

¹² Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais – Guimarães 2012*. [em linha], pg. 81



on hospitals and a new building for the university”¹³. Mas também casos houve em que o ano cultural saiu algo sacrificado em detrimento deste tipo de investimentos, como por exemplo em Tessalónica, em que “*infrastructure projects were not completed in the cultural year, causing substantial problems and hostile media reaction. But six years later they were complete, offering new facilities for the public and renewed atmosphere to certain parts of the city such as the port*”¹⁴.

“Coimbra é desde a idade Média um local com “fortíssima tradição de cultura e mesmo de drama e espectáculo, que vem das origens mais remotas do Teatro português”¹⁵, verifica Rui Ferreira, num trabalho de investigação em que observa a supressão de teatros que Coimbra sofreu no final do séc. XX, com o abandono do Teatro Sousa Bastos na Alta e ainda o Teatro Avenida - que na verdade não desapareceu, mas que se transfigurou pela inclusão no Centro Comercial Avenida - que no seu tempo estavam ambos estrategicamente bem situados.

Portugal é de facto um país de extremos na abordagem à gestão e conservação de espaços e equipamentos. Tão depressa se eliminam espaços funcionais, rentáveis e com potencial de desenvolvimento, como a seguir se constroem outros condenados ao falhanço e frequentemente desnecessários, sendo fundamental reflectir sobre este comportamento assimétrico no confronto com a tarefa de planificar uma CEC. A construção de novos equipamentos e infra-estruturas não deve nunca avançar sem antes se verificar a possibilidade de requalificar, em muitos casos reconstruir, o existente.

¹³ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. [em linha], pg. 67. Tradução: “Em alguns casos os programas infra-estruturais incluíram projectos que não pareciam relacionados com a cultura ou objectivos CEC. A despesa em Weimar incluiu, por exemplo, grandes obras em hospitais e um novo edifício para a universidade”

¹⁴ *Ibid.*, pg. 133. Tradução: “os projectos infra-estruturais não foram completados no ano cultural, causando problemas substanciais e reacção hostil nos media. Mas 6 anos depois estavam completos, oferecendo novas instalações ao público e atmosfera renovada a certas partes da cidade como o porto”

¹⁵ Ferreira, R. (2011). *Sousa Bastos: Recuperação e reconversão do antigo teatro*, pgs. 64/65

Fig. 7 Estado actual do Teatro Sousa Bastos, na Alta

Em Ferreira, R. (2011). *Sousa Bastos – Recuperação e reconversão do antigo teatro*, pg. 71

Fig. 8 Estado actual do Colégio da Santíssima Trindade, na Alta

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 189

As CEC, e Guimarães é um exemplo ainda recente, têm demonstrado a eficácia deste tipo de procedimento, que para além do mais é inteligente e economicamente vantajoso.

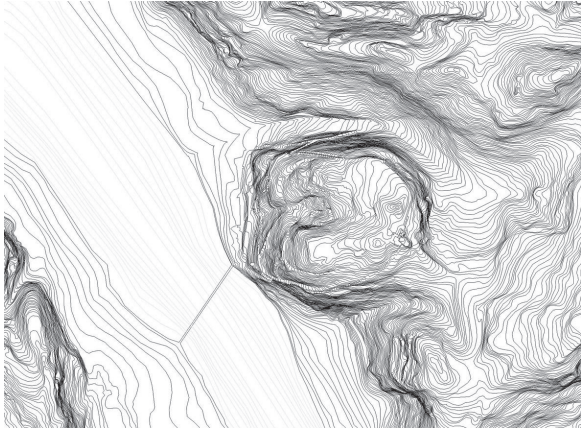
Acima de tudo, e aí reside a verdadeira dificuldade da iniciativa, é necessário atingir um ponto de equilíbrio entre investimentos a curto e longo prazo.

Na conferência “Cidade, arte e política” e respectivo debate, João Maria André - figura envolvida em projectos teatrais como o da cooperativa de teatro Bonifrates e autor do blog *Amigos da Cultura* - resume a sua intervenção ao que chama as “quatro [...] grandes tensões que atravessam a relação da cultura e da arte com a cidade”, e fala sobre o que acabo de referir, ou aproximadamente o que procuro referir, e acerca de uma certa necessidade de improvisação e espontaneidade inerentes à criação artística e cultural, de uma forma mais eloquente e conhecedora do assunto, da seguinte forma:

“segunda tensão – a tensão entre a solidez e a liquefacção, ou seja, a tensão entre a cultura na sua dimensão estruturante, na sua dimensão sólida, e a efemeridade de muitas criações culturais. Há muitas criações culturais, há muitos projectos, que são efémeros, não são sólidos. Mas não deixam de ser produções, não deixam de ser criações, não deixam de ser actividades culturais. É preciso que uma política cultural consiga equilibrar o carácter estruturante e sólido da cultura com o carácter desta sociedade líquida, como lhe chama Zigmunt Bauman¹⁶, desta sociedade líquida em que vivemos, desta cultura líquida, desta liquefacção permanente. Porque com a liquefacção permanente tudo se esvai. Mas também apoiando apenas e focando apenas a dimensão sólida da cultura perde-se muito daquilo que pode ser extremamente criativo e extremamente inovador na cultura”¹⁷.

¹⁶ Zygmunt Bauman (1925) - sendo que a transcrição citada erra na escrita do nome - é um sociólogo Polaco que avançou a teoria da “Modernidade Líquida”, caracterizante das sociedades altamente desenvolvidas da actualidade como uma continuação da modernidade e não como a era sucessora designada como pós-modernidade

¹⁷ André, J. M. (2002) *Intervenções na conferência “Cidade, arte e política. Amigos da cultura.* [em linha]



2. COIMBRA E UM PÓLO CULTURAL NA ALTA

Síntese histórica da Alta na relação com a cidade - Cidade e/ou universidade?

*“era Coimbra nos primeiros annos do Reino de Portugal como cabeça e metropoli d’elle”*¹⁸.

Vicissitudes várias foram fazendo de Coimbra um ponto estratégico e importante, principalmente, e num primeiro momento, a sua posição geográfica. Os sucessivos acontecimentos sociopolíticos de que foi palco corresponderam sempre - regra geral - a mutações físicas do espaço urbano numa escala proporcional à dimensão (e importância) desses eventos, e com marcas bastante vincadas das ideologias correspondentes aos regimes que as empreendiam. A Almedina, lugar de origem da condição urbana de Coimbra, foi constantemente ocupada por diversos povos ao longo dos dois últimos milénios.

Aeminium era a cidade romana, cuja ocupação se deve ter restringido sensivelmente ao contorno que as épocas posteriores mantiveram semelhante com a muralha exterior, e cujo *Forum* estava no sítio do actual MNMC, que assenta sobre essa antiga estrutura.

“Da história particular desta cidade, no tempo dos Suevos, não há nada a contar porque a nossa ignorância é total”¹⁹, e a certa altura a sede do bispado foi transferida de Conimbriga para *Aeminium*, que oferecia principalmente uma posição mais segura.

A cidade foi conquistada pelos muçulmanos em 714 ou 715, que a perderam para os cristãos em 878, para logo em 987 voltar à posse dos mouros, e “daí até 1064, data da reconquista definitiva por Fernando Magno, decorre um período de quase um século que, para nós, é obscuro”²⁰. Resulta da presença árabe a construção da alcáçova, da qual pelo menos a posição se perpetuou daí em diante até hoje, e uma segunda muralha que lhe reforçava a segurança e se localizava dentro da principal²¹.

¹⁸ Frei Luís de Sousa citado em Alarcão, J. de (2008). *Coimbra: a montagem de um cenário urbano*, pg. 9

¹⁹ Alarcão, J. de (2008). *Coimbra: a montagem de um cenário urbano*, pg. 69

²⁰ *Ibid.*, pg. 79

²¹ Rossa, W. (2001). *Diversidade – Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*
Fig. 9 Evolução do espaço urbano. Topografia; séc. I-IV; séc. V-VI; séc. VII-XI; Séc. XII e séc. XIII
Em Rossa, W. (2003). *Coimbra como território*, Ecdj: Inserções, nº 6/7, pgs. 8, 9



Em 1290 é fundada em Lisboa a universidade, que tal como os muçulmanos entra e sai de Coimbra por algumas vezes, em alternância com aquela cidade. Em Coimbra está desde 1308/09 até 1338, depois de 1354 até 1377, e definitivamente a partir 1537, ano em que se fixa definitivamente.

A Almedina (espaço intramuros) é então zona de ocupação predominante até à, e durante, a Idade Média. Ao tempo em que se rasga a Rua da Sofia o crescimento na cidade é condicionado e pressionado, porque se por um lado as inundações do Mondego empurram, por outro a topografia e as cercas conventuais detêm. Mas o projecto da rua da sabedoria “acabou por ditar o seu próprio destino” e o impacto da reforma joanina tem consequências inesperadas e/ou imprevistas, surgindo uma procura à qual a nova estrutura não consegue dar resposta eficaz. “Em contrapartida, em adiantado estado de despovoamento, a Alta permitiu à universidade e à cidade desenvolverem-se amplamente e em unísono, segundo um partido contrário ao habitual para as demais cidades portuguesas. Além de uma monofuncionalidade específica, Coimbra voltou a ocupar o espaço alcandorado e defensivo original, expandindo-se para além dele, a nascente”²².

O que se segue é um período de relativa autonomia do bairro escolar na Alta em relação à cidade, em grande medida devida ao facto de a universidade ter foro próprio - que se extingue com a revolução liberal do séc. XIX - e que regulava a vida da instituição de uma forma independente e separada dispondo, por exemplo, de prisão e tribunal próprios.

A época das Luzes deixa marcas razoavelmente perceptíveis na cidade, também motivadas pela universidade, com a reforma empreendida pelo Marquês de Pombal em 1772.

Mas é só com o Estado Novo que se volta a fazer uma reforma física de grande escala que, para além de transfigurar a forma que se ia construindo ao longo de séculos, gerou uma tal desintegração funcional que veio reforçar um processo intencional de abandono da Alta - monofuncionalização em bom rigor - recusando a densidade que até à época caracterizava o lugar, condenando-a quase exclusivamente ao ensino e diminuindo, quase até à inexistência, a dinâmica que se foi gerando por uma tal riqueza e variedade. Consequentemente também a vivência cultural sofre danos colaterais próprios, perdendo-se um ambiente de tertúlia e espectáculos que de facto existia e tinha substância.

²² Rossa, W. (2006). *A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa*. Monumentos, nº25, pg. 22

Fig. 10 Evolução do espaço urbano. Séc. XIV-XV; séc. XVI; séc. XVII; séc. XVIII; séc. XIX; actualidade

Em Rossa, W. (2003). *Coimbra como território*, Ecdj: Inserções, nº 6/7, pgs. 10, 11



De entre os vários padrões e tendências que a História revela encontra-se sempre, independentemente da época, uma motivação directa ou indirectamente ligada ao ensino, à universidade, na essência de todas as principais reformas do espaço urbano em Coimbra.

Situação cultural em Coimbra e sua relação com a (da) Universidade

Os equipamentos culturais da cidade concentram-se quase exclusivamente na margem direita e essencialmente nas zonas consideradas históricas. Na zona do P1 verifica-se somente a existência de museus directamente relativos aos temas universitários, com excepção do Centro Cultural D. Dinis e do Instituto Universitário Justiça e Paz que, ainda que tenham uma relação com a universidade, funcionam como centros culturais com um espectro de programação, capacidade, e público alvo mais alargado. O Teatro Académico de Gil Vicente [TAGV], embora não podendo ser propriamente considerado como integrante da Alta - não obstante a proximidade ao P1 - vocacionado para as funções de sala de espectáculos e auditório, é o equipamento mais flexível e com a programação mais dinâmica da cidade.

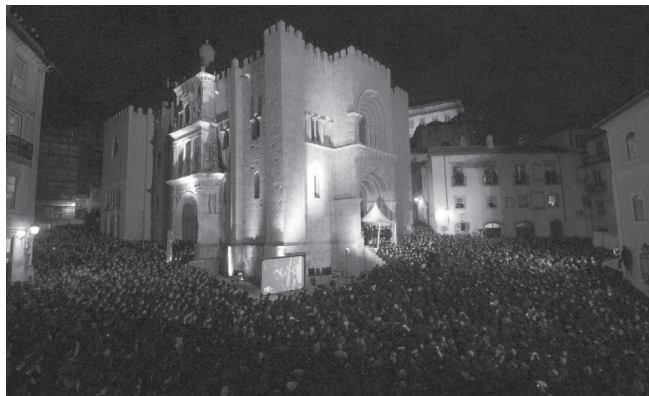
Na margem esquerda do rio, o Museu de Santa Clara-a-Velha, embora recente e relativamente isolado, com um auditório e as ruínas da igreja a servir de salas de espectáculos menos convencionais, oferece também alguma flexibilidade e uma nova alternativa relevante para a zona em que está, à qual se acrescentará em breve o centro de congressos do Convento de S. Francisco que “ocupando uma área total de 16 mil metros quadrados, que incluirá estacionamento automóvel, restaurante e cafetaria, [...] disporá, além do auditório de 400 lugares, do auditório principal, com 1100 lugares, e um espaço cultural”²³.

No que diz respeito a actividades culturais de grande escala, em espaços exteriores e de frequência anual, a programação cultural é ainda dominada pelo artesanato e pela cultura popular e académica, que no calendário se posicionam essencialmente de Maio a Julho, com a Feira do Livro, Feiras de artesanato e gastronomia, Feira Medieval e Festas da cidade, e os

²³ Público (2013). *Antigo reitor lidera projecto para o centro de convenções de Coimbra*. Público. [em linha]

Fig. 11 Localização dos principais equipamentos culturais da cidade

Tratada a partir de original gerada a partir de *Google Maps* (<http://maps.google.pt>)



festivais académicos, a Queima das Fitas em Maio e a Latada em Outubro²⁴. Estas duas últimas épocas arrancam com uma noite de serenata muito popular, velha tradição que atrai uma massa de espectadores colossal, ainda que quase exclusivamente estudantil. Juntamente com os desfiles alegóricos pela cidade que acompanham as datas respectivas são, apesar de tudo, o contacto mais próximo que a população não académica tem com estes costumes e ambiente cultural, ainda que sempre mais numa relação de assistência, e menos de participação.

É importante reflectir sobre, e tentar interpretar, o significado destes dois momentos do calendário anual, porque são relativamente sintomáticos do estado de espírito tanto da cidade como da universidade. Se por um lado demonstram a dimensão e a força da instituição escolar, ou pelo menos da Associação Académica, por outro denunciam o facto de que a actividade cultural estudantil se desenvolve em isolamento face à [da] cidade. Os dois “festivais” são custurados à medida dos estudantes, quer nas condições dos espaços que ocupam, quer na programação cultural, bem como nos meios através dos quais se faz a divulgação.

Há uma relação entre o isolamento implícito no projecto da Cidade Universitária - e que efectivamente aconteceu - e estas duas manifestações culturais académicas, principalmente os festivais na margem esquerda do rio. O segundo facto pode ser um reflexo do primeiro. Há bastante documentação histórica que revela alguma complexidade nas relações - assaz saudáveis - que existiam entre a comunidade estudantil e os chamados “salatinas”²⁵, cujo desaparecimento coincidiu com o projecto da Cidade Universitária e a expropriação de muita da população da Alta universitária para bairros periféricos criados propositadamente para o efeito. Creio, apesar de tudo, que a falta de ligação destas duas celebrações com a cidade se deve mais a uma questão de programação cultural, e menos a condições físicas e logísticas.

²⁴ As Noites do Parque integram os festivais anuais da academia. Na primeira, pelo Outono, celebra-se a *Latada*, episódio correspondente à iniciação da vida académica dos novos estudantes (os caloiros), enquanto que na segunda, pela Primavera, se celebra a *Queima das Fitas*, marca de uma transição e fim de estudos para os finalistas

²⁵ Diz-se dos indivíduos nascidos na velha Alta de Coimbra

Fig. 12 Serenata da Queima das Fitas, no Largo da Sé-Velha

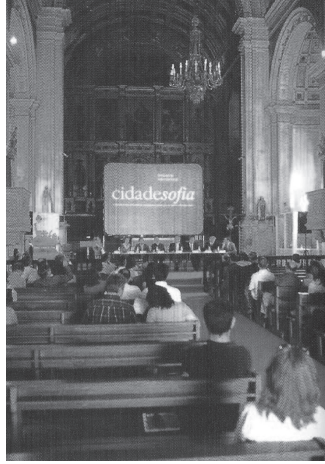
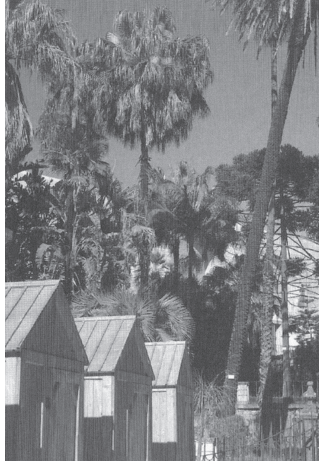
Disponível em <http://www.serenatahostel.com/coimbra-tosee>

Fig. 13 Ecrã e “barracas” instalados na Praça da República para celebrar o Mundial de Futebol 2014

Disponível em <https://www.facebook.com/fanzonemundialcoimbra>

Fig. 14 Festejos da inscrição de Coimbra na lista de património UNESCO

Em Martins, J. (2013). *E depois do carimbo? Análise da classificação da “Universidade de Coimbra - Alta e Sofia” como Património Mundial da Humanidade*, pg. 206



Ainda que os festivais em questão pertençam aos estudantes, e que por isso em função deles sempre devam ser concebidos, parece-me lógico que de alguma forma também possam ser celebrados pela população em geral, mas o que na realidade acontece é que decorrem dentro de uma espécie de bolha isolada.

Apesar de tudo há algumas iniciativas alternativas, no sentido em que contrariam a tendência de cultura popular/académica, firmemente estabelecidas, como os *Caminhos do Cinema*, festival de cinema organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra e importante pelo ponto de referência alternativo que estabelece entre Lisboa e Porto, o festival *Encontros Internacionais de Jazz*, iniciativa do clube *Jazz ao Centro* ou os *Encontros de Fotografia* do Centro de Artes Visuais (CAV) e outras relativamente recentes ou em crescendo, como o *Jazz@Quebra*, importante pela animação que traz à Alta no verão e o *Fado ao Centro* cuja missão é a divulgação musical, em particular do fado de Coimbra.

Capital Nacional da Cultura 2003

Em 2003 Coimbra foi a Capital Nacional da Cultura [CNC], um evento análogo à CEC, mas a uma escala mais reduzida e regional/nacional, igualmente com grande potencial de atracção e desenvolvimento para uma cidade, ou pelo menos uma oportunidade de plantar sementes de desenvolvimento para futuras colheitas.

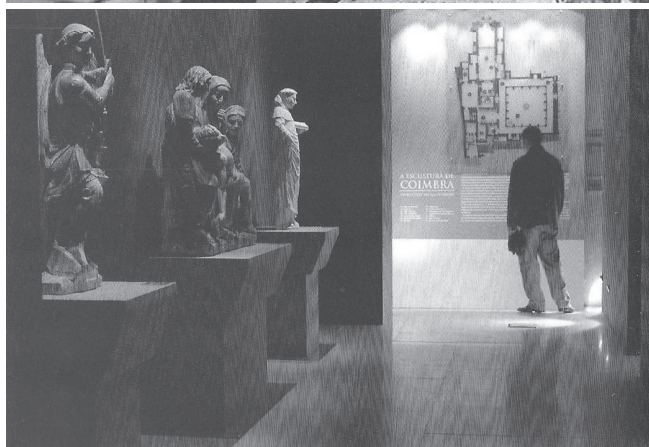
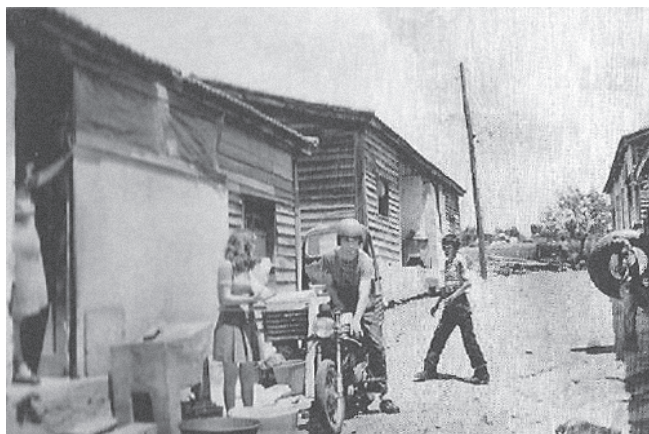
A uma distância suficientemente segura para ter um mínimo de objectividade, pode deitar-se um olhar panorâmico sobre o que de facto se fez na cidade durante o ano cultural, e analisar as intenções e os resultados.

A publicação *Highlights: Coimbra 2003*²⁶ é a referência a que recorro neste sentido, por compilar em jeito de catálogo os pontos altos (*highlights*) de toda a programação de um evento cujo tema escolhido foi *Cultura, Ciência e Cidadania* e que para Abílio Hernandez (responsável máximo pelo evento) significou que “2003 é um ano de festa em Coimbra, mas a festa, por

²⁶ Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*

Fig. 15, 16, 17, e 18 Eventos da CNC 2003 em espaços não convencionais. Da esquerda para a direita: instalação *Cabinas do Mar* no Jardim Botânico; sessão do *Seminário Internacional CidadeSofia*, na Igreja do Carmo; concerto no Mosteiro de Celas e concerto no Jardim da Sereia

Em Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*, pgs. 24, 118, 52 e 75



mais fascinante que seja, não pode esgotar-se no efêmero ou na auto-contemplação. Deve deixar para além de si um rasto, uma marca que permaneça”²⁷.

A totalidade dos eventos executados foi agrupada segundo as categorias de Teatro, Dança, Música, Cinema, Património, Artes Plásticas, Cidade e Arquitectura, Pensamento e Literatura, Ciência e Novas Tecnologias.

O primeiro aspecto relevante é a escolha de lugares para a realização dos vários eventos, desde os mais óbvios como o Teatro Académico de Gil Vicente - cujo protagonismo é manifestamente evidente -, aos menos convencionais como no festival *Mo(nu)mentos Musicais*, que consistiu numa série de concertos nas mais variadas igrejas e capelas do município e espaços abertos a toda a população como o Jardim Botânico e Jardim da Sereia, ou ainda o *Seminário Internacional CidadeSofia*, decorrido na Igreja do Carmo, Igreja de São Pedro e Igreja da Graça, todas localizadas na Rua da Sofia, ou inclusive ainda em escolas, como a exposição *O menino com olhos de gigante*, na Escola Secundária Jaime Cortesão.

O segundo aspecto digno de menção é a amplitude da programação, a oscilar entre o carácter erudito de grande parte dos projectos de teatro, dança e música clássica, e a cultura popular, em eventos como o *I Festival Mundial de Papagaios*, com várias formas de animação de exteriores, ou a *Semana Dos 7 Ofícios*, que se propôs explicar ao público como se trabalha em diversos ofícios artesanais, não esquecendo as especialidades coimbrãs, em eventos como o *I Festival da Guitarra de Coimbra*, durante o qual cada artista deu adicionalmente um *workshop* sobre a sua arte, ou a exposição *A escultura de Coimbra do Gótico ao Maneirismo*, de pertinência maior quando se tem em conta que “Coimbra foi, desde o final do século XIII até ao início do século XVII, o principal centro de produção de escultura [...]”²⁸ do país.

O terceiro (e último) aspecto a fixar foi a abrangência da CNC a nível regional e mesmo suburbano, perceptível em eventos como o *Citemor*, festival de teatro que teve como palcos o Teatro Esther de Carvalho ou o castelo de Montemor-o-Velho, as exposições de artes plásticas no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz, ou iniciativas como o *Relvinha.CBR_X*, que envolveu principalmente os habitantes do bairro da Relvinha, a Norte de Coimbra.

²⁷ Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*, pg. 7

²⁸ *Ibid.*, pg. 102

Fig. 19 Projecto *Relvinha.CBR_X*

Em Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*, pg. 34

Fig. 20 Exposição *A Escultura de Coimbra do Gótico ao Maneirismo*, no antigo refeitório do Mosteiro de Santa Cruz
Em *Ibid.*, pg. 102



No Diário de Notícias do dia 19 de Dezembro de 2004 é escrito que “o impacto da Capital da Cultura em Coimbra, um ano após ter terminado, é avaliado na cidade num espectro que vai do optimismo moderado à desilusão, sendo unânime a crítica à não divulgação dos relatórios do evento”²⁹.

João Maria André faz um balanço manifestamente negativo e responsabiliza principalmente “quem governa a cidade ao nível da autarquia”, perguntando-se “qual o “espectáculo” a que assistimos desde 2003? Que tem feito a autarquia para merecer que esta cidade obtivesse aquela distinção? Casas de espectáculos, espaços desenhados para a arte e para a cultura, funcionando clandestinamente e sem serem oficialmente abertos, continuam por entregar aos criadores que, pela sua actividade, mereceram aquelas residências e que viram esse merecimento fixado em protocolos que permanecem por cumprir”³⁰, rematando ao dizer que “os acordos com as entidades que, em Coimbra, garantem aos cidadãos o direito constitucional de acesso à arte e à cultura são classificados como lesivos dos interesses da autarquia e são unilateralmente rescindidos numa demonstração de força, poder e discriminação ao serviço da mediocridade”³¹.

Abílio Hernandez, presidente da CNC 2003 concluiu em jeito de balanço que “as dinâmicas culturais que foram criadas nessa altura não foram continuadas”³² e que “passaram dois anos e não houve qualquer resposta camarária à nossa manifestação, nem qualquer melhoria [...] Passados dois anos a política cultural da autarquia é simplesmente desastrosa”³³.

Segundo o mesmo, o relatório da CNC 2003 nunca chegou a ser publicado ou discutido publicamente. Numa conferência intitulada *Cidade, arte e política – O valor estratégico da cultura*, que decorreu no dia 20 de Fevereiro de 2008 no Teatro Académico de Gil Vicente, dá a conhecer que “confesso que não sei se leu”³⁴, sobre a entrega ao ministro da cultura à data, e que “o que eu sei é que nunca fui chamado para discutir o relatório. O relatório é extenso, tem a dimensão de uma tese de Mestrado um pouco maior – duzentas páginas [...]. Nunca fui

²⁹ Bonifácio, P. (2008). *Relatórios da Capital da Cultura por divulgar*. Jornal de Notícias, 19 de Dezembro de 2004

³⁰ André, J. M. (2006). *Capital Europeia da Cultura: a lição que Coimbra (não) aprendeu*. Amigos da Cultura [em linha]

³¹ *Id. Ibid.*

³² Bonifácio, P. (2008). *A cultura não vive de esmolas*. Diário de Notícias, 20 de Fevereiro de 2008 [em linha]

³³ André, J. M. (2008). *Mal-estar na cultura em Coimbra*. Amigos da cultura [em linha]

³⁴ *Id.* (2008). *Intervenções na conferência “Cidade, arte e política”*. Amigos da Cultura [em linha]

Fig. 21 *Semana dos 7 Ofícios*

Em Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*, pg. 92

Fig. 22 *I Festival Mundial de Papagaios*

Em *Ibid.*, pg. 141

chamado para o discutir e embora eu nunca tivesse sequer discutido isso ou questionado isso, quando o modelo de capitais nacionais foi dissolvido (depois da Capital Nacional de Coimbra e da de Faro), não houve, pelo menos publicamente, qualquer expressão das razões pelas quais o modelo foi dissolvido”³⁵.

A falta de profundidade dos dados e a homogeneidade no campo de acção dos intervenientes citados - na sua maioria professores universitários - estão longe de garantir um balanço objectivo, mas o que interessa aqui reter é a forma categórica das suas declarações, geralmente negativas e, sobretudo, a confirmação da ausência de um relatório público que permita, por um lado o estudo analítico - tão útil para se ter em conta nos trabalhos semelhantes a este -, bem como na discussão pública e referência para eventos futuros, o que demonstra um desinteresse geral por parte das entidades políticas competentes.

É contudo um dado positivo que algumas iniciativas surgidas expressamente no seio da CNC 2003 tenham conseguido continuar com ritmo, como o clube *Jazz ao Centro*, que mantém ainda os *Encontros Internacionais de Jazz*, em clara tendência de expansão, bem como as publicações que então foram lançadas, especialmente na área da arquitectura e urbanismo, como por exemplo as actas *CidadeSofia*³⁶ e o projecto *Inserções*³⁷, ambos resultado de seminários organizados para discutir as questões da cidade, com incidência particular em Coimbra.

Atente-se porém na inexistência de eventos do ano cultural CNC em espaços do P1, com excepção do emblemático Pátio das Escolas - denotando possivelmente um desconhecimento das suas capacidades, ou uma falta de comunicação entre a universidade e a cidade - e ainda a presença quase nula de pessoas e entidades produtoras de cultura do meio académico.

Por outro lado o modelo aplicado no evento, e principalmente pelos três aspectos antes apresentados, revelou estrutura a manter - naturalmente a melhorar - e cuja sequência natural é uma CEC.

³⁵ André, J. M. (2008). *Intervenções na conferência “Cidade, arte e política”*. Amigos da Cultura [em linha]

³⁶ Actas do Seminário Internacional CidadeSofia, Coimbra, 2003 (2005). *CidadeSofia*

³⁷ Centro de Estudos de Arquitectura FCTUC (2003). *Ecdj: Inserções*. n.º 6/7

Capital Europeia da Cultura 2027

Há uma questão - não propriamente recente - no debate coimbrão sobre a relação entre a universidade e a cidade, que tem produzido bastante discussão - e consequentemente ideias -, e que continuará a ser pertinente enquanto a instituição existir e funcionar, sobre qual a relação entre as duas, e até que ponto conseguem ser (devem?) autónomas uma da outra.

Sobre essa interdependência das duas entidades, e como exemplo, Paulo Varela Gomes afirma pensar que “a Universidade deve participar no governo da cidade, não apenas como uma espécie de “advisory body”, como uma grande empresa que dá uns conselhos, mas como o motor fundamental do desenvolvimento da cidade. Isto é uma ideia que a própria realidade, creio eu, e se calhar infelizmente para Coimbra, se encarregará de demonstrar à medida que a cidade perder vocações que não estejam relacionadas com isto”³⁸.

Ou não funcionarão, porventura, como um organismo só, tal como Alexandre Alves Costa considera descomprometidamente ao afirmar que “esta questão foi sempre difícil de resolver do ponto de vista urbanístico, nunca ficou resolvida e nunca será resolvida até, como nós costumamos dizer a brincar, o Presidente da Câmara se tornar reitor, ou então o Reitor se tornar Presidente da Câmara. É a única solução, não há volta a dar”³⁹.

A manifestação destes dois pontos de vista surgiu no seminário internacional *CidadeSofia*, que questionou “como podem as universidades produzir e projectar um saber contemporâneo que contribua para o desenvolvimento crítico e sustentado das suas cidades de suporte? Ou, no sentido inverso, de que forma são as universidades envolvidas na gestão política das cidades?”⁴⁰. Estes são fragmentos de um primeiro momento do discurso, aquele que é possível quando sobre estas questões se debruçam profissionais e conhecedores da matéria.

A CEC parece-me ser - em jeito progressão natural - um segundo momento, em que a cultura toma as rédeas enquanto meio para a discussão dessa dicotomia, desta vez com o envolvimento da população, dos estudantes e demais visitantes exteriores.

Educação como cultura e/ou cultura como educação é a que considero ser a questão-chave de partida em termos temáticos e ideológicos.

³⁸ Actas do Seminário Internacional CidadeSofia, Coimbra, 2003 (2005). *CidadeSofia*, pg. 39

³⁹ *Ibid.*, pg. 211

⁴⁰ Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*, pg. 120

Como já se observou, a questão do panorama cultural em Coimbra tem menos que ver com a falta de espaços adequados e diversificados, mas mais com factores de programação pouco consistente, públicos dormentes e disfuncionais, divulgação deficiente ou má gestão.

A massa de estudantes vindos de fora da cidade - e do país - tem um peso decisivo na economia e no ritmo da cidade e, no que à cultura diz respeito, traz consigo um potencial de diversificação e novidade, mas pelas mesmas questões de gestão ou dificuldades de fixação, ou talvez pelo curto tempo de permanência, acaba por não se verificar uma expansão da oferta cultural para além dos nichos de mercado e dos públicos que são os “clientes habituais”.

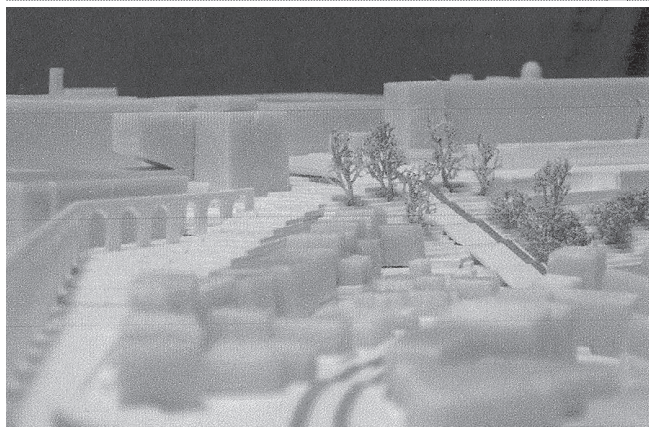
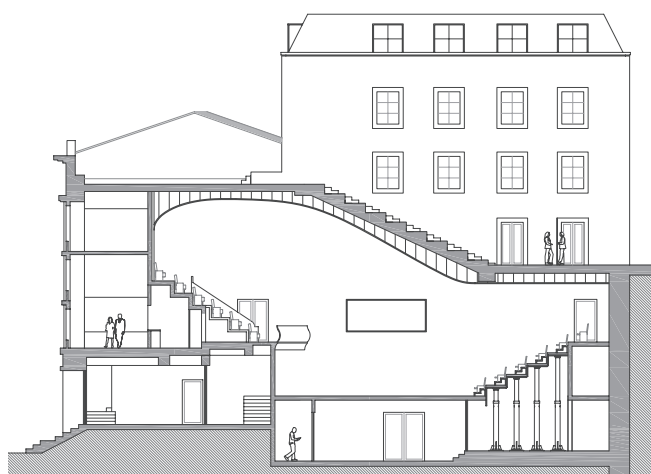
A dispersão de equipamentos com valência cultural/artística em Coimbra será uma mais-valia ou um obstáculo, e a diversidade e potencial que caracteriza a população estudantil pode ser fixada ou deixar-se escapar, tudo dependendo de como se faz a gestão de recursos.

Consoante a época do ano, o P1 passa por amplas variações no tipo de populações que o ocupam e usam os seus espaços, e à frequência com que o fazem, pois durante o ano escolar há um predomínio de ocupação estudantil e presença relativamente constante de turistas, enquanto que no período entre anos lectivos, coincidente com os meses de maior movimentação da época alta, há um número muito reduzido de população estudantil, e um grande aumento de visitas turísticas.

Estas oscilações são uma característica particular da cidade de Coimbra e deverão ser tidas em conta na organização e programação do pólo cultural, bem como da CEC 2027.

Parece-me igualmente importante que não se faça uma programação e calendarização demasiado dirigidas aos novos públicos vindouros, de certa forma os públicos desconhecidos, mais imprevisíveis, e que se aposte fortemente nos públicos “da casa”, tanto enquanto espectadores como produtores de conhecimento e cultura, o que passa por uma divulgação eficaz e adaptável às várias categorias de audiência. É então necessário, não só que o pólo cultural - fora ou dentro da CEC - acompanhe o calendário escolar como também, fundamentalmente, que os seus pontos altos estejam em sintonia com momentos de relevo da academia, pelo que proponho ainda uma parceria com a Associação Académica de Coimbra, no sentido de que, pelo menos durante o ano CEC, e idealmente a longo prazo, se pense numa forma de relacionar as comemorações académicas com a vertente cultural do P1.

De um ponto de vista cultural, é uma oportunidade de confrontar, poder-se-à dizer mesmo tentar alinhar, duas programações habitualmente distintas e desconexas, a da universidade e a da cidade ou talvez até mesmo experimentar uma programação única.



Por fim não podem ser ignoradas propostas e projectos que sendo antigos, aparentemente já esquecidos ou desactualizados, possam facilmente ser considerados descartáveis. Neste sentido chamo a atenção - em particular - para duas teses de mestrado, concebidas por dois antigos colegas de departamento, tendo um deles trabalhado numa solução de “recuperação e reconversão”⁴¹ do Teatro Sousa Bastos e o outro em propostas de “acessibilidade mecânica à Alta de Coimbra”⁴². Este tipo de trabalhos correspondem a uma fase de enorme receptividade e descomprometimento dos estudantes, bem como ausência das pressões e tendências que existem no contexto real, resultando disso mesmo a sua qualidade e importância. No momento de pensar e organizar a CEC, serão mais úteis e pertinentes do que nunca.

Um Pólo cultural na Alta (?)

Num ano cultural CEC regista-se uma afluência extraordinária de visitantes, regionais, nacionais e internacionais - exigindo bem mais do que a capacidade que uma cidade com a dimensão de Coimbra permite - o que habitualmente implica - a nível de organização física - preparação, melhoria e/ou conversão, de espaços, e construção de outros novos. Este carácter excepcional é uma oportunidade de produzir eventos, cativar pessoas e abrir espaços igualmente extraordinários, que não façam parte do modo de vida quotidiano da população.

Relembrando os casos observados de CEC passadas, considero haver em Coimbra margem bastante para a refuncionalização e regeneração de espaços já existentes, que devem ser revistos e potencializados antes de se avançar para qualquer nova construção.

O P1 da UC enquadra-se - por força das circunstâncias - numa situação que pode ser duplamente relevante para a CEC 2027, porque se por um lado chegou a um estado de dormência e isolamento no contexto da cidade, por outro há nele um conjunto de espaços e valências de produção cultural/artística, mas sobretudo de vivência urbana, actualmente

⁴¹ Ferreira, R. (2011). *Sousa Bastos – Recuperação e reconversão do antigo teatro*

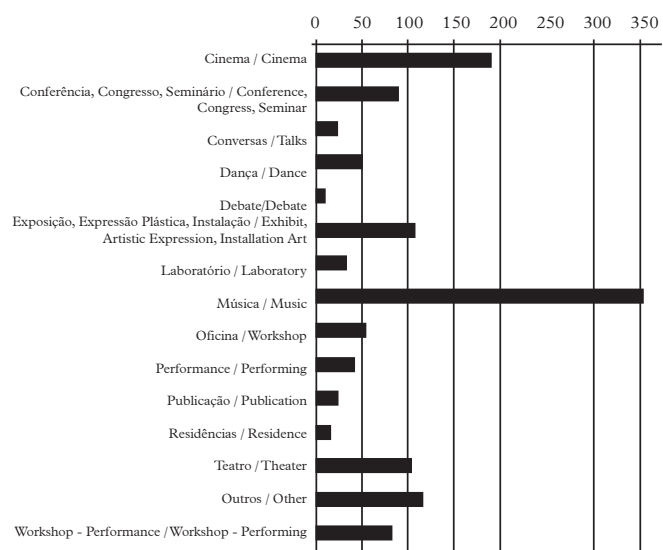
⁴² Pereira, D. (2004). *Entre o mergulho no tempo e a subida à cidade: projecto urbano de acessibilidade mecânica à Alta de Coimbra*

Fig. 23 Corte da proposta de Rui Ferreira para o Teatro Sousa Bastos - solução que desenha e articula espaço urbano, introduzindo o factor flexibilidade na antiga estrutura

Em Ferreira, R. (2011). *Sousa Bastos – Recuperação e reconversão do antigo teatro*, em anexo

Fig. 24 Propostas de David Pereira para acessos mecânicos à Alta

Em Pereira, D. (2004). *Entre o mergulho no tempo e a subida à cidade: projecto urbano de acessibilidade mecânica à Alta de Coimbra*, pg. 188



subaproveitados e que, se resgatados, conseguirão dar uma resposta parcial a um dos maiores desafios de uma iniciativa desta dimensão, a organização e criação de espaço útil.

Em associação à variedade de espaços interiores, efectivamente preparados e exclusivamente destinados à manifestação cultural, desde auditórios, anfiteatros ou até um teatro, os grandes espaços exteriores como o Largo D. Dinis, Largo da Feira ou Pátio das Escolas podem ser complementares pela sua capacidade espacial e simbolismo, constituindo os factores de improvisação e abertura ao público, complementados em contexto CEC por intervenções e estruturas de carácter e permanência efêmeros, no seguimento de arranjos e requalificações mais permanentes do espaço urbano.

A montagem de estruturas temporárias não é uma ideia nova no contexto das CEC. Enquanto que em alguns casos foram construídos equipamentos de raiz, noutros “*needs were met by temporary structures rather than permanent capital improvements. For example the Zeltstad was erected in the centre of Luxembourg as the venue for major music programmes, and the Barnum des Postes site of circus tents in Lille was the venue for a wide range of activities and performances.*”⁴³

O gráfico (Fig. 25) que põe em relação estatística o carácter dos vários eventos com a frequência com que aconteceram na CEC Guimarães 2012, é revelador de como a música e o cinema foram as artes mais acessíveis e susceptíveis de se aproximarem mais de uma maior quantidade e variedade de públicos.

Alargando o espectro de referência ao nível europeu, verificamos que o *Relatório Palmer* (2004) chega a conclusões idênticas, ao afirmar que “*all ECOC cultural programmes included projects taking place in public space. Street parades, open-air events and festivals appeared prominently across the board. For some cities this was very high on their agenda and was often part of a strategy to increase participation in culture. Both the creation of art in public spaces and the organisation of specific events in public space were given considerable attention, and were generally*

⁴³ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. [em linha], pg. 69. Tradução: “as necessidades foram atendidas por meio de estruturas temporárias em vez de melhoramentos permanentes. Por exemplo a *Zeltstad* foi montada no centro de Luxemburgo como o principal palco do programa musical, e o *Barnum des Postes*, local de tendas de circo, em Lille, foi palco de uma grande quantidade de actividades e espectáculos”

Fig. 25 Gráfico que põe em relação tipo de programação e número de eventos realizados na CEC Guimarães 2012 Em Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais Guimarães 2012*, pg. 32

Fig. 26 Estrutura temporária na CEC Lille 2004

Disponível em <http://www.lille.fr/cms/accueil/Mediatheque/Lille3000>

the projects that received the most public and media attention.”⁴⁴, referindo ainda na sequência desta última conclusão, que “*the use of public space [...] was the most common means to increase participation in and to culture*”⁴⁵.

Por serem referências de contextos semelhantes, estes dados vêm sugerir a importância que os espaços públicos exteriores poderão ter no pólo cultural, e inspirar o seu uso.

De uma forma geral, o objectivo do pólo cultural é a requalificação do espaço público no P1 e a exploração de usos alternativos e menos convencionais de espaços habitualmente monofuncionais, uma estratégia desejada enquanto contraponto à lógica que tem vindo a guiar um percurso de gestão do espaço marcado frequentemente pela expansão, mas não necessariamente pela densificação, e que necessita de fundações sólidas assentes no equilíbrio entre o “carácter líquido” e “carácter sólido”, entre a celebração e o desenvolvimento.

⁴⁴ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. [em linha], pg. 59. Tradução: “todas as programações culturais CEC incluíram projectos decorridos em espaço público. Desfiles, eventos ao ar livre e festivais apareceram proeminentemente ao longo do painel. Para algumas cidades isto era tido em alta estima na sua agenda e foi frequentemente uma estratégia para aumentar a participação na cultura. Tanto a criação de arte em espaço público como a organização de eventos específicos em espaço público receberam atenção considerável e foram os projectos que tiveram mais atenção pública e mediática”

⁴⁵ *Ibid.*, pg. 61. Tradução: “o uso do espaço público [...] foi o meio mais comum de aumentar a participação e a acessibilidade à cultura”



3. VISÃO PROSPECTIVA DO PÓLO I

Se a cidade é um sistema de espaços numa amplitude entre a escala da praça e avenida e a escala do largo e beco, postos em constante relação por uma rede das mais variadas funções, também o P1 tem uma variação de escalas e diversidade de espaços que passa despercebida porque, como até aqui se deu a entender, e de certa forma está implícito no nome, é um lugar essencialmente monofuncional, em que quase todos os edifícios são posse da UC e em função dela operam, embora um pequeno conjunto de exceções lhe dê alguma dinâmica.

A primeira vertente aqui analisada é ao nível do conjunto do P1, em que se sintetizam as principais características funcionais dos seus edifícios e envolvente imediata, bem como identificação dos espaços de carácter público em cada um dos edifícios escolares como anfiteatros, auditórios, etc., e consiste essencialmente na localização e apresentação de dados gerais referentes a capacidades dos respectivos espaços. Segue-se uma parte que explora questões relacionadas com transportes e acessibilidade, estacionamento, restauração e alojamento, em jeito de análise de características básicas de funcionamento.

A segunda, ao nível dos três espaços, o Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas - para os quais se deixarão propostas de intervenção - é mais detalhada, averiguando também informação referente a iluminação, acessos, etc. considerando ainda uma breve observação dos espaços exteriores do P1 ao nível de tipos de pavimentos, mobiliário urbano, entre outros.

Intervenções previstas na candidatura a património UNESCO⁴⁶

Ainda que se analise o contexto à data da realização do trabalho, é importante mencionar o estudo geral do Gabinete de Candidatura à UNESCO, que resultou num dossiê de 7 volumes de documentação de um “processo de reorganização da Universidade de

⁴⁶ Para uma síntese gráfica das intervenções referidas, observar a planta do Anexo 3 e confrontar com a planta do Anexo 2

Fig. 27 A relação do P1 com a cidade

Tratada a partir de original em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 146



Coimbra”⁴⁷, principalmente o quinto livro, intitulado *Planos directores*, que analisa em detalhe todos os edifícios universitários da Alta e Rua da Sofia a nível de caracterização arquitectónica, configuração em várias épocas e estado de conservação, para de seguida propôr reorganizações e renovações funcionais em todo o conjunto.

Relativamente ao P1 transparece uma observação crítica pertinente e um reconhecimento da necessidade de arrumação do espaço global, em que nas últimas décadas - fruto da constante expansão da instituição - se foi gerando um certo descontrolo e causou a disseminação de partes de departamentos/faculdades que se foram misturando com outras partes, funcionando nos mesmos edifícios com relativa autonomia entre si, por vezes de forma contraproduktiva. Reconhece-se ainda a necessidade de recuperar a qualidade arquitectónica dos edifícios de um modo transversal, e remover os elementos espúrios e parasitas que entretanto surgiram.

Há que realçar sobretudo as propostas de intervenção para o edifício da actual Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra [FMUC], que se propõe vir a ser o “edifício central”, e que “albergará, de acordo com o Plano de Pormenor da Alta Universitária, diversos programas, incluindo funções comerciais associadas à vida universitária e outros serviços”⁴⁸. O mais importante desta proposta é a preponderância que dá ao pátio central, desprezado pela configuração actual e que permitirá a “utilização de uma nova plataforma para espaço de animação e utilização pública”⁴⁹, ao nível da Rua Larga, o que implica cobrir o actual estacionamento no piso inferior. No piso r/c encontrar-se-á um espaço dedicado à Memória da Medicina, serviços de atendimento da Administração Central da Universidade de Coimbra - com acesso preferencial pela entrada na Rua dos Estudos - espaços que se indicam ser de uso cultural (embora indefinido), lojas e uma área de restauração-bar comum, aberta ao pátio.

Um dos aspectos mais curiosos na configuração actual do P1 é que o edifício da FMUC e o do Departamento de Física/Química [DFQ] têm as posições trocadas. O pátio permeável

⁴⁷ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 9

⁴⁸ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 5, pg. 270

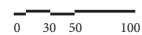
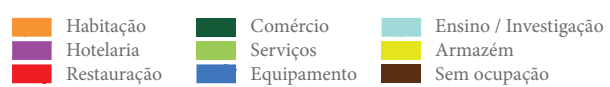
⁴⁹ *Ibid.*

Fig. 28 Estado actual do Colégio da Santíssima Trindade

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 197

Fig. 29 Galeria adulterada de um claustro no Colégio de Jesus

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 252



do segundo é a resposta para uma articulação feita a partir de um centro que o primeiro tem, mas cuja tipologia não se lhe adequa eficazmente, sendo pelo contrário a barreira mais apropriada a um edifício de fronteira como é o primeiro, a marcar o limite do P1 face ao declive acentuado do Jardim Botânico. Uma intervenção - se feita nestes moldes - poderá inverter esta situação e contribuir muito para a regeneração do Largo da Feira e do P1 globalmente.

O segundo edifício para o qual se propõe a intervenção mais radical é o Colégio de São Jerónimo, e que corresponderá a uma reconversão total em hotel.

Para o Colégio de Jesus está destinada uma concentração de todos os actuais museus científicos da UC, que o ocupará totalmente – removendo assim a função de ensino – e que por esta razão constituirá um importante pólo de divulgação científica e regeneração do P1.

As restantes propostas são menos decisivas, mas bastante variadas, como a “revalorização dos espaços exteriores, nomeadamente os terraços a Sudeste, onde continuará a funcionar a esplanada do bar do Departamento de Botânica, e o pátio interior, enquanto espaço de usufruto comum dos utilizadores do edifício”⁵⁰ no Colégio de São Bento, a definição de uma área expositiva no piso -1 do DFQ, “gerida pela Reitoria da Universidade de Coimbra, com autonomia de utilização, permitindo o seu funcionamento independente”⁵¹ e a aquisição do Colégio de Santo António da Pedreira pela UC, para uma consequente transformação em residência de estudantes.

Para o Jardim Botânico propõem-se intervenções que poderão afectar a dinâmica do P1 a longo prazo, como a definição de um sistema de circulação que abre a mata ao público, permite uma nova entrada pela Rua do Arco da Traição e faz a ligação à baixa por meio de elevadores e escadas mecânicas, para além de definir três pontos de interesse e dinamização do jardim, “uma casa de chá que tira partido da paisagem de que se pode desfrutar a meia-encosta; um anfiteatro com capacidade para cerca de 100 pessoas, numa área mais reservada, prevendo-se a possibilidade de aproveitar a antiga casa do jardineiro-chefe para apoio às actividades aqui realizadas; e um edifício destinado a Centro Interpretativo da Natureza”⁵².

⁵⁰ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 5, pg. 124

⁵¹ *Ibid.*, pg. 286

⁵² *Ibid.*, pg. 346

Fig. 30 Planta de caracterização funcional dos edifícios ao nível de contacto com a rua. Atente-se no contraste entre a Alta (predominância da função residencial) e Baixa (predominância de comércio), cuja informação tem com base o desenho análogo em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 7, pg. 37



0 10 30 50



É com agrado que descubro uma tal vontade de intervir a esta escala na Alta, porque se apresenta o tipo de propostas necessário para resolver a desarrumação que é hoje o P1, e que em nada alteram as condições e valências culturais/artísticas que apresento e considero formarem um pólo cultural mas que, pelo contrário, só o complementam e o tornam relevante.

Mas é com relutância e suspeita que as aprecio, porque me parecem ser fragmentos de uma acção sem plano estratégico, aparentemente focada apenas na reorganização espacial, sem que sejam mencionadas, por exemplo, questões relativas a acessibilidade e transportes, ou sugerida uma articulação das várias intervenções, sendo que a proposta de um hotel no Colégio de São Jerónimo surge particularmente precipitada e descontextualizada - quando poderia ser uma oportunidade para a criação de residências temporárias para professores e estudantes, uma função mais necessária e familiar à área do conhecimento -, podendo abrir caminho à sobreposição de interesses turísticos e privados, perturbando o que tem de ser um ambiente minimamente isolado e livre de distrações, que actualmente tem condições para ser simultaneamente pólo de ensino e da cultura, condição rara e valiosa.

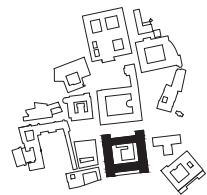
3.1 O conjunto e seus componentes

A esmagadora maioria dos edifícios que integram o actual conjunto do P1 e as suas funções são predominantemente orientados para o ensino e administração da instituição.

No entanto praticamente todos os edifícios têm funções de excepção, não orientadas para o ensino e não destinadas exclusivamente à comunidade estudantil, como sendo:

- Os museus no Colégio de S. Bento, Colégio de Jesus, Colégio de São Jerónimo, Laboratório Químico, e de certa forma todo o conjunto do Paço das Escolas;
- A Sé-Nova Catedral, no Colégio de Jesus e a Capela de São Miguel, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra [FDUC];
- O posto de informação turístico e loja da UC, no átrio da Biblioteca Geral;
- A cafetaria do Museu da Ciência, que funciona de forma autónoma a este;
- O Centro Cultural D. Dinis, no edifício do Colégio das Artes, cuja programação é essencialmente direccionada aos estudantes ou relativa aos temas académicos;

Fig. 31 Planta do espaço interior no P1 ao nível de contacto com o solo (informação adicional no Anexo 1)



No anel imediatamente em volta do P1, a níveis geralmente inferiores encontramos:

- O bairro da Alta, a Oeste, essencialmente reservado às funções residencial e algum (muito pouco) pequeno comércio, com exceções como o conjunto da Sé-Velha e o MNMC. É aqui que se encontra a maior concentração de repúblicas estudantis de toda a cidade;
- A Rua Padre António Vieira, a Norte, essencialmente residencial e muito ocupada por estudantes;
- O Jardim Botânico, inacessível a partir desse lado pela configuração do terreno e o Instituto Universitário Justiça e Paz, a Sul;
- A Este uma quantidade de equipamentos da UC como cantinas e cafetarias, o Teatro Académico Gil Vicente e um núcleo de restauração em torno da Praça da República, que se prolonga pela Avenida Sá da Bandeira, que correspondem ao principal núcleo de animação nocturna da cidade;

Há que realçar a quantidade e densidade anormalmente grandes – relativamente a outras cidades portuguesas da mesma dimensão – de vegetação e espaços verdes, sendo que praticamente anexados ao P1 se encontram o Jardim Botânico e o Jardim da Sereia.

Espaços interiores⁵³

Auditórios e anfiteatros

Auditório da reitoria⁵⁴

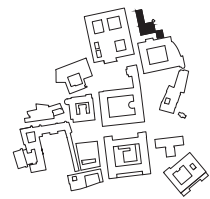
- Localização: DFQ da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra [FCTUC], piso -3, com acesso a partir do exterior, pelo pátio central;
- Tipo de uso: principalmente escolar e para as demais iniciativas relacionadas com a instituição, podendo receber iniciativas exteriores como congressos e conferências;

⁵³ A localização de todos os pisos tem como referência de base (piso 0) o nível da Rua Larga

⁵⁴ A informação técnica citada está disponível na página online da FCTUC. Disponível em <http://www.uc.pt/auditorio>

Fig. 32 Auditório da Reitoria

Disponível em http://www.uc.pt/auditorio/galeria_i



- Capacidade: 495 lugares sentados, adaptável a 200 lugares por meio de um sistema de cortinas que cortam a meio o espaço total. Possibilidade de colocar 100 lugares adicionais, aumentando a capacidade total para 595 lugares sentados;
- Espaços e valências de apoio: átrios de exposição, estúdio de videoconferência com capacidade para 15 pessoas, cabines de tradução simultânea, salas para secretariado, sala de acolhimento de congressistas, *Media Room*, salas de apoio, cafetaria, acesso a elevador para efectuar serviços de montagem e desmontagem para o auditório e púlpito;
- Outros: dispõe de elevadores e rampas de acesso para pessoas com mobilidade reduzida e de dois pisos com capacidade para receber almoços ou jantares e festas; cantina/cafetaria do DFQ;

Auditório do Museu da Ciência⁵⁵

- Localização: Laboratório Chímico, piso r/c;
- Tipo de uso: escolar e iniciativas que de algum modo se relacionem com a actividade e âmbito do museu, com custos associados e carecendo de autorização prévia da Direcção ;
- Capacidade: cerca de 90 lugares sentados;
- Espaços e valências de apoio: tela e equipamento de projecção, loja com artigos relacionados com o museu e com a ciência;
- Outros: serviço de cafetaria/bar (com valência de restaurante) por concessão, aberto ao público em geral e com horário autónomo ao do museu;

Anfiteatros do Departamento de Física/Química

- Localização: DFQ da FCTUC, piso r/c;
- Tipo de uso: escolar e iniciativas exteriores como, por exemplo, conferências ou seminários;
- Capacidade: dois anfiteatros com cerca de 265 lugares sentados cada;
- Espaços e valências de apoio: cafetaria/cantina da faculdade;

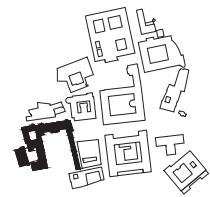
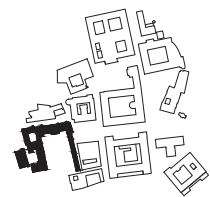
⁵⁵ A informação técnica citada está disponível no regulamento interno do Museu da Ciência [em linha]. Disponível em <http://www.museudaciencia.org/>

Fig. 33 Auditório do Museu da Ciência

Em Disponível em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 3, pg. 124

Fig. 34 Anfiteatros do DFQ

Disponível em <http://algol.fis.uc.pt/quark/>



Auditório de Direito⁵⁶

- Localização: FDUC, piso -2, com acesso pelo interior da faculdade e exterior;
- Tipo de uso: escolar e iniciativas no âmbito da UC e exteriores, com custos associados e carecendo de autorização prévia da Direcção;
- Capacidade: 472 lugares sentados;
- Espaços e valências de apoio: sala de secretariado, sistema de tradução simultânea – 2 cabines e 300 auriculares, cabines de projecção, gravação de audio e projecção de imagem, sonorização e internet; o auditório é cedido com climatização, sistema de iluminação instalado e respectivo mobiliário;
- Outros: serviço de cafetaria/bar próprio e proximidade da cafetaria principal da faculdade;

Relativamente à FDUC, o dossiê de candidatura UNESCO refere uma intervenção geral de “reorganização funcional e racionalização espacial”⁵⁷, que entre outras alterações prevê a criação de uma loja ao nível do r/c, imediatamente junto da entrada principal, a renovação e ampliação do Museu de Arte Sacra, que estará situado no espaço actualmente vazio entre a Capela de S. Miguel e o auditório da faculdade, com um espaço de exposição adicional no claustro de Direito, ao nível do piso 2.

Anfiteatros de Direito

- Localização: FDUC, pisos r/c e 1;
- Tipo de uso: habitualmente de uso exclusivamente escolar, embora estando aptos para iniciativas exteriores como conferências e congressos;
- Capacidade: áreas úteis a oscilar entre os 80m² e os 190 m²; quatro no piso r/c e 7 no piso 1;
- Outros: serviço de cafetaria/bar da faculdade;

⁵⁶ A informação técnica citada está disponível no regulamento interno da FDUC [em linha]. Disponível em <http://woc.uc.pt/fduc/genericpagefiles/Regulamento%20do%20Auditorio1.pdf>

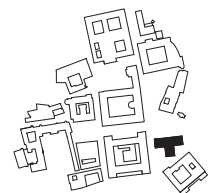
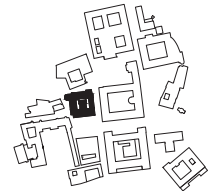
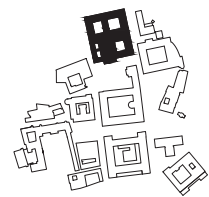
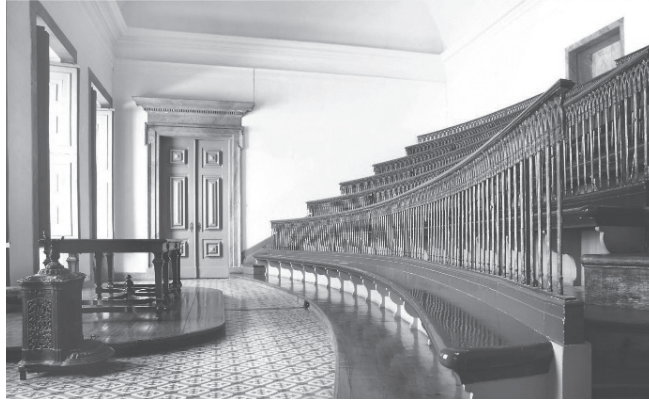
⁵⁷ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 5 [em linha], pg. 50

Fig. 35 Auditório da FDUC

Disponível em <http://worldheritage.uc.pt/pt/#pacoreal/>

Fig. 36 Anfiteatro tipo da FDUC

Disponível em <http://www.fotosetc.com.br/turismo/>



Anfiteatros do Colégio de Jesus

- Localização: Colégio de Jesus, piso r/c e 1;
- Capacidade: cerca de 90 lugares sentados; 1 no piso r/C e dois no piso 1;
- Tipo de uso: habitualmente de uso exclusivamente escolar, embora estando aptos para iniciativas exteriores como conferências e congressos;

Anfiteatros de Letras

- Localização: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [FLUC], piso r/c;
- Tipo de uso: habitualmente de uso exclusivamente escolar, embora estando aptos para iniciativas exteriores como conferências ou congressos;
- Capacidade: 178 lugares sentados no anfiteatro semicircular a Oeste e 90 lugares sentados no anfiteatro a Norte, acima da entrada ao nível da Rua S. João;
- Outros: serviço de cafetaria/bar da faculdade;

Anfiteatros de Matemática

- Localização: Departamento de Matemática da FCTUC, 2 no piso r/c e outros 2 no 2º piso;
- Tipo de uso: habitualmente de uso exclusivamente escolar, embora estando aptos para iniciativas exteriores como conferências e congressos;
- Capacidade: cerca de 110 lugares cada;
- Espaços e valências de apoio: telas e equipamento de projecção em cada um;
- Outros: serviço de cafetaria/bar da faculdade;

Fig. 37 Anfiteatro do Colégio de Jesus

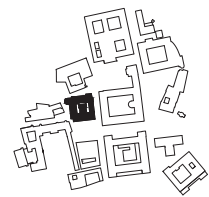
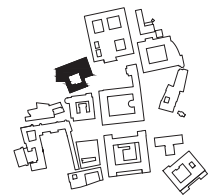
Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 255

Fig. 38 Um dos anfiteatros da FLUC

Disponível em <http://ritarigueirasamarta.wordpress.com/2012/04/23/praxe-academica-em-debate-na-faculdade-de-letras-jornal-a-bola/>

Fig. 39 Anfiteatro-tipo do Departamento de Matemática

Disponível em <http://worldheritage.uc.pt/pt/#depmatematica>



Auditório do Museu Nacional Machado de Castro⁵⁸

- Localização: Igreja de S. João de Almedina, piso r/c com acesso a partir do Largo Dr. José Rodrigues, sendo parte integrante do MNMC;
- Tipo de uso: não se encontra ainda concluído, mas em princípio estará apto para conferências e congressos;
- Capacidade: 196 lugares sentados;
- Outros: serviço de cafetaria/bar do museu;

Teatros

Teatro Paulo Quintela

- Localização: FLUC, com acesso principal a partir do *foyer* do piso -1 e acesso à bancada superior a partir do átrio principal, no piso r/c;
- Tipo de uso: principalmente escolar ou relacionado com a UC, podendo receber iniciativas exteriores como concertos, teatro, dança, projecções de cinema, conferências e seminários;
- Capacidade: 260 lugares sentados⁵⁹, palco com cerca de 70 m²;
- Espaços e valências de apoio: cabine de projecção e camarins (no andar inferior);
- Outros: serviço de cafetaria/bar no piso 1;

Está previsto um projecto de recuperação do teatro, dado que actualmente este “não reúne [...] as condições necessárias para a encenação de qualquer espectáculo; o subdimensionamento da caixa de palco e a ausência de infra-estruturas de conforto e segurança necessárias para a realização de espectáculos estão na origem do presente projecto

⁵⁸ A informação técnica citada resulta da análise dos desenhos cedidos pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos

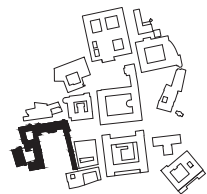
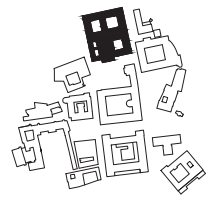
⁵⁹ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6 [em linha], pg. 301

Fig. 40 Interior da Igreja de São João de Almedina, futuro auditório do MNMC

Cedida pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos

Fig. 41 Teatro Paulo Quintela

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 296



de remodelação”⁶⁰. Diz a memória descritiva que o projecto pretende “[...] melhorar o ângulo de projecção sobre a tela; criar condições para a realização de colóquios onde seja necessária a tradução simultânea; criar condições para a montagem ou apresentação de espectáculos de teatro e musicais; melhorar as condições de conforto de utilização para os utentes e actores”⁶¹. Prevê-se ainda a transferência da actual cafetaria da FLUC para um espaço imediatamente abaixo do anfiteatro a Noroeste, com comunicação com uma plataforma exterior e que lhe servirá de explanada, pelo que se torna possível um funcionamento autónomo à faculdade. Isto significa a possibilidade de demolir o acrescento sobre o corpo do teatro, onde funcionava a cozinha, e o uso do restante espaço para uma loja de venda das publicações da instituição.

Igrejas (com culto)

Catedral Sé Nova

- Localização: Largo da Feira, a partir do qual se faz o acesso ao nível r/c;
- Tipo de uso: litúrgico, tendo valência cultural para concertos de música;
- Capacidade: área da nave central de cerca de 530 m², lugares sentados e em pé;
- Outros: órgão de tubos operacional e excelentes propriedades acústicas;

Capela de São Miguel

- Localização: Paço das Escolas, com acesso a partir do pátio ao nível do r/c;
- Tipo de uso: litúrgico, tendo valência cultural para concertos de música;
- Capacidade: área da nave central de 170 m², lugares sentados e em pé;
- Outros: órgão de tubos operacional e excelentes propriedades acústicas;

⁶⁰ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6 [em linha], pg. 301

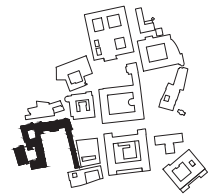
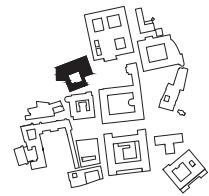
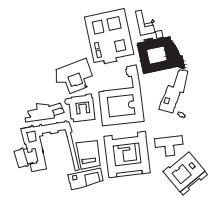
⁶¹ *Ibid.*, pg. 302

Fig. 42 Nave central da Sé Nova

Disponível em <http://worldheritage.uc.pt/pt/#colegiojesus/>

Fig. 43 Capela de São Miguel

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 171



Espaços de exposição

Colégio das Artes

- Localização: Colégio das Artes, piso r/c, com acesso a partir do claustro;
- Tipo de uso: manifestações culturais; artes visuais e plásticas, cinema e *performance*;
- Capacidade: cerca de 560 m² de área interior, 2300 m² de área na galeria e claustro;
- Espaços e valências de apoio: cafetaria no piso 1, galeria e claustro valem como espaços de exposição complementares no exterior;
- Observações: actual incompatibilidade com exposições que necessitem de luz natural;

Sala temporária do Museu Nacional Machado de Castro

- Localização: MNMC, piso r/c com acesso a partir do interior e do pátio central;
- Tipo de uso: exposições temporárias e conferências;
- Capacidade: cerca de 120 m²;

Outros

Sala dos Capelos

- Localização: FDUC, piso 1, com acesso exterior a partir das escadas da reitoria;
- Tipo de uso: habitualmente cerimónias académicas de grande relevância, podendo ser usada enquanto auditório, carecendo de autorização prévia da Direcção;
- Capacidade: cerca de 310 m², lugares sentados e em pé;

Fig. 44 Sala de exposições do Colégio das Artes

Disponível em <https://pt-pt.facebook.com/pages/Col%C3%A9gio-das-Artes-UC/204144972959441>

Fig. 45 Sala de exposições temporárias do MNMC

Disponível em <https://pt-pt.facebook.com/pages/Museu-Nacional-de-Machado-de-Castro/145797318798963>

Fig. 46 Sala dos Capelos

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 3, pg. 177



0 10 30 50



Espaços abertos

Estes são uma alternativa à realização de actividades culturais/artísticas em espaços convencionais, e têm o poder de suscitar a envolvimento e o espírito de participação na população, para além de terem associado o factor democratização de acesso e ocupação do espaço, e de servirem em muitos casos enquanto alavanca e estímulo para operações mais, ou menos, vastas de regeneração urbana.

Assim o afirmo com base na experiência bastante satisfatória de alguns casos concretos - na própria cidade de Coimbra - principalmente o *Jazz@Quebra*, série de concertos de verão ao ar livre nas escadas do Quebra Costas. Os músicos ocupam geralmente um dos patamares, enquanto que os espectadores se vão distribuindo espontaneamente pelos degraus das escadas, soleiras das portas ou esplanadas, essencialmente onde puderem repousar, formando uma audiência que se transforma constantemente, ao ritmo da circulação das pessoas no espaço.

O jazz tem sido curiosamente o denominador comum de algumas iniciativas que, directa ou indirectamente, consciente ou inconscientemente, encontram uma forma de contribuir para a animação de espaços inertes da cidade. De facto Coimbra fez nascer ainda o *Jazz ao Centro Clube* (JACC), como uma consequência da 1ª edição do festival *Encontros Internacionais de Jazz*, no âmbito da CNC 2003, e que não parou de se fazer anualmente desde então.

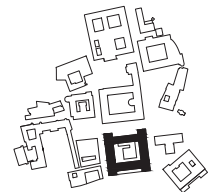
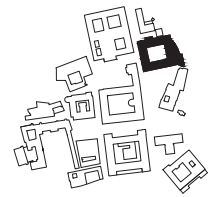
Relativamente à 12ª edição (2014) vale a pena observar os registos da comunicação social e referir alguns aspectos pertinentes. A escolha dos vários espaços foi eclética, desde os mais comuns como o TAGV, passando por outros em recente ascensão como o Salão Brazil e o Centro Cultural Dom Dinis, não ignorando outros mais arriscados e não convencionais como a igreja do mosteiro de Santa Clara-a-Velha, a Casa Museu Bissaya Barreto e o átrio do MNMC. A reportagem de cobertura da *Jazz.pt*, afirma que se tratou “de umas das mais equilibradas, em termos de qualidade, e bem-sucedidas, no que respeita à numerosa adesão do público, edições do evento organizado anualmente pelo Jazz ao Centro Clube”⁶².

Num artigo do jornal *Ípsilon* que documenta a história do JACC, descobrimos que a certa altura o clube organizou “uma grande festa no Hot Clube, no espaço do jardim que raramente tinha sido utilizado, e toda a gente ficou surpreendida com o trabalho apresentado”⁶³, o que confirma a curiosidade e apetência do clube por espaços esquecidos.

⁶² Catarino, N. e Pais, E. (2014). *Coimbra em grande*. Revista jazz.pt, 06 de Junho de 2010 [em linha]

⁶³ Catarino, N. (2010). *Foi um jazz que lhes deu*. Jornal Ípsilon, 24 de Junho de 2010 [em linha]

Fig. 47 Planta de espaços abertos no P1 ao nível de contacto com o solo (informação adicional no Anexo 4)



Voltando às CEC o *Relatório Palmer* (2004) concluiu, num apanhado geral, que “*street parades, open-air events and festivals appeared prominently across the board. For some cities this was very high on their agenda and was often part of a strategy to increase participation in culture*”⁶⁴.

Sobre a CEC Guimarães, o relatório de impactos revela que “[...] um quarto dos 1300 eventos identificados ocorreu fora dos espaços listados ou em espaço público, seja na cidade, seja nas restantes freguesias do concelho”⁶⁵.

Não obstante o entusiasmo que estas constatações suscitem, porque o devem fazer, há alguns reparos a fazer sobre diferenças fundamentais entre a situação da cidade de Guimarães e aquela de Coimbra. Se no caso das referências dadas, o espaço público corresponde a um conjunto de lugares totalmente inseridos nos vários ritmos de vida diários da população e num esquema polifuncional, no segundo, e ao imaginar o pólo cultural, é necessário ter em atenção que os espaços públicos em questão estão inseridos num esquema essencialmente monofuncional de uma população muito específica e imutável, e portanto afastados do ritmo de toda a restante população da cidade. Essencialmente é a diferença entre uma situação de espaços onde o cruzamento e encontro se dão espontânea e naturalmente, e uma outra em que tudo isso terá de surgir, algo que uma frequente e organizada actividade cultural conseguirá.

Rua Larga

Ao longo do eixo vertebral que é a Rua Larga – sobretudo desde o seu início a Este, entre os edifícios da FMUC e do DFQ, até à Porta Férrea - há efectivamente um ambiente de rua, resultado de uma combinação de factores como a quantidade de entradas principais que

⁶⁴ Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture* [em linha], pg. 59. Tradução: “Desfiles, eventos ao ar livre e festivais apareceram proeminentemente ao longo do painel. Para algumas cidades isto era tido em alta estima na sua agenda e foi frequentemente uma estratégia para aumentar a participação na cultura.”

⁶⁵ Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais – Guimarães 2012*, pg. 32

Fig. 48 Concerto na igreja do mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Disponível em <http://www.jazz.pt/report/2014/06/06/coimbra-em-grande/>

Fig. 49 Concerto do *Jazz@Quebra*, nas Escadas do Quebra-Costas

Disponível em <http://coimbra.preguicamagazine.com/2013/07/10/e-jazz-e-e-no-quebra/>

Fig. 50 *Claustrofobia*, espectáculo de curtas-metragens musicadas ao vivo, no claustro do Colégio das Artes, organizado pelo núcleo de estudantes do curso de Arquitectura

Disponível em <http://www.revistavialatina.com/?p=2073>

Fig. 51 Mega Convívio na galeria do DFQ, organizado pelo núcleo de estudantes de Química

Disponível em <https://www.facebook.com/nequiaac>



para aí convergem, a abundância de mobiliário urbano, vegetação e, de certa forma, a escassez e circulação condicionada do tráfego rodoviário.

O Largo D. Dinis é uma excepção neste trajecto, pela ausência de mobiliário urbano adequado, vegetação de sombreamento e delimitação clara e consolidada do espaço.

O largo da Porta Férrea é o espaço em que se consegue encontrar mais características de uma praça no P1, pelo cruzamento de passagens de que é palco e pelo perímetro praticamente todo edificado, ainda que actualmente ocupado por estacionamento em grande parte. A FLUC e a Biblioteca Geral oferecem as fachadas mais generosas de todo o conjunto urbano do P1, com a sua variedade de espaços para parar e repousar, nos muretes e demais espaços intercolúnios, bem como boa exposição solar.

Claustros e pátios

Uma característica praticamente geral de todos os edifícios são os claustros ou pátios em torno dos quais se organizam, e embora a importância e grau de ocupação que têm seja variada de caso para caso, a diversidade de configurações e escalas é notável (Fig. 31).

O pátio interno (o miolo negativo) do edifício do DFQ começa na galeria ao nível da Rua Larga, que a acompanha, e em direcção à parte traseira do edifício vai-se desdobrando por vários níveis, a cotas diferentes, numa alternância entre zonas cobertas e descobertas, repletas de conjuntos banco/canteiro e alguns bancos corridos mais compridos, adossados às paredes.

No nível mais baixo, um volume negativo perfurado na massa da parte traseira do edifício, de limites definidos por colunata, forma um autêntico “salão” que se abre sobre a mata do botânico e a paisagem a Sul da cidade, de dimensões generosas (em demasia) e com alguns bancos corridos. Este conjunto de circunstâncias estabelece um cenário urbano com alguma

Fig. 52 Vista da Rua Larga, com o edifício da FMUC

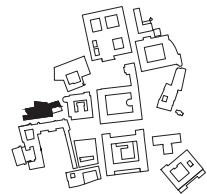
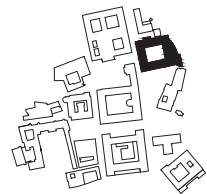
Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 350

Fig. 53 Vista da Rua Larga, com o pátio do edifício do DFQ a abrir-se a partir da galeria

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 5, pg. 274

Fig. 54 Vista da Rua Larga, com o Largo da Porta Férrea ao fundo

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 193



densidade e variedade, que depois não encontra actividade em proporção que o justifique, porque nas traseiras há apenas uma rua onde praticamente só se faz circulação automóvel, não havendo um padrão que permita o cruzamento de percursos.

Ainda que a galeria ao nível da Rua Larga acabe por ser o espaço de permanência por eleição, o pátio é uma situação excepcional em todo o conjunto do Estado Novo e o edifício é notável por experimentar uma solução de espaço público e de convívio surpreendentemente ousada e afastada dos modelos autoritários vigentes à época e forçados pelo regime.

No Pátio das Escolas, o culminar do eixo estruturante do P1, o espaço apresenta-se ao indivíduo com bastante cuidado, alguma distância até, pela ausência de mobiliário urbano planeado e com presença e existência apenas daquele tipo mais accidental que são as várias escadarias dos edifícios circundantes, como ainda pela grande extensão do espaço vazio e descoberto. Espaço de apresentação e representação da universidade por excelência, tem um carácter mais cerimonial e formal e será analisado em detalhe mais à frente.

Os edifícios mais antigos do conjunto são, curiosamente, aqueles em que este tipo de espaço tem mais presença e uso. O claustro do Colégio das Artes é de todos os claustros o maior, com cerca de 1400 m² de área útil, ideal para as mais diversas actividades. Ainda está presente na memória recente um evento de cinema musicado ao vivo, organizado pelos próprios alunos do curso de arquitectura, sendo que “por parte do público os elogios a esta sintonia entre música e cinema forma concordes”⁶⁶, embora seja uma desilusão que dele não se faça uso com mais frequência.

O Pátio da Casa dos Melos (antiga Faculdade de Farmácia e actualmente parte da FDUC), embora bastante mais pequeno, com cerca de 250 m², é também um espaço exterior e enclausurado, mais íntimo, bastante sugestivo e pertinente para actividades de menor audiência.

Recentemente foi elaborado pelo arquitecto Álvaro Siza um projecto para a nova biblioteca da FDUC, e que altera substancialmente todo o conjunto composto pela Casa dos Melos, Casa dos Contadores e um conjunto de edificações recentes sem qualquer valor arquitectónico. Para além da renovação funcional - de certa forma com uma vertente cultural

⁶⁶ Pais, M. e Vilão R. (2012). *O cinema mudo ganhou voz*. Via Latina [em linha]

Fig. 55 Claustro do Colégio das Artes

Cedida pela RUAS - Associação Univer(s)idade, da autoria de Manuel Ribeiro

Fig. 56 Pátio da Casa dos Melos

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 3, pg. 129



- o projecto tem em conta a qualidade do pátio, mantendo-o e fazendo dele o acesso principal, “cujo redesenho contempla a conservação da arcada, que apesar de não ser original tem interesse arquitectónico dada a elegância das suas proporções”⁶⁷, eliminando as árvores e demais vegetação existente e, conseqüentemente, tornando-o completamente vazio e desimpedido.

Considero ainda relevantes um conjunto de espaços e cantos mais discretos, menos convencionais e mais secundários, espalhados pelo P1 e para os quais imagino apropriações mais espontâneas, quase acidentais, por parte de artistas de rua e para actividades de menor escala, o que poderá ser explorado de forma intensa e experimental em contexto real de CEC.

Os vários patamares das escadas monumentais, cada um numa combinação de plataforma com profundidade de cerca de 4 metros e conjunto de degraus, sugerem uma sucessão de anfiteatros ao ar livre, tendo a cidade como cenário, situação algo semelhante - apesar das diferenças de escala - às escadas de Minerva, junto à Biblioteca Joanina.

O pátio triangular nas traseiras do Departamento de Matemática, imediatamente no exterior da sua cafetaria/restaurante, na cobertura do que é actualmente a Casa da Lusofonia, bem como o terraço do Colégio de S. Bento com vista sobre o Jardim Botânico, ou o largo de forma triangular entre os colégios das Artes e de São Jerónimo, com uma colunata circular no centro e bordado por jardim a Oeste, ou ainda os espaços na frente do Colégio de São Bento e ao longo da Calçada Martim de Freitas, enquadrados pelos pilares do aqueduto de São Sebastião - que se destacam na Alta por serem quase as únicas superfícies relvadas fora dos edifícios - são ainda outros espaços adicionais dignos de menção.

⁶⁷ Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6 [em linha], pg. 217

Fig. 57 Escadas Monumentais. Actualmente já não existem as árvores que se vêem à esquerda da imagem, o que diminui o nível de conforto da permanência no espaço e torna mais cansativa a subida

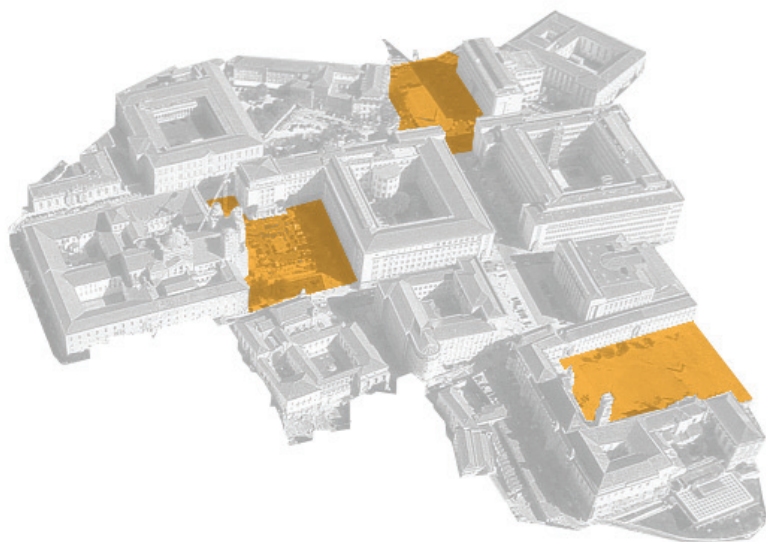
Disponível em <http://babi-student.blogspot.pt/2013/03/nem-todos-os-dias-sao-normais-calhar-bem.html>

Fig. 58 Escadas de Minerva

Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6, pg. 96

Fig. 59 Superfície relvada que vai serpenteando por entre a estrutura do Aqueduto de São Sebastião, com o Colégio de São Bento e o Departamento de Matemática em segundo plano

Disponível em <http://passeiosturisticoemcoimbra.wordpress.com/2012/04/14/aqueduto-de-sao-sebastiao/>



3.3 Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas

Os três espaços formam um triângulo estrutural de circulação e articulação de zonas e espaços de interesse no P1. Ao fazer-se a analogia com a estrutura de uma cidade, à primeira vista aparentam ser as praças da Alta universitária, ainda que depois de uma observação mais atenta se nos seja revelado que, pela organização funcional e física, a realidade é bem diferente.

São simbólicos pela forma como sintetizam um retrato tão completo da história da Alta universitária. O Largo D. Dinis ilustra o carácter do plano do Estado Novo quase na perfeição, não fosse a ausência dos pórticos monumentais de ligação das massas e o Colégio de São Jerónimo resistir para quebrar a simetria e congelar a imagem de um processo; o Largo da Feira denuncia a recusa de comunicação entre escalas e articulação de épocas, bem como o descuido que lentamente vai consumindo o P1; o Pátio das Escolas é um registo mais saudável e harmónico denunciando apesar de tudo, através do contrastante tratamento cuidadoso, as tendências da instituição relativamente à gestão e conservação dos seus espaços.

Apesar das diferenças que se observam na sua forma, na caracterização funcional dos edifícios que os envolvem e no modo de acesso a, e a partir de cada um, são os três bastante semelhantes nas dimensões e na área útil total.

Em estados de conservação e operacionalidade diferentes, são no geral os principais candidatos a intervenções no espaço urbano e reúnem ainda as melhores condições para serem os palcos principais das actividades em exterior do pólo cultural e no contexto da CEC 2027.

Nesse sentido as suas características são analisadas com mais profundidade e apresentadas por meio de descrições e representações gráficas que os clarifiquem à luz dos seguintes critérios:

- A forma do espaço e volumetria da envolvente (com valores de área úteis);
- Carácter e localização dos pavimentos existentes;
- Carácter e posicionamento dos elementos de iluminação pública;
- Carácter do mobiliário urbano, elementos infraestruturais e vegetação;
- Exposição solar e aos ventos;

Fig. 60 Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas, no contexto do P1.

Tratada a partir de original em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 146



Largo D. Dinis

Leitura crítica

Em tempos ocuparia este espaço - sensivelmente a meio do actual largo - o castelo do burgo medieval, associado à Porta do Sol, uma das entradas principais no núcleo muralhado, que pela configuração de terreno, bastante menos agressiva do que no resto da colina, permitia um acesso mais confortável - ainda que por isso menos seguro - o que veio ganhar mais importância com o desenvolvimento dos transportes mecanizados.

Deste ponto de vista é natural que o projecto do Estado Novo para a Cidade Universitária não tenha ignorado este aspecto, e parece de facto ter-lhe reservado um carácter oficial de chegada e entrada no conjunto, pelas dimensões do espaço, pelos pórticos que fariam a ligação volumétrica entre todos os edifícios definidores da sua envolvente e pela terminação das Escadas Monumentais, a penosa súbida à colina e transição simbólica entre cidade e universidade, dando início ao eixo rigorosamente estruturante do conjunto com remate no Paço das Escolas.

A observação da maquete de projecto para o espaço (Fig. 63) permite imaginar o efeito esmagador destas estruturas, que ironicamente seria atenuado pela presença da estátua régia de D. Dinis, a própria igualmente incapaz de escapar ao esmagamento, e um elemento que criaria uma escala intermédia e geradora de alguma ambiguidade no espaço.

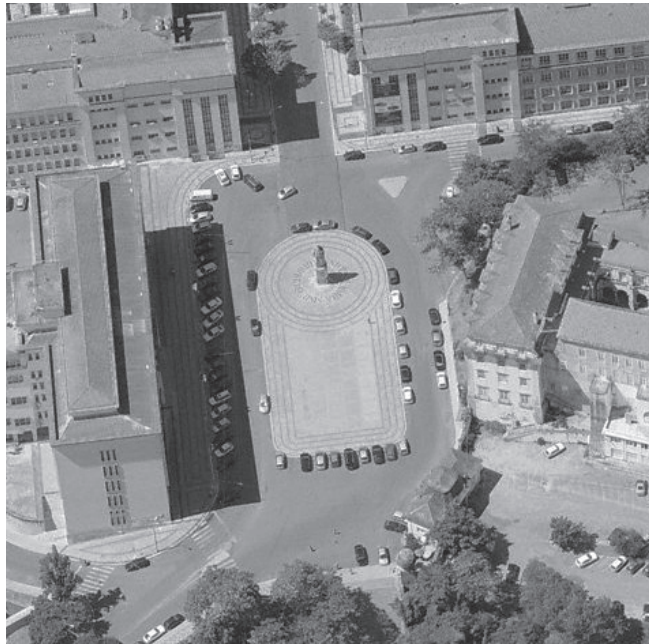
Parece ter sido pensado como espaço simbólico e de representação, pouco motivador do convívio e permanência, que apesar de tudo a existência de algumas árvores poderia contrariar.

O que acabou por resultar da reforma do Estado Novo, e que hoje existe, difere bastante do que foi idealizado pelo regime. Os pórticos não chegaram nunca a ser construídos, bem como um edifício que ocuparia o lugar do actual Colégio de São Jerónimo, em simetria com o Departamento de Matemática e, como consequência, a monumentalidade desejada e imaginada - ou pelo menos a definição e contenção claras do espaço - não se atingiu, sendo o

Fig. 61 Arco que marcava a entrada no Bairro da Alta, cujos vestígios ainda são visíveis no Colégio de São Jerónimo
Em Rosmaninho, N. (2006). *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*, pg. 147

Fig. 62 O mesmo arco, de um ponto de vista oposto ao da figura anterior, e já em processo de demolição
Disponível em <http://www.projetofragmentos.com/>

Fig. 63 Maquete de projecto da Cidade Universitária, mostrando o que seria o Largo D. Dinis
Em Rosmaninho, N. (2006). *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*, pg. 241



resultado final de tudo isto um espaço sem escala e contornos precisos.

A Cidade Universitária não previa uma articulação íntima e animada com o espaço urbano envolvente, por razões ideológicas e políticas, e a partir das premissas estabelecidas pelo projecto, já por si extremamente condicionantes, muitas questões aguardam ainda hoje por solução e nunca foram resolvidas adequadamente, pelo violento e seco confronto de escalas em jogo, não tendo sido trabalhados aspectos como, por exemplo, a força que o eixo Escadas monumentais/Porta Férrea tem e que se perde completamente no nível inferior, na Rua Castro Matoso, porque não há um seguimento espacial lógico ou um remate proporcional definido.

Também o espaço alcatroado para circulação automóvel entre o cimo das Escadas Monumentais e o início do passeio, que faz a placa calcetada com a estátua, é demasiado largo, o suficiente para quebrar e interromper a circulação pedonal pelo eixo vertebral do P1 fazendo com que, mais uma vez, este perca expressão, o que é ainda mais realçado - na perspectiva de quem acaba de chegar ao Largo depois de ter subido as Monumentais - pelo facto de a inclinação do Largo em direcção a estas impedir o olhar de conseguir percorrer visualmente na totalidade todo o comprimento até ao Paço das Escolas.

Dos três espaços que se tratam, este é o que apresenta a frente construída menos consolidada e menos coerente, mas muito permeável, e com maior variedade de elementos e escalas, numa configuração bastante complexa. A sua composição estrutura-se num esquema de quase perfeita simetria, quebrada apenas pelo Colégio de São Jerónimo a Norte, que não chegou nunca a ser demolido, apesar de ter sido essa a intenção, e como tal impendendo a completa execução dos planos das décadas de 30 e 40. A simetria não falha apenas na composição das fachadas e das massas, mas também na escala, em elementos do espaço urbano como candeeiros ou pavimentos.

A experiência do espaço tem implícita uma certa tensão, pela posição que se ocupa em relação ao eixo Escadas Monumentais-Porta férrea, que a localização e dimensões da estátua vão reforçar, pela inclinação no sentido das Escadas Monumentais e pela ausência de qualquer mobiliário urbano como bancos ou vegetação para sombreamento.

Fig. 64 Vista aérea do espaço, na forma actual

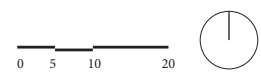
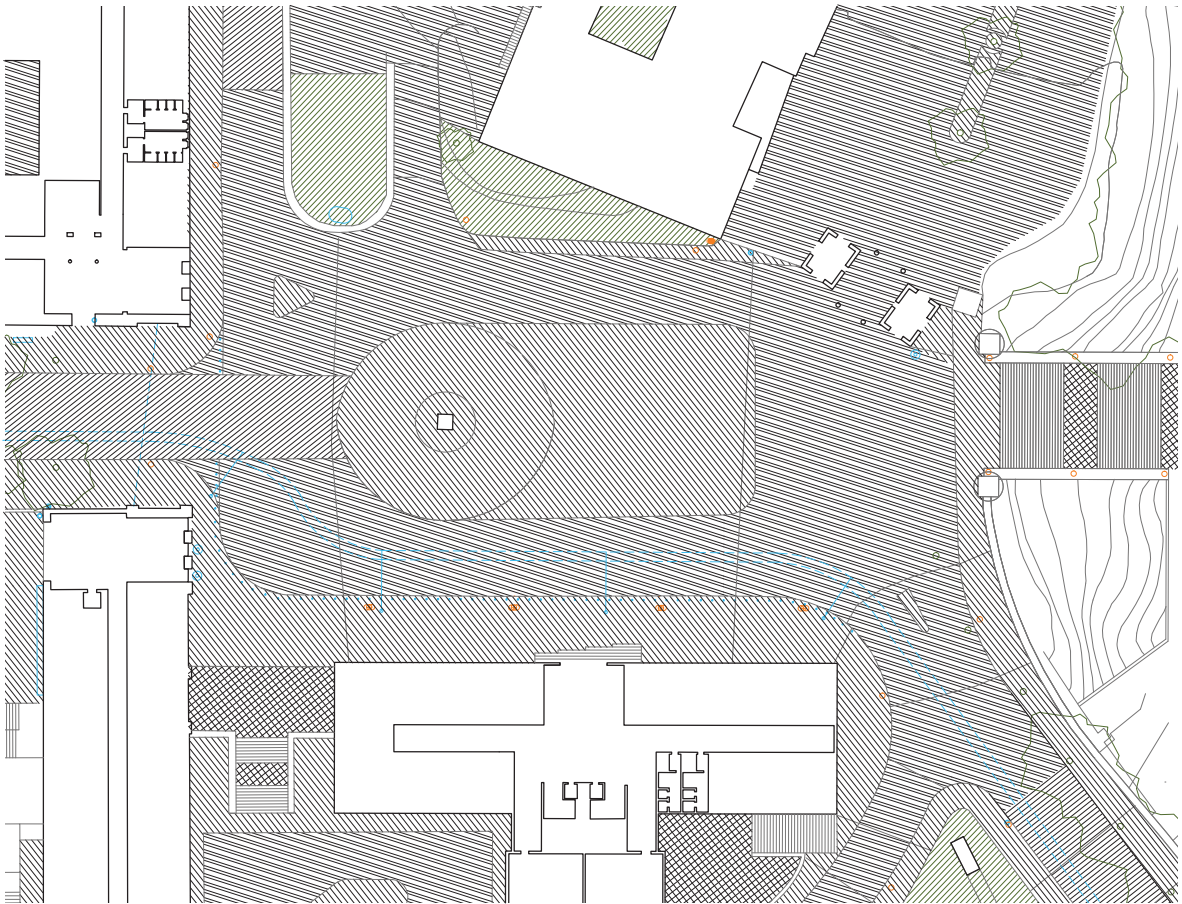
Gerada a partir de *Bing Maps* (<http://www.bing.com/maps>)

Fig. 65 6ª etapa do *Red Bull Mano a Mano*, no Largo D. Dinis

Disponível em http://www.redbull.pt/cs/Satellite/pt_PT/Article/Red-Bull-Mano-a-Mano-em-Coimbra-mais-tradi%C3%A7%C3%A3o,-mais-emo%C3%A7%C3%A3o-021242923464282

Fig. 66 Feira popular, no Largo D. Dinis

Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=500555>



É um espaço temporariamente muito frequentado e denso a nível de mobilidade, e faz a distribuição dos estudantes que acedem ao P1 através das Monumentais e da Calçada Martim de Freitas, os dois principais acessos às faculdades, a nível pedonal e motor, e naturalmente é aquele para o qual há mais facilidade e pluralidade de acessos. Apesar deste factor o espaço não estimula, não permite mesmo, a permanência, deixando escorregar esta dinâmica e acabando por ser pouco mais do que ponto de passagem, com actividades ocasionais.

Características físicas e funcionais

- Área útil total: 5600 m² – tendo em conta a irregularidade do espaço em planta, assumiu-se para o cálculo da área um rectângulo que tem como limites, nos lados mais curtos as linhas de fachada da FMUC e DFQ, e do lado oposto o início das Escadas Monumentais; enquanto que nos lados mais compridos a fachada do Departamento de Matemática e, do lado oposto, o limite exterior do pavilhão de entrada no estacionamento e contornos dos passeios;
- Caracterização da envolvente: totalmente constituída por edifícios da UC dedicados ao ensino, com apenas uma entrada principal a Sul, do Departamento de Matemática;
- Tipos de acesso: pedonal e motor;
- Pavimentos: essencialmente tapete de alcatrão para as vias de circulação automóvel e calçada à portuguesa em cubo de calcário e em cubo de granito para os passeios, que ocupam a grande maioria da área, de uma forma irregular;
- Mobiliário urbano: candeeiros modernos dispostos de forma regular no lado do Departamento de Matemática, e outros de tipos variados, dispostos irregularmente do lado do Colégio de São Jerónimo;

Em contacto directo com o espaço do Largo e ao seu nível, faz-se a entrada no Departamento de Matemática, onde se encontra uma cafetaria/restaurante (no piso imediatamente abaixo), a Casa da Lusofonia no piso abaixo deste último, dois anfiteatros no piso de entrada e sanitários em todos os pisos.

De resto, todos os edifícios mais próximos deverão ser acedidos a partir da Rua Larga.

Fig. 67 Corte do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga

Fig. 68 Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga

Tratado a partir de desenho da autoria de Rui Lobo



Por um lado a FMUC, onde se encontra uma cafetaria no piso 4, sanitários em todos os pisos e, por outro lado, o DFQ, com o auditório da Reitoria e cantina/cafetaria no piso imediatamente abaixo do nível da Rua Larga, os dois anfiteatros a partir dela e sanitários em todos os pisos.

A Norte - embora a um nível superior - encontra-se o Largo dos Colégios, que dá acesso à cantina do Colégio de São Jerónimo e aos espaços de exposição do Colégio das Artes, que tem ainda cafetaria própria no piso imediatamente acima.

Largo da Feira

Leitura crítica

Em tempos chamado Largo da Feira dos Estudantes, por aí se realizar uma feira, este espaço era verdadeiramente o coração do antigo bairro da Alta, uma praça por excelência, por concentrar uma grande variedade de funções como a religiosa (o lugar da Sé Nova) a administrativa (presença do edifício do Governo Civil), comércio variado e habitação.

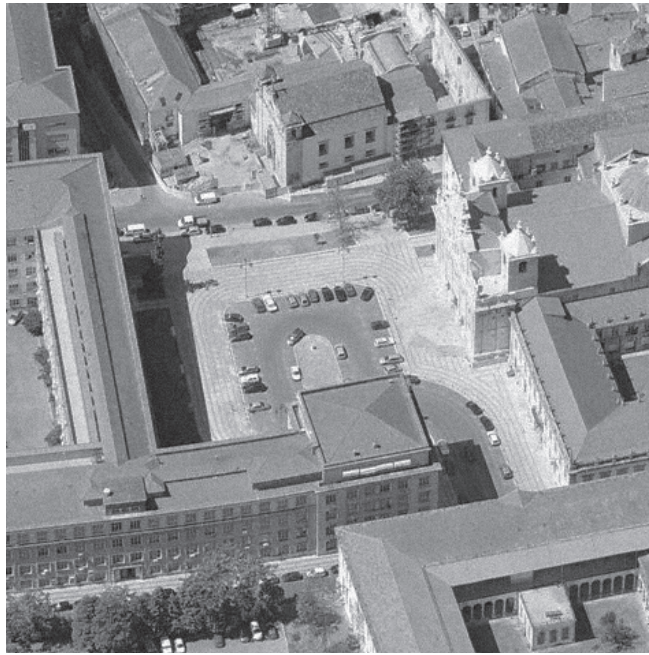
Actualmente, e apesar das mudanças por que foi passando, este espaço mantém-se relativamente com as mesmas dimensões, embora uma caracterização da envolvente física - mas sobretudo funcional - completamente diferentes não consigam sequer dar uma ideia da dinâmica do espaço no passado.

A largura e profundidade da rua na entrada para o Largo - a partir da Rua dos Estudos - configuram como que uma antecâmara de acesso, já existente na forma anterior às demolições, mas que perdeu expressão por dois factores principais, por um lado porque o que agora é o braço que se estende do corpo principal da FMUC se vira contra ele, rejeitando-lhe a comunicação - que vai estabelecer directamente com o Largo - e, por outro, porque se perdeu a relação directa com a entrada do Colégio das Artes, que viu a cota de entrada subida em

Fig. 69 Vista geral do Largo da Feira dos Estudantes, na sua forma pré-demolições. Dada a antiga variedade topográfica, o acesso pela Rua dos Loios revelaria uma perspectiva a altura análoga da fachada principal da Sé-Nova
Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/univcoimbra/passadespelho/>

Fig. 70 Largo da Feira enquanto articulador das circulações e ritmos urbanos
Disponível em <http://www.projetofragmentos.com/>

Fig. 71 Vista com o Governo Civil à esquerda e a Rua dos Loios à direita, estando a Sé Nova por trás do observador
Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais4/CoimbraPtBR11.htm>



relação à rua como consequência da drástica terraplanagem do início do séc. XX.

A ausência de frente construída a Oeste é o grande ponto fraco na expressão arquitectónica dos edifícios no espaço. A actual configuração formal deixa o Largo com carácter ambíguo e indeciso, meio tentativa inacabada de algo formalmente aspirante a praça, meio terraço, dependendo da posição do observador no lugar, e no geral sem a contenção suficiente para definir claramente o espaço, do qual sai a perder principalmente a fachada da igreja no corpo do Colégio, a única permanência constante ao longo do tempo, que não sai realçada pela ausência de uma frente contínua que lhe faça contraponto.

O que existe construído desse lado para além de insuficiente é também ambíguo. A escala das duas escadarias e a simetria que criam parecem-me exageradas e despropositadas para o contexto. Estas não estão acompanhadas das massas que lhes dariam justificação e presença, acabando por parecer bastante descartadas no espaço. A faixa de transição de cotas que na verdade é esta frente acaba por não ter qualquer expressão, marcada apenas por um extenso relvado inacessível, com um emblema municipal em calçada que lhe dá estatuto decorativo e acessório.

O Largo da Feira é possivelmente o único sítio do P1 que ainda reserva espaço para novas construções que venham densificar o lugar e acrescentar qualidade arquitectónica, sem se correr o risco de adição forçada e saturação do espaço, precisamente no lado Oeste.

Apesar de o considerar desfigurado e descaracterizado na sua forma actual, pelas razões que já expliquei, e por funcionar como estacionamento - habitualmente saturado no período laboral e totalmente vazio de noite e ao fim-de-semana - há que destacar alguns aspectos que lhe dão qualidade e carácter distinto dos restantes dois,- imaginando o contexto do pólo cultural na CEC, e não propriamente o espaço actual - em primeiro lugar a faixa de relvado a Sul, com alguns bancos, e a escadaria da igreja, com uma altura suficiente para se poder transformar em palco, o que de resto já acontece na cerimónia académica da serenata, na Festa das Latas. Existem elementos visual e espacialmente perturbadores e dissonantes, como consequência

Fig. 72 Vista aérea do espaço, na forma actual

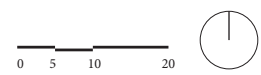
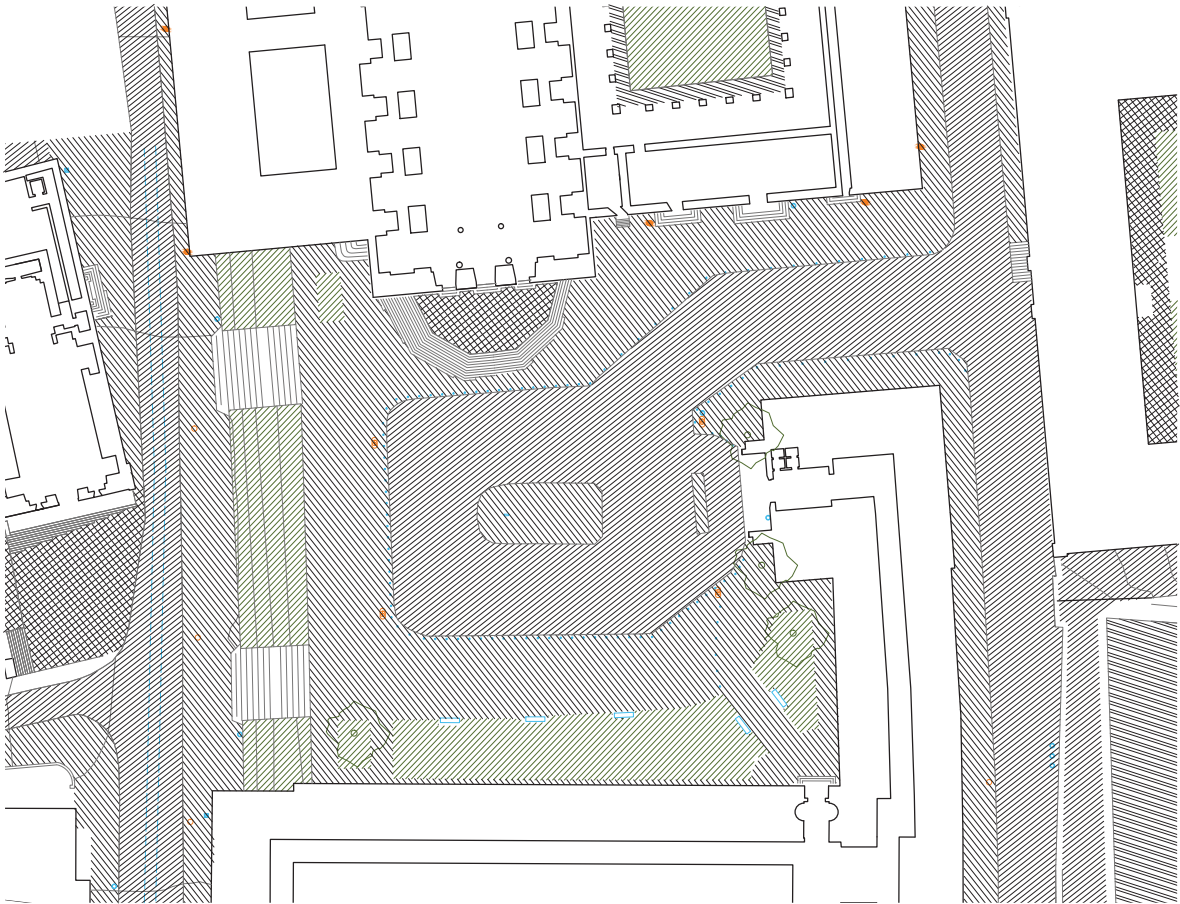
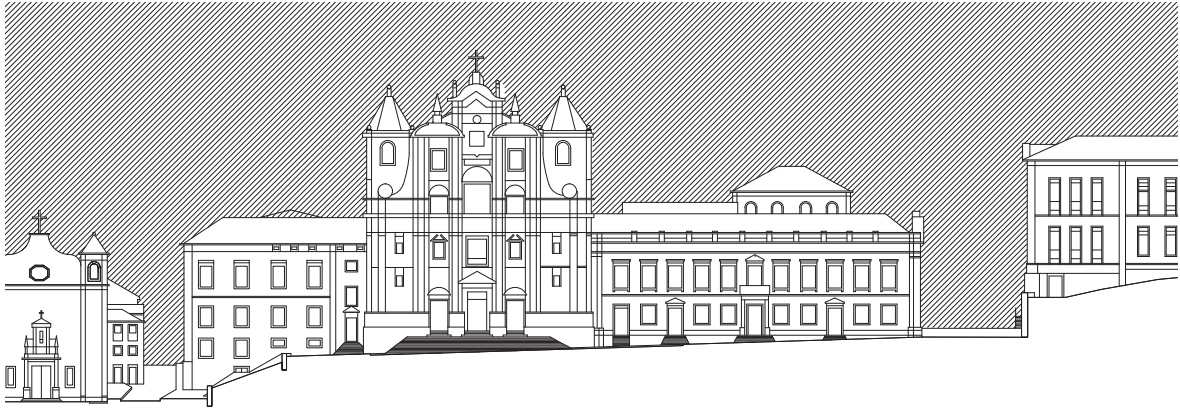
Gerada a partir de *Bing Maps* (<http://www.bing.com/maps>)

Fig. 73 Cerimónia da *Queima dos grelos*

Disponível em [http://desciclopedia.org/wiki/Coimbra_\(distrito\)](http://desciclopedia.org/wiki/Coimbra_(distrito))

Fig. 74 Noite de Serenata na Festa das Latas

Disponível em <http://www.diariocoimbra.pt/noticias/se-nova-de-preto-lembrou-luiz-goes>



da banalização pela repetição exaustiva, como os pinos de proibição de estacionamento nos passeios e as caixas de ar-condicionado derramadas pelas fachadas da FMUC.

Características físicas e funcionais

- Área útil total: 5200 m², incluindo antecâmara e excluindo a faixa de escadas/relvado;
- Caracterização da envolvente: ao nível do espaço principal, a entrada para a Sé Nova, a Norte, e uma entrada bastante discreta para a FMUC a Sudeste; a entrada para o Departamento de Bioquímica a Este - no edifício do Colégio das Artes; a Oeste, num nível mais baixo, o acesso ao pátio do MNMC - e respectivo auditório, na igreja de São João de Almedina - e ainda a entrada secundária para a FLUC;
- Tipos de acesso: pedonal e motor;
- Pavimentos: essencialmente calçada em cubo de granito para as vias de circulação automóvel e calçada à portuguesa em cubo de calcário para os passeios, que ocupam a grande maioria da área com disposição irregular; faixa de terreno relvada, a Sul;
- Mobiliário urbano: candeeiros modernos dispostos regularmente nos passeios, a meio do espaço, e candeeiros mais antigos na fachada do Colégio de Jesus; bancos em pedra no lado Sul, junto das superfícies relvadas;

Em contacto directo com o Largo da Feira existem duas entradas para o edifício da FMUC, uma a Este marcada por pórtico, e uma segunda no canto que o corpo principal do edifício faz com braço que se alonga para Norte. Neste edifício os espectadores vão encontrar essencialmente uma cafetaria no topo do volume - que contém a primeira entrada mencionada - anfiteatros vários e sanitários em todos os pisos.

No Colégio de Jesus é possível encontrar uma das cantinas da UC, anfiteatros no r/c e piso 1, bem como sanitários em todos os pisos. Ainda a este nível, a entrada para o Departamento de Bioquímica, situado nos pisos inferiores do Colégio das Artes. Entre este edifício e o Laboratório Químico, algo escondido, existe a cafetaria do Museu da Ciência, que oferece igualmente serviço de restaurante, recebendo ocasionalmente conferências e

Fig. 75 Corte do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Fig. 76 Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga

Tratado a partir de desenho da autoria de Rui Lobo



apresentações.

Na cota inferior ao Largo, ou seja, ao nível da Rua de S. João, encontra-se a entrada das traseiras para o bloco central da FLUC, onde os espectadores encontrarão sanitários em todos os pisos e, dois níveis mais acima, a cafetaria da faculdade, bem como o MNMC, que oferece serviços de cafetaria e restaurante.

Pátio das Escolas

Leitura crítica

O Paço das Escolas é o espaço mais emblemático da UC e nele se encontra a torre da Cabra, que enquanto símbolo se confunde com a própria cidade de Coimbra. Diversos episódios relevantes e marcantes da história da nação foram depositando nele memórias, que lentamente se foram sedimentando em camadas de simbolismo, formando “um dos sítios portugueses onde se regista uma maior sobreposição e mescla de vivências ao longo dos séculos”⁶⁸.

A especificidade deste lugar face aos restantes encontra-se numa homogeneidade e consolidação das arquitecturas envolventes, no sentido em que não há um contraste tão perceptível - ou pelo menos chocante e incoerente - entre épocas e “estilos”, como existe no Largo da Feira e ainda mais no Largo D. Dinis - nos quais se sente mais uma justaposição de fragmentos, e menos uma construção - e sobretudo na sua escala mais delicada, bem como na ausência dos ressaltos que resultam do confronto entre pavimentos de rua e passeios, e outros aspectos característicos de espaços destinados a circulação automóvel. É essencialmente um espaço para o peão.

Também é característica única deste espaço o facto de a ele só se poder chegar

⁶⁸ Rossa, W. (2001). *Diversidade – Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, pg. 601

Fig. 77 *Universidade de Coimbra*, J. Laurent, 1869. Colecção António Barreto

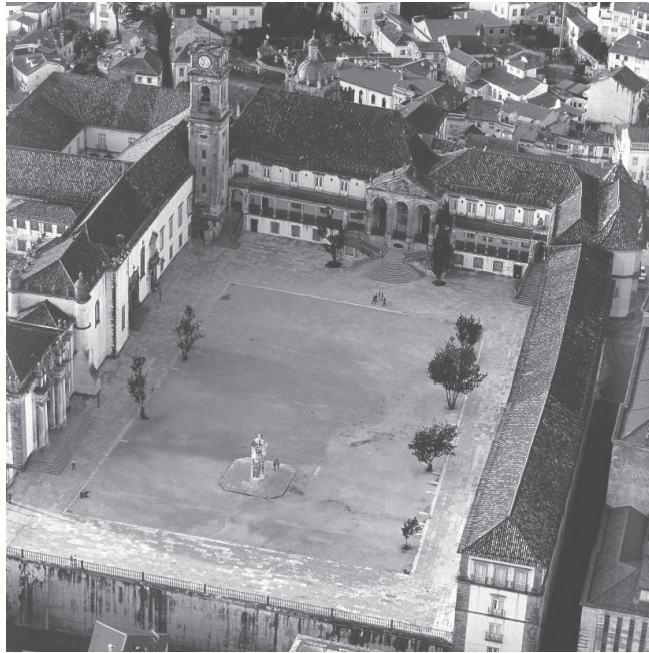
Disponível em http://appphotographia.blogspot.pt/2009_11_01_archive.html

Fig. 78 Vista aérea da Alta antes das demolições. Atente-se no lado Sul ocupado pelo observatório astronómico e a ocupação do espaço com vegetação diversa

Disponível em <http://www.projetofragmentos.com/>

Fig. 79 O espaço no início dos anos 90. Numa fase em que o automóvel tinha acesso praticamente ilimitado, também o Pátio das Escolas funcionou como parque de estacionamento

Disponível em <https://www.facebook.com/coimbra.antiga.7?fref=ts>



praticamente a pé por dois portões, um deles exclusivamente através das Escadas de Minerva, a Sudoeste. O acesso motor pelo lado Este é bastante condicionado pelas dimensões destes.

O que também distingue o Pátio das Escolas dos restantes dois espaços é o carácter da iluminação pública. Os 8 candeeiros de parede, ainda com desenho “à antiga”, juntamente com os focos mais discretos dos telhados, iluminam praticamente apenas as fachadas, enquanto que numa projecção do corpo da capela de São Miguel, no topo, existem dois focos que, quando ligados, iluminam todo o pátio, orientados para o lado Este. Toda a iluminação tem um tom amarelado - como a chama de uma vela - característico das lâmpadas de sódio, o que oferece à experiência nocturna do espaço um tom pitoresco, relembrando o ambiente caloroso da noite ao qual a iluminação moderna já não aspira. Tal como todos os elementos deste lugar, a configuração das fontes luminosas é cuidadosamente pensada e encenada.

É portanto bastante mais cerimonial e representativo em comparação com os restantes dois, mais mundanos pela forma como são ocupados e usados enquanto espaços de circulação e cruzamento. São causas disto o carácter funcional dos edifícios que o envolvem e a configuração do (escasso) mobiliário urbano. Estas características conferem-lhe um aparato cénico muito atractivo tanto para artistas como espectadores, o que aliás é demonstrável quando se tem em conta a quantidade de peças de teatro e música que fizeram das escadas da fachada principal da Reitoria - e de outras fachadas - cenário seu.

O recente projecto de remodelação e requalificação - pelo atelier Gonçalo Byrne Arquitectos - definiu uma série de linhas de lajeado em pedra, a marcar perspectivas de ligação visual entre os principais pontos de interesse, eliminando os elementos que ainda restavam - essencialmente árvores - tendo previsto uma linha de outras novas, regularmente dispostas em duas filas que correm no sentido longitudinal do espaço, sendo a sua presença ainda pouco perceptível. Mas em breve o conjunto já terá certamente expressão e poderá vir a ser um espaço propício para colocação de algum mobiliário urbano a tirar proveito do sombreamento.

Pelo carácter de espaço de aparato e tendo em conta a sua área e a ausência de mobiliário

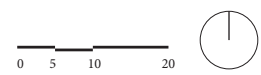
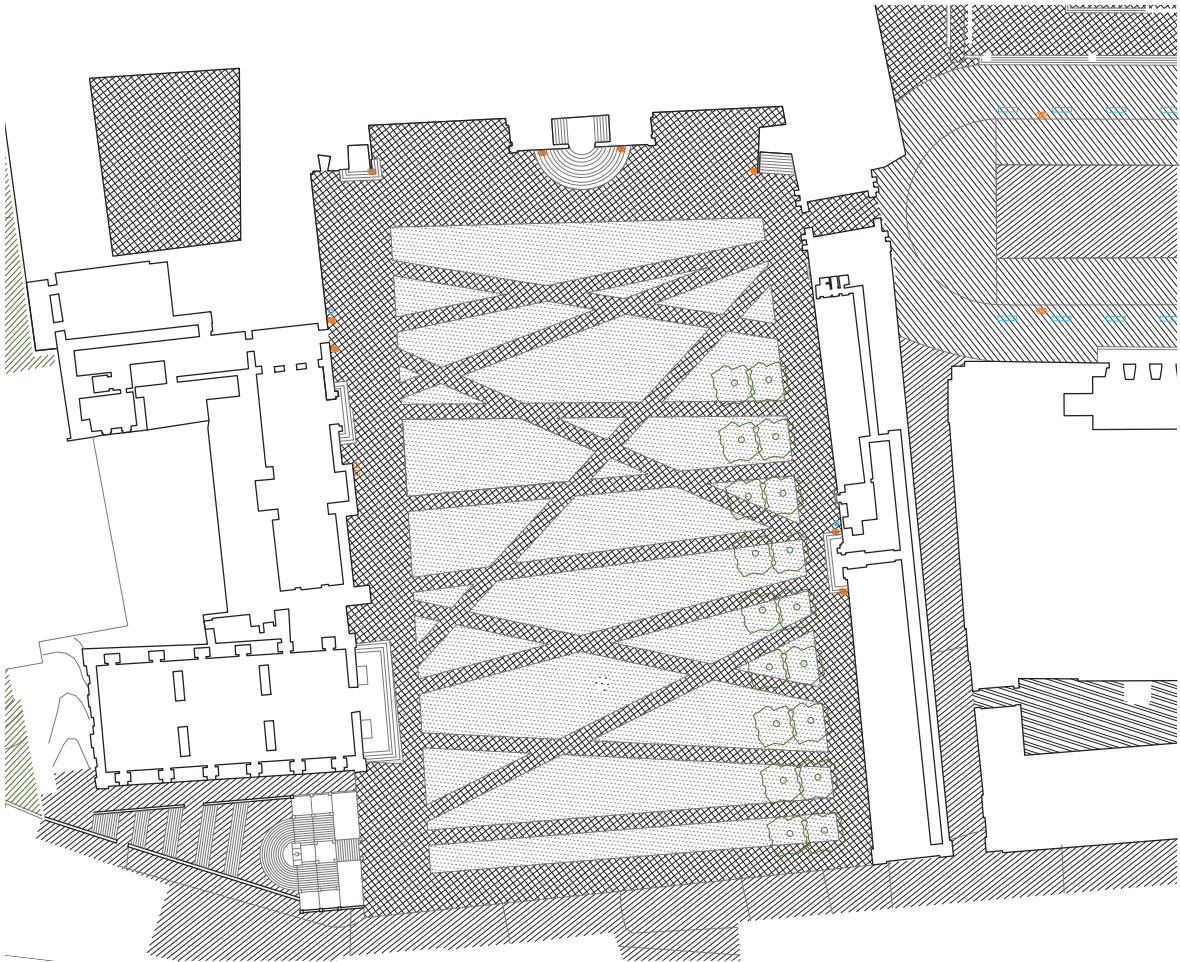
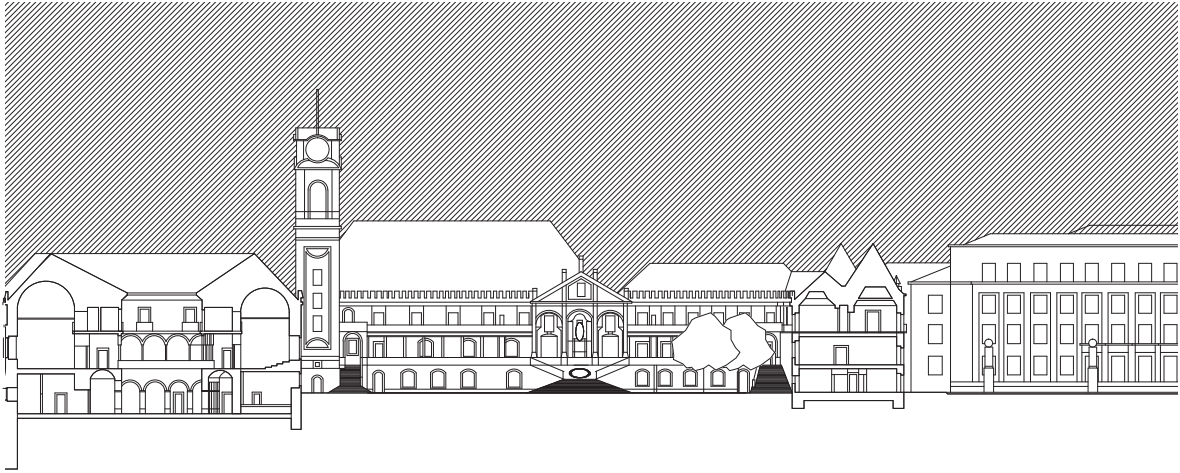
Fig. 80 Vista aérea do espaço, na forma actual, ainda sem a intervenção do atelier Gonçalo Byrne Arquitectos
Em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 48

Fig. 81 Estado actual do espaço

Disponível em http://fr.wikipedia.org/wiki/Universit _de_Coimbra

Fig. 82 Concerto de música tendo a Reitoria como palco de fundo

Em Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*. Coimbra, pg. 68



urbano, é menos convidativo à permanência, mas sobretudo à contemplação e fotografia o que, associado à altitude e à total abertura no quarto lado a Sul, vem contribuir para algum desconforto se eventualmente os ventos forem mais intensos.

Características físicas e funcionais

- Área útil total: 6450 m²;
- Caracterização da envolvente: edifícios com funções de administração da UC a Este; Reitoria e uma parte de museu a Norte; Faculdade de Direito, Capela de São Miguel e Biblioteca Joanina a Oeste;
- Tipos de acesso: pedonal, através das Escadas de Minerva a Sudoeste, e da Porta Férrea a Este, sendo por esta última ainda possível o acesso motor, limitado a veículos de reduzidas dimensões, ainda que normalmente restrito;
- Pavimentos: essencialmente saibro contido e enquadrado por caminhos de lajeado em pedra. Ambos os materiais e superfícies estão praticamente ao mesmo nível, não tendo efeito de divisão e, consequentemente, condicionamento de circulação;

Não existe uma quantidade tão grande e variada de edifícios e equipamentos de apoio em contacto directo com este lugar como existem para o Largo D. Dinis e Largo da Feira. Na FDUC é possível encontrar a cafetaria principal a um nível ligeiramente inferior ao Pátio e uma outra junto do auditório principal, bem como sanitários próprios para turistas e visitantes ao nível da entrada.

A partir do Largo da Porta Férrea é possível aceder ao edifício da Biblioteca Geral, onde se localiza o posto de informação/bilheteira turística e sanitários no piso 1 - directamente acessíveis a partir do átrio - e restantes pisos, e o edifício da FLUC, lugar do Teatro Paulo Quintela no piso inferior ao da Rua Larga, com entrada para o balcão do primeiro piso a partir do átrio do edifício - no mesmo nível dos dois anfiteatros - uma cafetaria no piso superior a este último e sanitários em todos os pisos.

Fig. 83 Corte do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga

Fig. 84 Planta do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga

Tratado a partir de desenho da autoria de Rui Lobo

3.2 Logística e suporte funcional

Confirmada a variedade de espaços com valência cultural no P1 - o que só por si não é garantia de funcionamento do pólo cultural - é essencial garantir um conjunto de funções mínimas e necessidades básicas - principalmente na planificação do contexto CEC - sobretudo nos domínios da acessibilidade e restauração. Proponho, fundamentalmente, a associação dos órgãos de planeamento e gestão da CEC com duas entidades.

Em primeiro lugar a UC, que deverá colaborar no sentido de abrir as portas dos seus espaços bem como alguns dos serviços habitualmente prestados aos estudantes, como as cantinas/cafetarias ou os sanitários. É um trabalho de gestão bastante delicado, na medida em que é preciso conciliar dois ritmos de vida bastante diferentes, o da universidade e o da cidade. O objectivo é conseguir expandir ao público não-académico uma quantidade de valências que não têm de ser parte exclusiva da dinâmica escolar e que podem ser úteis à cidade.

Em segundo lugar os órgãos de gestão municipal e regional, no sentido de estabelecer as linhas de colaboração devidas, e possíveis, nas mais diversas áreas desde transportes até aos meios de divulgação.

Acessibilidade e transportes

É fundamental estabelecer associações e parcerias com empresas de transportes, principalmente com os Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra [SMTUC] e demais empresas do sector privado.

É já um hábito que durante as *Noites do parque* um conjunto de circuitos extraordinários de linhas existentes partam da Portagem em direcção aos mais distribuídos pontos da cidade, de forma a que os estudantes possam ter oportunidade de regressar a casa mais tarde. No presente ano os SMTUC disponibilizaram transporte entre as 00h30 e as 05h30, com frequência de 30 em 30 minutos⁶⁹, em todos os dias das semanas académicas.

De forma semelhante também para o pólo cultural - e durante a CEC - deverá estar

⁶⁹ A informação técnica citada está disponível na página online dos SMTUC [em linha], em <http://www.smtuc.pt/>



ao dispor do público um conjunto de transportes com destinos bem distribuídos e passagens frequentes, no sentido de manter fluida a acessibilidade à Baixa, e principalmente à Alta, o que por consequência vai garantir acesso ao P1. Nos Arcos do Jardim e na Praça da República existem vários pontos de paragem das principais linhas que servem a cidade.

Se por motivos de organização as linhas que habitualmente sobem até ao P1 tenham de ser temporariamente suspensas, as paragens de autocarro dos Arcos do Jardim, na parte inferior das escadas monumentais e do MNMC podem ser usadas de forma mais intensa, compensando e garantido acesso fácil e rápido ao lugar.

Existem duas praças de táxi em pontos muito próximos do pólo, uma na Praça João Paulo II e uma outra na Praça da República, garantindo a primeira acessos imediatos no sentido Sul e zonas da solum e arredores, e a segunda acessos no sentido Norte e da Baixa. Faço uma distinção desta forma dado que a configuração dos sentidos de trânsito não as equipara em termos de rapidez de acessibilidade, mesmo que se encontrem bastante próximas. Há ainda uma praça junto ao edifício da PSP em frente ao Jardim da Manga, a juntar ao leque de possibilidades daqueles que acedem ao P1 via sistema de elevador que liga o mercado ao extremo superior da Rua Padre António Vieira, sendo desta forma uma peça-chave na organização do esquema, por permitir uma forma de vencer cómoda e rapidamente a diferença de níveis que separam a Alta da Baixa - cerca de 50 metros de altura.

Estacionamento

A questão do estacionamento como actualmente se faz no P1 não é um problema em si, algo que requer uma solução drástica como proibição total, porque nem o contexto urbano é totalmente incompatível com a circulação automóvel, nem o problema se resolveria correctamente desta forma, caso não se fixasse uma alternativa funcional. Necessário é, pelo contrário, um controlo e uma delimitação mais claras do que são os espaços para estacionar e os que não são. Isto é uma questão de escolha e hierarquia de materiais e, acima de tudo, de

Fig. 85 Elevador do Mercado

Tratada a partir de original em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 14

dimensionamento dos elementos. É principalmente uma questão de delimitar de forma mais clara e folgada onde se pode fazer o estacionamento no Largo D. Dinis, de forma a permitir aos autocarros subir e contornar todo o espaço, para voltar a descer, o que actualmente não acontece dada a saturação de automóveis estacionados em todos os sítios, e que eventualmente desmotivou os SMTUC de disponibilizar mais linhas que passem e parem no P1. É necessário alertar para a necessidade de garantir acesso de autocarros pelo menos ao Largo D. Dinis, tanto para as linhas de transportes municipais, como para turistas.

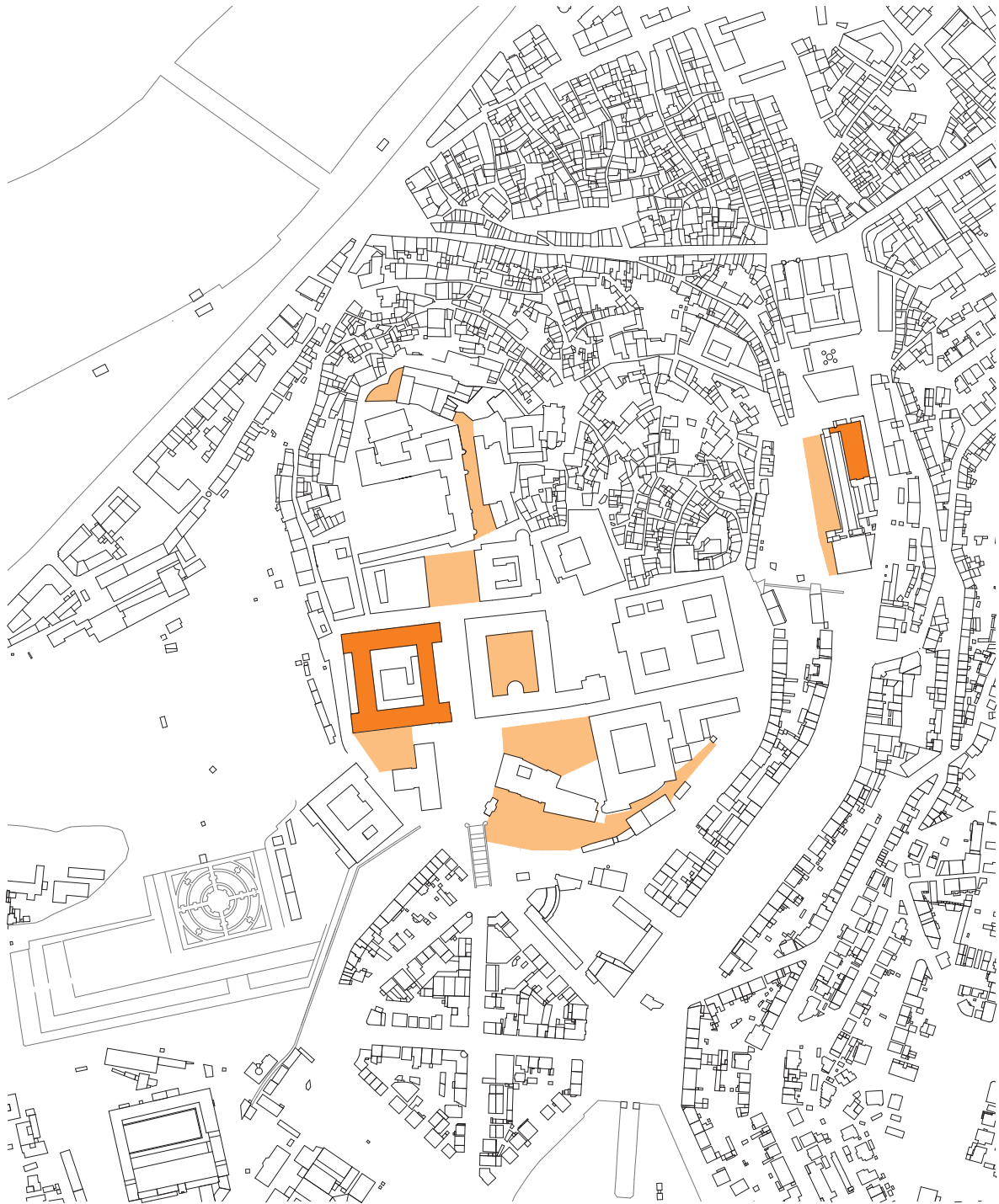
O estacionamento nos chamados “centros históricos” é um problema partilhado por muitas vilas e cidades mais antigas em Portugal, e o estudo de impactos da CEC Guimarães 2012 dá prova da existência manifesta deste problema ao revelar a opinião geral dos visitantes, para os quais “entre os aspectos menos favoráveis da sua visita, foram referidos a falta de informação e a falta de estacionamento, mencionados em 44,1% e 13,6% dos casos, respectivamente”⁷⁰.

Mas se o estacionamento na zona da Alta é um problema quotidiano, mais complicado se tornará em actividades pós-laborais no contexto do pólo da cultura, para o qual seria necessário usar muitos espaços diariamente disponíveis e alterar esquemas e sentidos de circulação.

No que a esta questão diz respeito, deixo sugestões que vêm no seguimento da mesma lógica do que propus para os pontos anteriores, e que consistem na libertação temporária dos parques de estacionamento diaramente destinados ao uso exclusivo dos docentes e funcionários das faculdades, numa abertura a todo o público em horário pós-laboral.

Os parques da FMUC (pátio central, em exterior), DFQ (subterrâneo) e Departamento de Matemática (traseiras, em exterior) poder-se-iam aceder facilmente, pela ligação directa ao circuito de trânsito Rua Padre António Vieira/Rua da Couraça dos Apóstolos/Rua S. Pedro/Rua do Arco da Traição, enquanto que os parques do Colégio de São Jerónimo, tanto na parte da frente como das traseiras, já implicariam uma aproximação aos espaços envolvidos nas actividades, sendo um potencial distúrbio. Contornando o Arquivo da UC e após percorrer a Rua José Falcão, a partir da Rua Dr. Guilherme Moreira, encontramos o parque de estacionamento do Colégio de Santa Rita que, embora de pouca capacidade, poderá igualmente estar disponível. A partir do acesso a este parque é ainda possível tomar uma rua que dá acesso ao terreiro entre o lado Norte da Reitoria da UC e a Casa dos Melos, habitualmente usado também como parque de estacionamento, e que poderá estar livre e disponível, por oferecer muitos lugares e acesso

⁷⁰ Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais – Guimarães 2012* [em linha], pg. 45



Interior
Exterior

0 30 50 100



pedonal directo ao Largo da Porta Férrea.

Ainda que isto possa contribuir para libertar muitos lugares de estacionamento, aprovo o pólo da cultura como uma oportunidade para os vários órgãos de organização e para o município de apostar na melhoria e estímulo do uso de transportes públicos e, como já se observou no ponto anterior, é bastante fácil e cómodo aceder ao P1 por esta via, assumindo que todos os recursos são bem aproveitados.

Contando com o uso do elevador de ligação Baixa/Alta do Mercado como potencial forma de acesso ao topo, os parques de estacionamento na frente e parte de trás do mercado tornam-se igualmente pontos-chave, podendo estar completamente disponíveis durante a noite e períodos pós-laborais, quando habitualmente estão mais vazios. Para além do mais, a zona do Jardim da Manga/PSP é um ponto de partida e de chegada de muitas das principais rotas de autocarro dos SMTUC, possibilitando um acesso fácil para quem alcança a cidade através desta entrada. Dadas as condições, existe aqui uma alternativa para quem pretenda chegar via automóvel, bem como um potencial acesso principal a todos os que venham da Baixa.

Restauração

As várias cantinas e cafetarias das faculdades são um elemento chave no cenário do pólo cultural, podendo abrir-se ao público em geral, e não somente aos estudantes, mesmo que apenas em períodos pós-laborais ou para eventos específicos. Para além desta oferta, há alguns espaços não pertencentes à UC (muitos deles recentes), como a cafetaria do Museu da Ciência, o restaurante/cafetaria do MNMC, ou o Instituto Universitário Justiça e Paz.

Os Serviços de Acção Social da UC (SASUC) e demais exploradores privados garantem uma oferta bastante variada, com a maioria das cantinas a ter opções mais económicas dirigidas aos estudantes, outras orientadas para determinadas especialidades, um serviço de *catering* próprio, um restaurante *self-service* de maior qualidade e naturalmente com preços mais elevados (recentemente aberto no Colégio de Jesus), ou um serviço de *take away*.

Nos últimos anos os serviços de acção social têm feito grandes alterações, do qual resultaram o fecho de cantinas como as *Verdes*, a Este do Colégio das Artes ou as *Amarelas*,

Fig. 86 Planta de localização de parques de estacionamento no P1 e sua envolvente imediata



- Edifícios onde existem cantinas e cafeterias activas
- Edifícios onde existem cantinas e cafeterias desactivadas

0 30 50 100



na Rua Dr. Oliveira Matos, antes bastante concorridas e que serviam refeições económicas e contribuíam para a diversidade na oferta universitária.

No contexto CEC deverá pôr-se a hipótese de voltar a explorar estes espaços de formas alternativas, ainda que a planificação deva ser feita com peso e medida, pois não se pode correr o risco de desviar o público demasiado no sentido do P1, beneficiando a UC e comerciantes privados e causando, como consequência, prejuízo aos restantes trabalhadores da restauração na envolvente próxima, que têm igualmente direito a ganhar benefícios.

Restaurantes⁷¹:

Cantina Químicas

- Localização: DFQ, piso -1, acesso a partir do exterior;
- Capacidade: 252 lugares sentados;

Restaurante do Colégio de Jesus

- Localização: Colégio de Jesus, piso r/c;
- Capacidade: 44 lugares sentados;

Cantina Sala A

- Localização: Edifício da Cantina Central, na Rua Dr. Oliveira Matos, piso r/c;
- Capacidade: 244 lugares sentados;

Cantina Sala B

- Localização: Edifício da Cantina Central, na Rua Dr. Oliveira Matos, piso -2, com acesso também pelos jardins da Associação Académica de Coimbra;
- Capacidade: 216 lugares sentados;

⁷¹ A informação técnica citada está disponível na página online dos SASUC [em linha], em <http://www.uc.pt/sasuc> Por se encontrarem fechadas, não está disponível qualquer informação sobre as cantinas *Verdes e Amarelas*

Fig. 87 Planta de localização de edifícios com cantinas e cafetarias no P1 e sua envolvente imediata

Cantina Monumentais

- Localização: Edifício da Cantina Central, na Rua Dr. Oliveira Matos, piso -1, com acesso também pelos jardins da Associação Académica de Coimbra;
- Capacidade: 126 lugares sentados;

Cantina São Jerónimo

- Localização: Colégio de São Jerónimo, piso r/c;
- Capacidade: 216 lugares sentados na sala e 126 lugares sentados na esplanada;

Sandwich-Bar

- Localização: Rua Dr. Oliveira Matos, piso r/c;
- Capacidade: 111 lugares sentados;

Cafetarias/Bares:

- Departamento Matemática: piso -1, com esplanada;
- FDUC: uma no piso -1 e outra anexa ao auditório;
- FLUC: piso 2;
- FMUC: piso 4;
- Colégio das Artes: piso 1, com esplanada;
- Colégio de Jesus: piso r/c;
- Colégio de São Bento: piso r/c, com esplanada;
- Colégio de São Jerónimo: piso r/c, com esplanada;
- Laboratório Químico: piso r/c, com esplanada;



Existente
A construir

0 30 50 100



Alojamento

A oferta hoteleira da cidade concentra-se quase exclusivamente na Baixa, com uma evidente proliferação praticamente em linha com a margem direita do rio. É curioso notar que enquanto nesta zona há sobretudo hotéis, nas zonas altas em volta do P1 os poucos equipamentos que funcionam são do tipo *hostel*, distintos dos hotéis no sentido em que predominam os quartos partilhados e uma lógica de *self-service* em relação a muitos aspectos como a alimentação, e uma pousada da juventude, sendo portanto mais dirigidos a jovens e viajantes com baixos orçamentos.

Os hotéis mais recentes e de maior capacidade encontram-se, contudo, fora da Alta e da Baixa, como o *TRYP (Melia)* em Celas, o *D. Inês* ou *Vila Galé* ao longo da Av. Fernão de Magalhães, à beira rio, o *Ibis* na Av. Emídio Navarro ou o *Best Western D. Luís* em Santa Clara.

Sobre estatísticas de número de visitantes/turistas, o *Relatório Palmer* (2004) começa por esclarecer categoricamente que “*estimating the number of visitors to an event such as ECOC is at best a very inexact science*”⁷². Dadas as dificuldades, usa como referência para estatística a quantidade de dormidas em espaços comerciais durante o ano CEC, e conclui que de uma forma geral há um aumento expressivo no número de dormidas durante o ano cultural, com uma ligeira diminuição no ano seguinte, embora não apresentando resultados a longo prazo.

Se depois do ano cultural as oscilações nos números de visitas são afectados pelos mais diversos factores, como acessibilidade, programação, impacto das actividades realizadas durante o ano, etc., é transversal a praticamente todos os casos que pelo menos durante o ano cultural estas aumentaram significativamente nas cidades em questão. O relatório conclui ainda que a partir do ano 2000 as cidades estudadas obtiveram melhores resultados em termos de visitas do que nos anos precedentes, relativamente às cidades que não receberam a CEC.

O documento de avaliação dos impactos económicos e sociais da Guimarães 2012 faz-nos saber que “a capacidade hoteleira aumentou um pouco mais do que 65%”, para fazer face

⁷² Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture* [em linha], pg. 100. Tradução: “Estimar o número de visitantes num evento como a CEC é, na melhor das hipóteses, uma ciência inexacta”

Fig. 88 Planta de localização de equipamentos hoteleiros no P1 e sua envolvente imediata

ECOC	% change in visitor stays in ECOC year	% change in visitor stays ECOC +1
Luxembourg 1995	-4,9	-4,3
Copenhagen 1996	11,3	-1,6
Thessalonica 1997	15,3	-5,9
Stockholm 1998	9,4	-0,2
Weimar 1999	56,3	-21,9
Helsinki 2000	7,5	-1,8
Prague 2000	-6,7	5,6
Reykjavik 2000	15,3	-2,6
Bologna 2000	10,1	5,3
Brussels 2000	5,3	-1,7
Bergen 2000	1,0	1,2
Rotterdam 2001	10,6	-9,6
Salamanca 2001	21,6	-
Bruges 2002	9,0	-
Graz 2003	22,9	-
Average	12,7	-3,9

a um aumento do número de dormidas de cerca de 55% e 70%”⁷³, durante o ano cultural, o que representa uma subida bastante elevada.

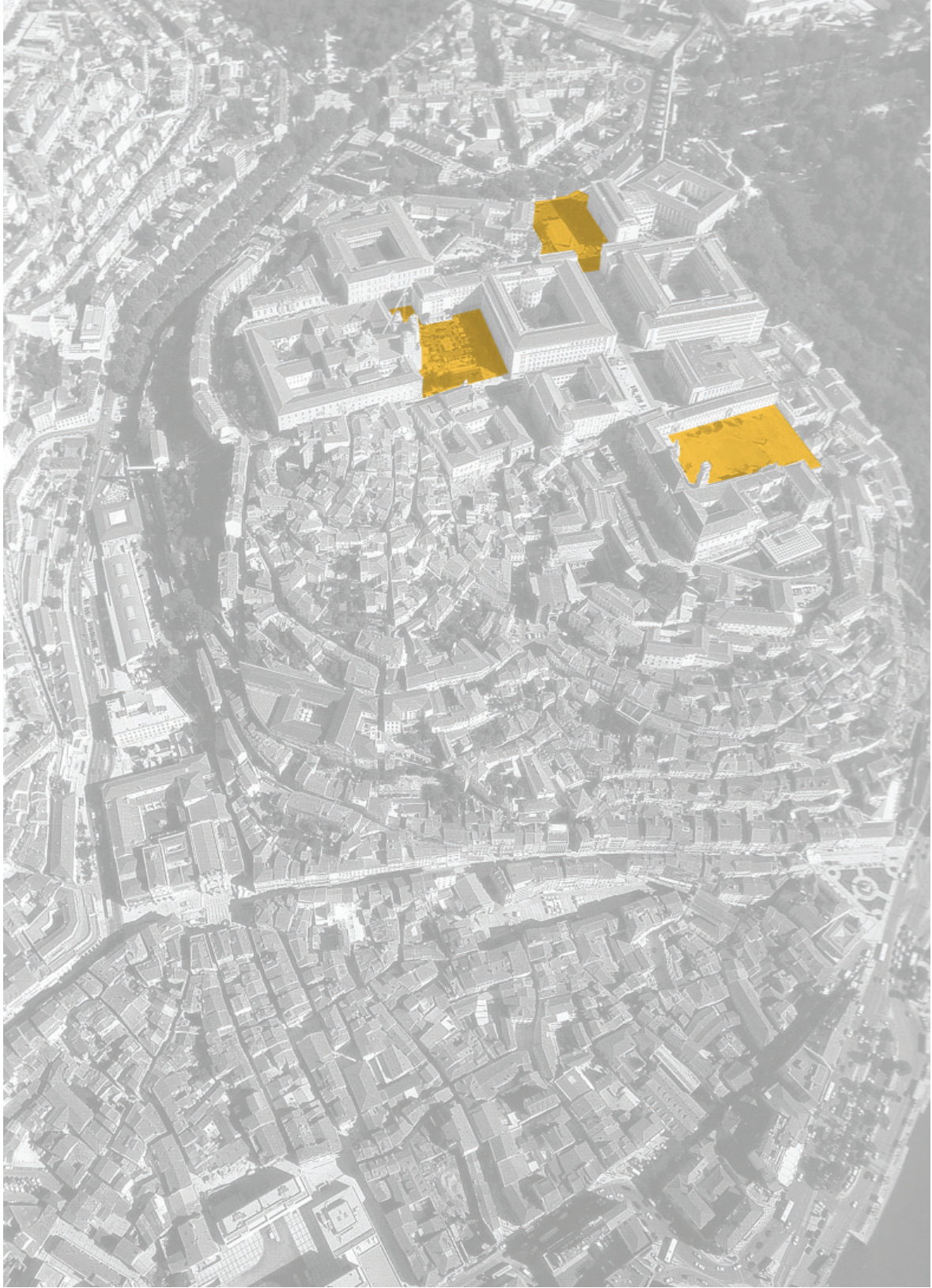
As actividades do pólo cultural na Alta podem ser um estímulo, a juntar à recente entrada da Alta e Rua da Sofia na lista de património da UNESCO, à criação ou reabilitação de edifícios para novos equipamentos hoteleiros, de forma a aumentar o número de camas disponíveis, tanto nesta categoria de alojamento para jovens e de baixo custo, como para as restantes categorias, principalmente na Alta de Coimbra, que ainda carece deste tipo de estruturas, assumindo mesmo que com o recente estatuto de património mundial vai aumentar a quantidade de visitas turísticas à cidade o que, pelo menos no caso vimaranense, se provou ter acontecido concretamente.

A acrescentar à oferta actual e à que entretanto possa surgir há pelo menos duas propostas - de entre os estudantes que trabalham nesta simulação a uma candidatura CEC - de regeneração urbana na área das indústrias criativas, um tema actualmente bastante pertinente e um apoio ideal à produção cultural/artística na cidade, centrado na Praça do Comércio (Praça Velha), e a outra que explora usos alternativos das tradicionais repúblicas estudantis, inclusive numa perspectiva de abertura a um público mais vasto, da maior importância porque estas se concentram sobretudo na zona residencial da Alta.

⁷³ Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais – Guimarães 2012* [em linha], pg. 37

Fig. 89 Tabela com as variações de estadia por noite única nas CEC, no período entre 1995 e 2003

Em Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*, pg. 102



4. PROPOSTAS

Depois de percebida a importância do Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas na articulação e funcionamento do P1, e verificadas as deficiências e necessidades, assim como as virtudes respeitantes a cada um, deixam-se de seguida - e para concluir o trabalho - algumas propostas de efeito tanto a longo como a curto prazo.

Relativamente ao primeiro, objectivam a melhoria da qualidade de vivência e têm que ver com a requalificação e arranjo do espaço urbano em termos de:

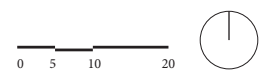
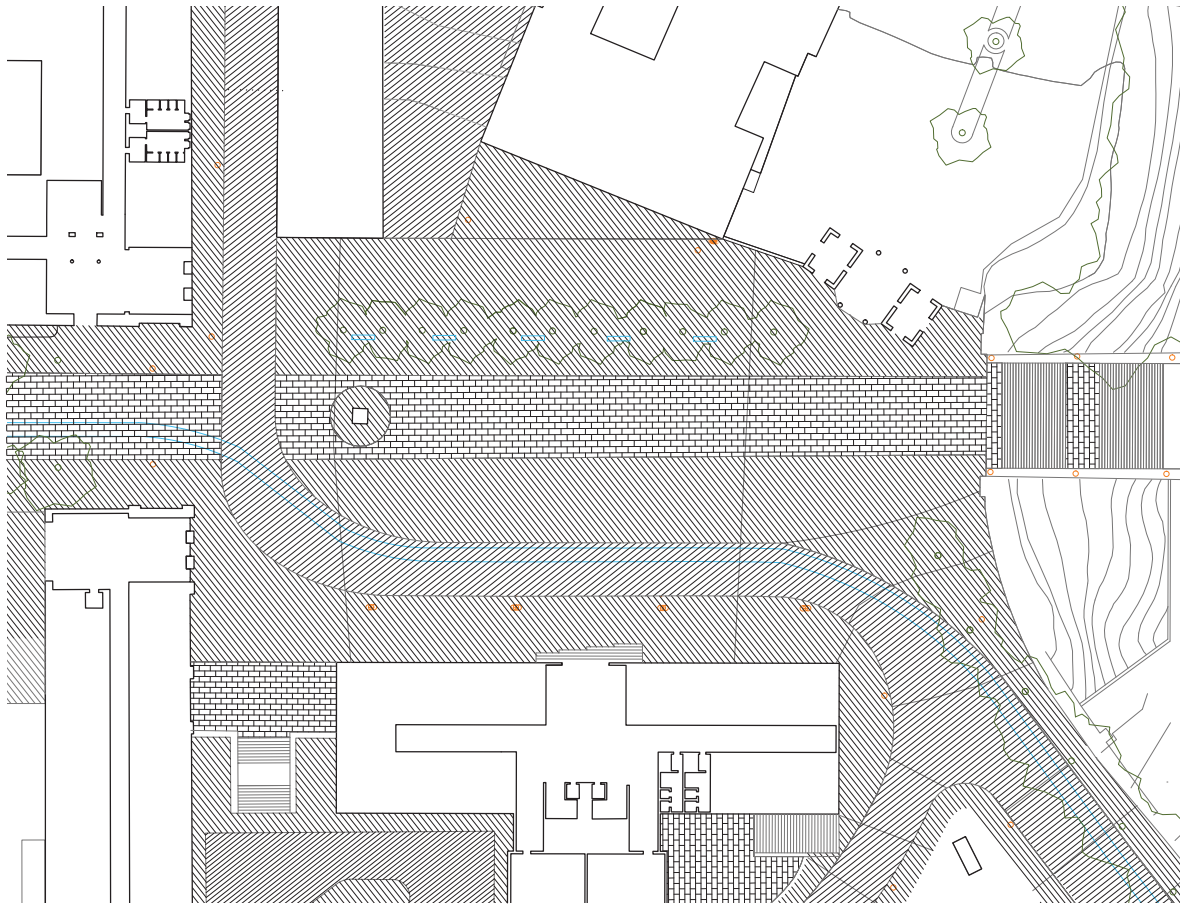
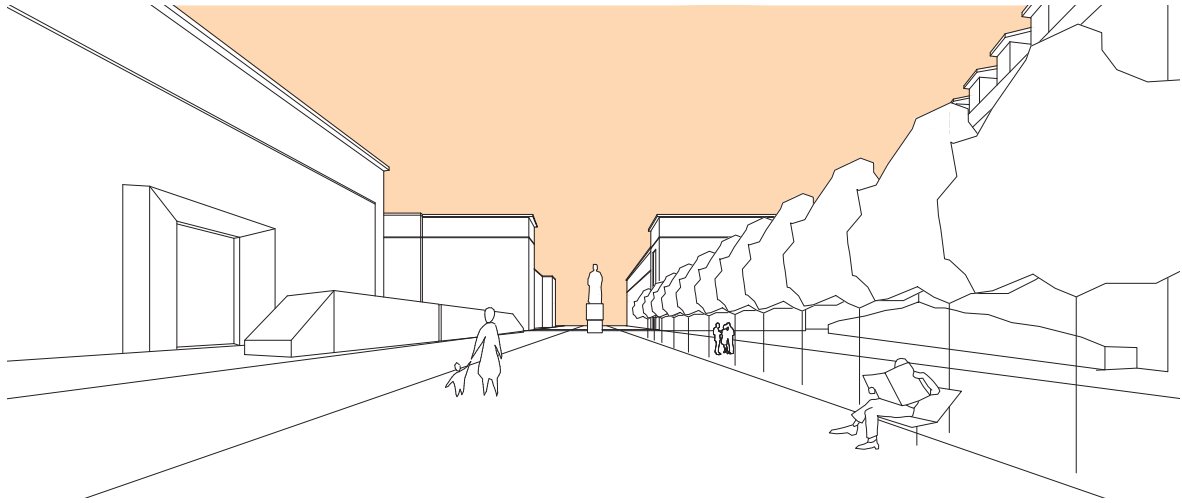
- Clarificação espacial;
- Redefinição dos padrões de circulação pedonal e motora;
- Redefinição de aspectos materiais comuns a todos (linguagem uniforme no P1);
- Recuperação da presença vegetal na Alta universitária;

No que diz respeito ao último, deverão ser entendidas em contexto de eventos como a CEC, e recorrem à montagem de estruturas temporárias que possibilitem actividades culturais em ambiente exterior, de forma a oferecer um contributo à dinamização do P1 e compensar a procura extraordinariamente elevada que caracteriza este tipo de iniciativas.

Não obstante o carácter temporário das estruturas propostas, a sua permanência deverá ser flexível no tempo, de forma a que possam ficar tanto durante uma semana, como durante todo o ano do calendário CEC, para que mais facilmente se possam adaptar às mudanças e imprevisibilidades da organização e da programação cultural, sendo que nesse sentido têm de ser cuidadosamente integradas no conjunto do P1, sem perturbar o seu funcionamento e a circulação normais – complementando, nunca substituindo – devendo por isso ser pensadas como edifícios.

As propostas foram elaboradas - e são apresentadas - num estado conceptual, a partir do cruzamento das características específicas a cada espaço, das memórias que encerram e das limitações que impõem, o que fez surgir “temas”. Interessa-me sobretudo definir porque penso serem estes os lugares mais adequados - e na verdade os mais necessitados - para intervenção.

Fig. 90 Largo D. Dinis, Largo da Feira e Pátio das Escolas, no contexto do P1
Tratada a partir de original em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 146



Largo D. Dinis

O principal critério para intervenção neste espaço deve ser a compreensão do seu carácter de entrada/saída - tanto a nível pedonal como motor - e de articulação de movimentações e ritmos, o que consequentemente faz dele o lugar de cruzamento e reunião do P1 por eleição.

Em primeiro lugar há que resolver, o que significa conciliar, o direito do peão e da viatura ao espaço, porque se por um lado a presença do primeiro é actualmente subvalorizada, por outro é indispensável e pertinente - e não de todo prejudicial - o acesso à colina por via motora, quer se trate de viatura privada, autocarro ou (futuro?) metro. Considero ainda que um dos aspectos que mais descaracteriza o espaço na perspectiva do peão é o efeito “rotunda” que o Largo na sua forma actual permite.

Um outro aspecto particular do lugar tem que ver com o facto de estar condenada a possibilidade de simetria rigorosa, essencial para a leitura do conjunto a partir deste lugar, e por marcar o início do eixo Escadas Monumentais/Porta Férrea - a coluna vertebral - porque o Colégio de São Jerónimo não chegou nunca a ser demolido, como intencionava o plano mestre.

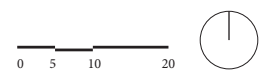
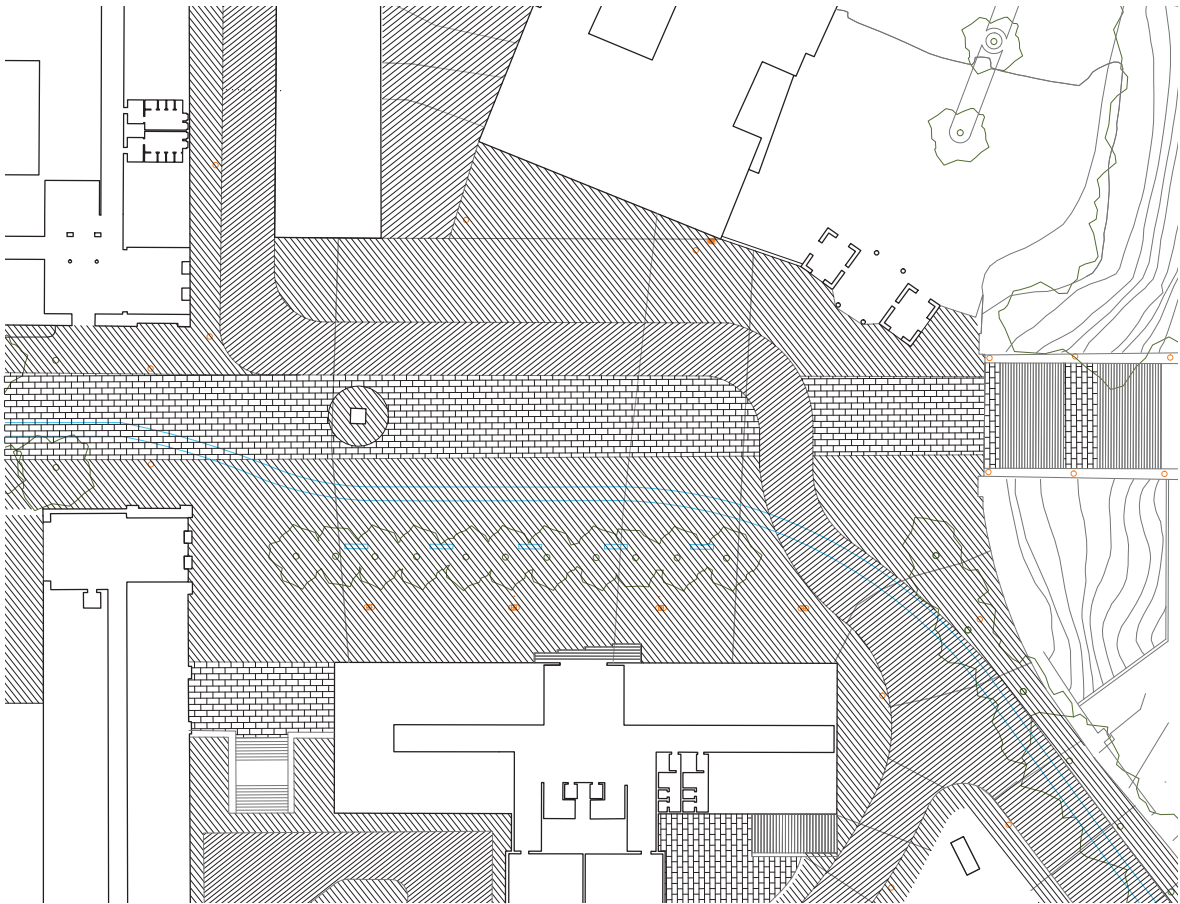
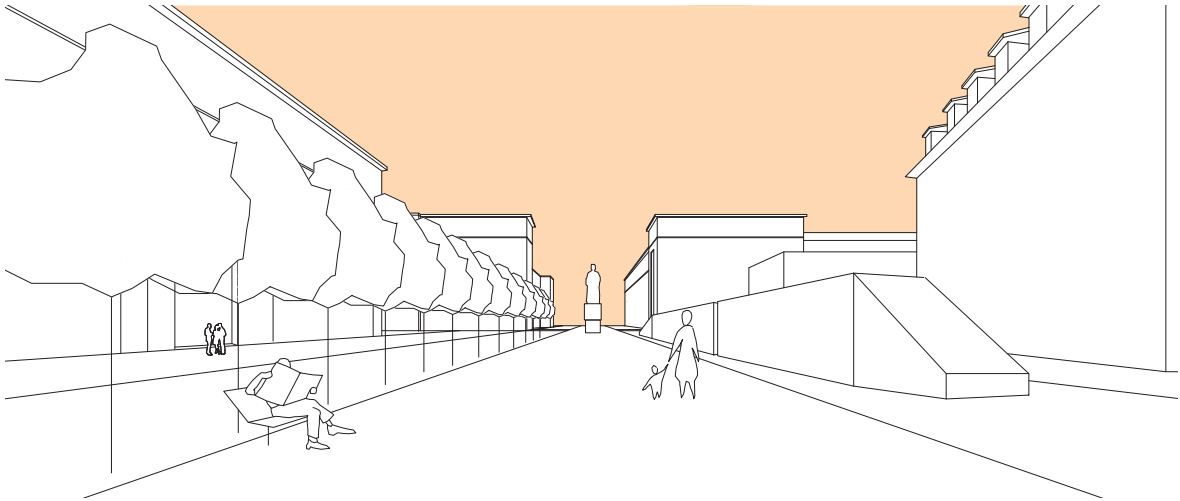
Relativamente a este ponto, considero que qualquer tipo de intervenção deverá trabalhar no sentido de realçar e mesmo exagerar a assimetria, porque a ambiguidade discreta do estado actual do espaço não tem capacidade para expressar qualquer tipo de valor ou intenção.

O primeiro passo a tomar de acordo com esta lógica é a limitação da circulação motora no lugar a apenas um sentido, o que significa que não mais há movimentação em volta de uma placa central (largo, rotunda), mas antes uma via apenas, a cruzar o espaço. Isto significa que a placa em pedra da Rua Larga se prolonga até às Escadas Monumentais, sendo interrompida apenas num ponto pelo movimento de circulação motora que se mantém, embora o estacionamento não deva ser possível no lugar, ainda que ao longo da Rua dos Estudos se preveja uma faixa de lugares de estacionamento, a prolongar-se até à frente Este do Colégio de Jesus, bem como igualmente ao longo da Calçada Martim de Freitas.

De forma análoga ao Largo da Feira, a falta de vegetação com capacidade de sombreamento é uma falha que impede a qualidade da vivência no lugar, e que deverá ser uma prioridade em qualquer proposta de intervenção.

Fig. 91 Proposta A - Perspectiva do Largo D. Dinis, na direcção da Porta Férrea, ao nível da Rua Larga

Fig. 92 Proposta A - Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga



A plantação de uma fila de árvores em posição oposta à via de circulação de transportes, relativamente ao eixo da Rua Larga e no mesmo sentido que ele, vai introduzir o elemento vegetal essencial para garantir a capacidade de fixação do transeunte, e se a presença em apenas um lado vai reforçar a assimetria da composição, a precisão da sua distribuição pelo espaço acrescenta um elemento que mantém a leitura e a força do eixo vertebral do conjunto.

Independentemente das soluções adoptadas, as árvores a plantar devem ser de pequeno ou médio porte - entre 5 a 9 metros de altura - de copa alta, regular, densa - para que a sua multiplicação em linhas tenha expressão na leitura do espaço - e de forma cónica ou piramidal, para criar zonas de sombra. Não poderão produzir frutos carnosos ou potenciar alergias, por uma questão de limpeza e comodidade no lugar, e deverão ser preferencialmente caducifólias, para que a qualidade da vivência no espaço se adapte às mudanças sazonais. De entre as várias espécies com perfil adequado - forçosamente autóctones - sugerem-se as espécies de plátano adequadas ao espaço urbano, o ácer-negundo, a tília-prateada ou a mesma espécie plantada no Pátio das Escolas, a considerar pela uniformização que poderá introduzir no P1.

A primeira alternativa (A) proposta fixa a fila de árvores no lado Norte, sendo que a via de circulação motora passa pelo lado oposto, imediatamente pela frente do Departamento de Matemática, garantindo a continuidade pedonal entre o cimo das Monumentais e o espaço principal, com a interrupção do eixo apenas junto aos edifícios do DFQ e da FMUC.

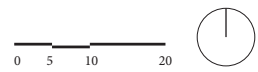
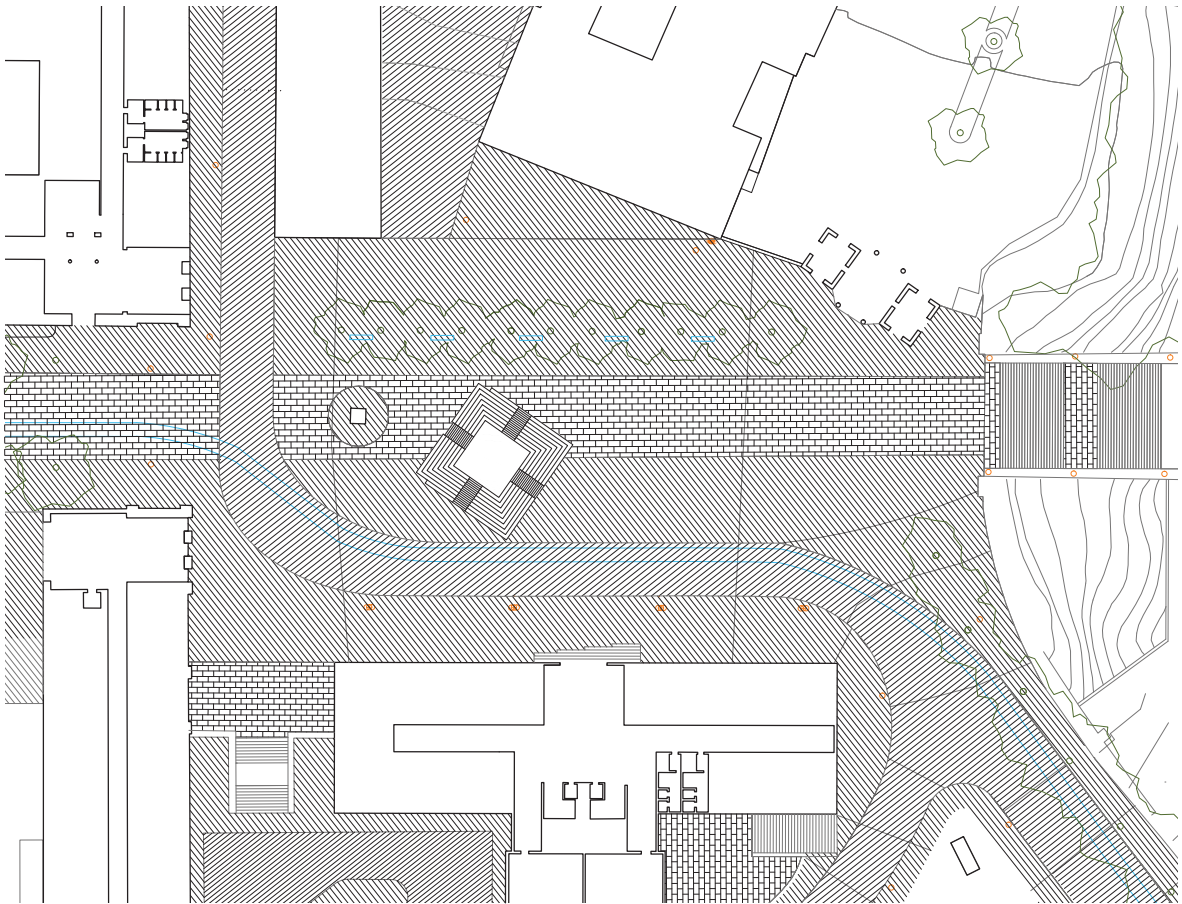
Relativamente à circulação motora, esta solução abre a possibilidade de viragem no sentido da Rua Larga ou continuação pela Rua dos Estudos.

É uma composição que torna mais discreta, porque menos visível, a frente Norte do Largo, com o Colégio de São Jerónimo e futuras intervenções, estabelecendo uma simetria entre a frente de Matemática e as árvores, ainda que descentrada face ao eixo.

A segunda alternativa (B) acentua ainda mais a assimetria, guardando o lado Sul para a plantação da fila de árvores, o que deixa a frente Norte mais exposta, fazendo um voto de confiança ao trabalho que nela se faça no futuro. Em contraste com a primeira, esta solução corta a faixa central pavimentada em pedra logo junto às Monumentais, dando a percepção de um eixo mais comprido que naquela, e na situação actual.

Fig. 93 Proposta B - Perspectiva do Largo D. Dinis, na direcção da Porta Férrea, ao nível da Rua Larga

Fig. 94 Proposta B - Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga



Ainda que seguindo o mesmo conjunto de orientações, ambas as alternativas se afiguram distintas no efeito que produzem e na forma como encaram projectos futuros.

Mantém-se em qualquer caso a inclinação actual do espaço - um aspecto caracterizador e comum a diversas praças europeias -, de forma a não criar plataformas e níveis adicionais que causem embaraço na circulação pedonal e impeçam a já praticamente imperceptível leitura do eixo - pelo prolongamento visual até ao Largo da Porta Férrea - e permitem assim que o olhar se fixe no espaço e que seja mais clara a percepção da dimensão e limites horizontais, enquanto que as linhas do edificado, árvores e pavimentos seguram a referência ao eixo estruturante.

Contribuirá ainda para este efeito o deslocamento da estátua régia cerca de 9,50 metros para Oeste - sacrificando-se a sua escala, ainda que se preserve a capacidade de definição e de captação do olhar para o fixar no espaço - o suficiente para que deixe de ser protagonista no lugar, para oferecer esse estatuto à coreografia da movimentação e encontro de pessoas.

Estrutura temporária

Em contexto de um funcionamento mais intenso como a CEC, proponho o levantamento de uma estrutura piramidal, uma forma que oferece algo semelhante a um, ou vários, anfiteatros ao ar livre, com grande capacidade de lugares sentados, diversas orientações e perspectivas diferentes sobre o P1 e a cidade.

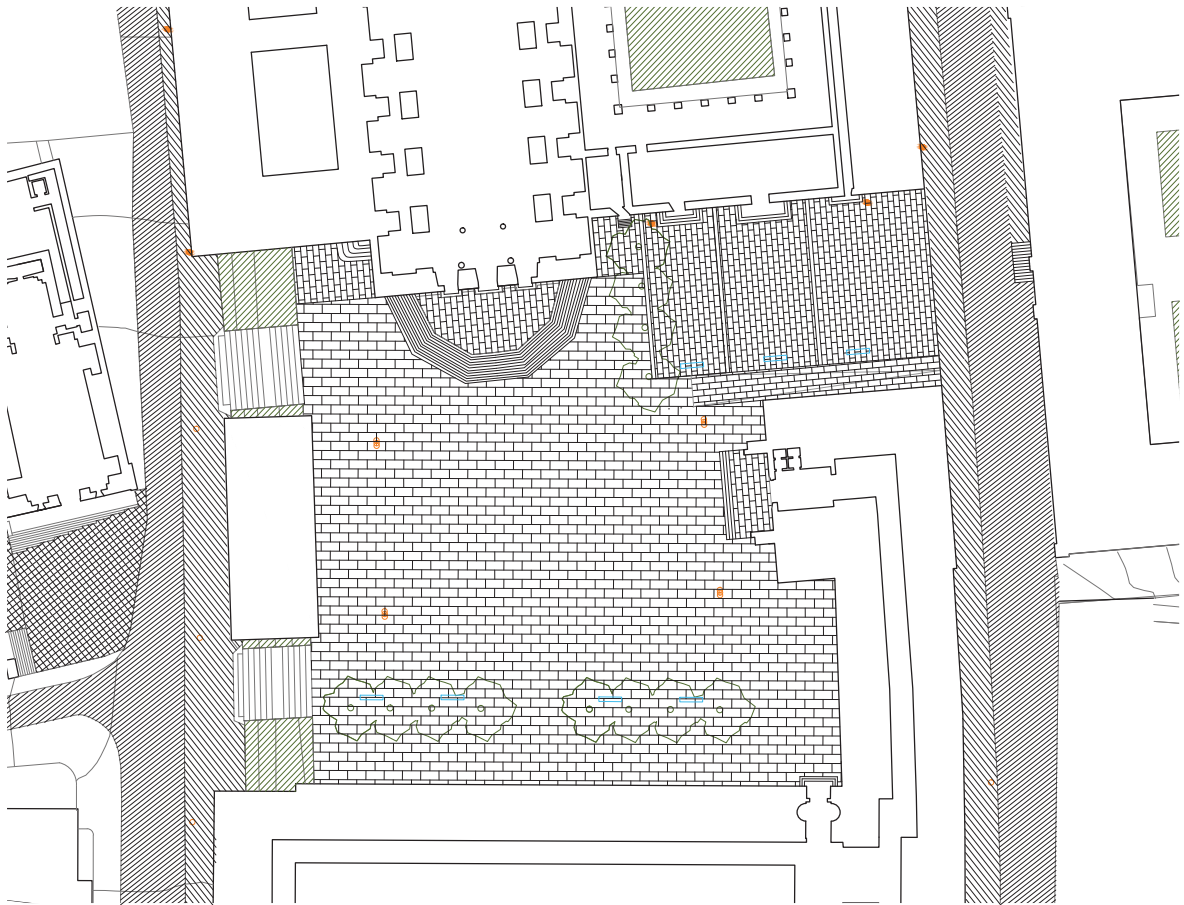
Para além do uso quotidiano e mais espontâneo por parte de estudantes e quem mais passar pelo P1, a estrutura permite também um uso mais encenado, para variados eventos culturais, quer por espectadores, quer por autores.

De certa forma o Largo D. Dinis é uma praça - no sentido do vazio rodeado por edifícios - cuja volumetria envolvente é complexa e na qual um novo elemento facilmente causaria saturação, e a pirâmide surge como a forma ideal de criar massa sem causar a sensação de intrusão e invasão do espaço, parecendo ser mais uma extensão do solo, e menos uma construção, ainda que a estrutura esteja praticamente no meio do vazio.

Associada a este último aspecto, a composição rigidamente simétrica vem contrastar

Fig. 95 Corte do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária
Tratado a partir de desenho original de Rui Lobo

Fig. 96 Planta do Largo D. Dinis, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária



0 5 10 20



com a assimetria complexa do espaço, ao estabelecer uma multidireccionalidade neutra, que entra em sintonia com o carácter de ponto de encontro e referência do P1.

O objecto implanta-se precisamente no sítio onde em tempos existiu a torre de menagem do Castelo, partilhando com ele igualmente as dimensões da base quadrada, e a disposição irregular que toma, associada ao facto de se intrometer no eixo Escadas Monumentais/Porta Férrea, impede quem se movimenta a pé de seguir precisamente a linha estrutural do conjunto, obrigando consequentemente a que tenha de se contornar, o que gera movimentos - bem como perspectivas - mais “descontraídos” e casuais, fazendo dissolver a tensão da perspectiva linear característica do conjunto.

Largo da Feira

Considero como premissas fundamentais para a requalificação deste espaço, em primeiro lugar, a clarificação da composição em duas partes, sendo a principal o Largo em si, de maiores dimensões, e a outra a sua antecâmara formada a Noroeste.

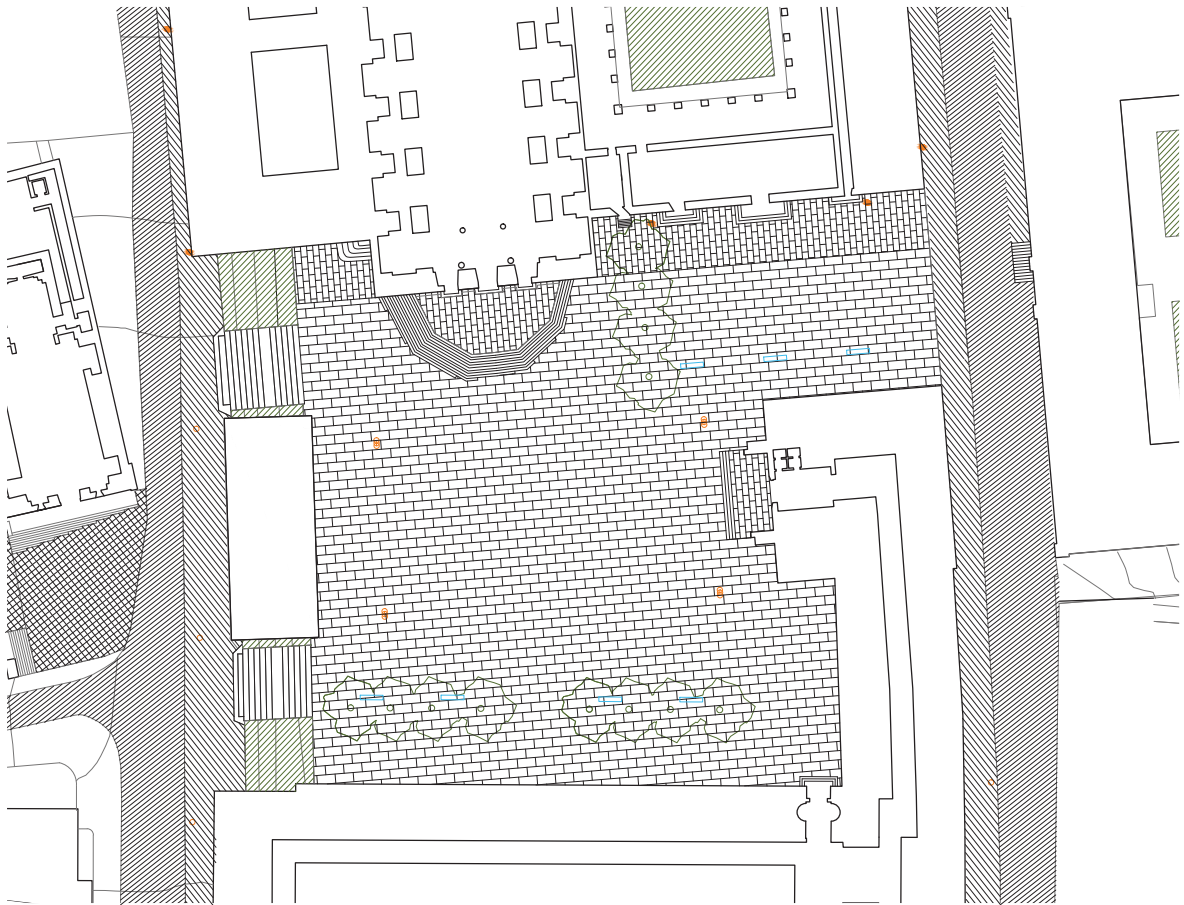
Relativamente à primeira, e para recuperar um estatuto de praça que lhe foi roubado⁷⁴, é tão ou mais importante preencher o lado Oeste com construção, como tornar mais opaca a frente oposta, de ligação à Rua dos Estudos. Em relação à segunda, a intenção é definir um espaço relativamente autónomo, a funcionar como articulação e transição entre rua e praça, com vista a definir melhores condições para a relação do Colégio de Jesus com o espaço público a Sul, e motivar a reformulação da entrada Oeste do Colégio das Artes, actualmente descaracterizada, tanto a nível da estrutura que possibilita o acesso, como no facto de ter encerrada e inutilizada a escadaria de chegada ao claustro directamente a partir da Rua dos Estudos.

Manter a relação do alçado Sul do Colégio de Jesus - e suas as entradas a várias cotas - com a rua deve ser um critério transversal a qualquer solução adoptada.

Em segundo lugar a reintrodução de vegetação é essencial para garantir a qualidade do espaço público, essencialmente árvores com as características indicadas para sombreamento. É contudo necessário evitar a obstrução da entrada de luz nos edifícios envolventes, especialmente na FMUC e tendo em conta ser a fachada Norte aquela em contacto com o Largo, numa

⁷⁴ Observar atentamente as imagens da página 100

Fig. 97 Proposta A - Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga



0 5 10 20



arquitectura por natureza algo opaca e difícil de iluminar naturalmente.

A solução passa por uma escolha rigorosa das espécies a plantar no lugar. Quanto à posição, são pelo menos essenciais duas fileiras de árvores, uma ao longo da fachada Norte da FMUC, de forma a criar uma camada de transição de leitura entre esta e o espaço, dado não haver em qualquer sítio da fachada um ponto de contacto com o exterior - sendo que a fileira poderá ser interrompida caso se abram vãos de entrada -, ao nível do contacto com o solo, e uma segunda no lado Oeste da antecâmara, de forma a criar uma continuidade entre a entrada Este da FMUC e a frente da Sé Nova. Para a última deverão ser escolhidas espécies que não sejam suficientemente altas para quebrar a continuidade da fachada Sul do colégio, ainda que a fileira se posicione praticamente na junção entre a fachada da catedral e a parte oriental do conjunto, marcando o que é igualmente uma transição entre tramos desenhados em diferentes épocas.

O lado Oeste deverá ficar reservado para a construção de um equipamento - julgado o mais útil após um estudo de avaliação mais profundo das necessidades do P1 - adição estratégica e essencial para equilibrar a composição de frentes em todo o espaço e resolver a transição de cotas, para além de guardar uma oportunidade de regeneração do Largo e de contribuir para a densificação da Alta. O edifício em questão poderá abdicar das duas escadarias existentes, caso integre uma solução de transição entre os dois níveis, ou realçar o seu carácter, que actualmente está fora de escala para o contexto.

Numa primeira alternativa (A), sugiro o nivelamento do Largo e a divisão da antecâmara em várias plataformas, de forma a vencer os cerca de 2,50 metros de diferença de altura. Enconstada à fachada Norte da FMUC, uma rampa possibilita o acesso aos que têm a mobilidade condicionada, para além de trazer equilíbrio, ao quebrar a monotonia do prolongamento excessivo das plataformas. Mantendo a leitura do alçado Sul do Colégio de Jesus, esta configuração oferece uma solução subtil na transição de cotas e na definição espacial do que agora é uma divisão em duas partes do Largo da Feira. A fila de árvores constitui um pórtico natural, contribuindo para a transição entre espaços.

Como solução alternativa (B), sugiro que se mantenha a inclinação actual, controlando a divisão de espaços apenas com o posicionamento e escolha do tipo de árvores, bem como

Fig. 98 Proposta B - Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga



com o desenho de pavimentos, numa configuração mais aproximada do original.

Para as árvores a plantar, considerem-se as directivas definidas para o Largo D. Dinis.

Estrutura temporária

O facto de ter a maior área desimpedida de todos os três espaços, no sentido em que não há qualquer tipo de barreira visual manifestamente impeditiva dentro dos seus limites, como o são as estátuas no Largo D. Dinis e no Pátio das Escolas, associado à quantidade e dimensões dos pontos de entrada no espaço, tornam o lugar ideal para eventos que concentrem uma grande massa de pessoas - como demonstra a Serenata da Latada - como concertos de música, pelo que proponho a montagem de uma estrutura de palco de grandes dimensões, complementado pelo palco *ready-made* formado pelo bloco de escadaria da Sé Nova.

Em primeiro lugar, a procura de uma posição que não obstrua as fachadas existentes leva imediatamente ao lado Oeste do Largo, que surge como a localização ideal para o levantamento de um palco, devendo ser o espaço limite sensivelmente a área do rectângulo relvado entre as duas escadarias, com cerca de 32 metros de largura (de uma escada à outra) e 10 metros de profundidade (contados desde o limite do jardim na cota mais alta, até ao muro de contenção do mesmo na cota mais baixa), que se sugere para esse fim.

Na perspectiva do observador posicionado no Largo da Feira a quarta frente a Oeste contribui para uma delimitação mais clara do espaço, enquanto que do ponto de vista do observador que percorre a Rua da Couraça dos Apóstolos/Rua de S. João, o corpo vem introduzir uma tensão espacial na justaposição às duas escadarias, materializando a faixa de transição de cotas mencionada, dando-lhe leitura e justificando a sua escala.

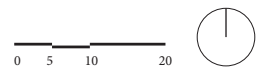
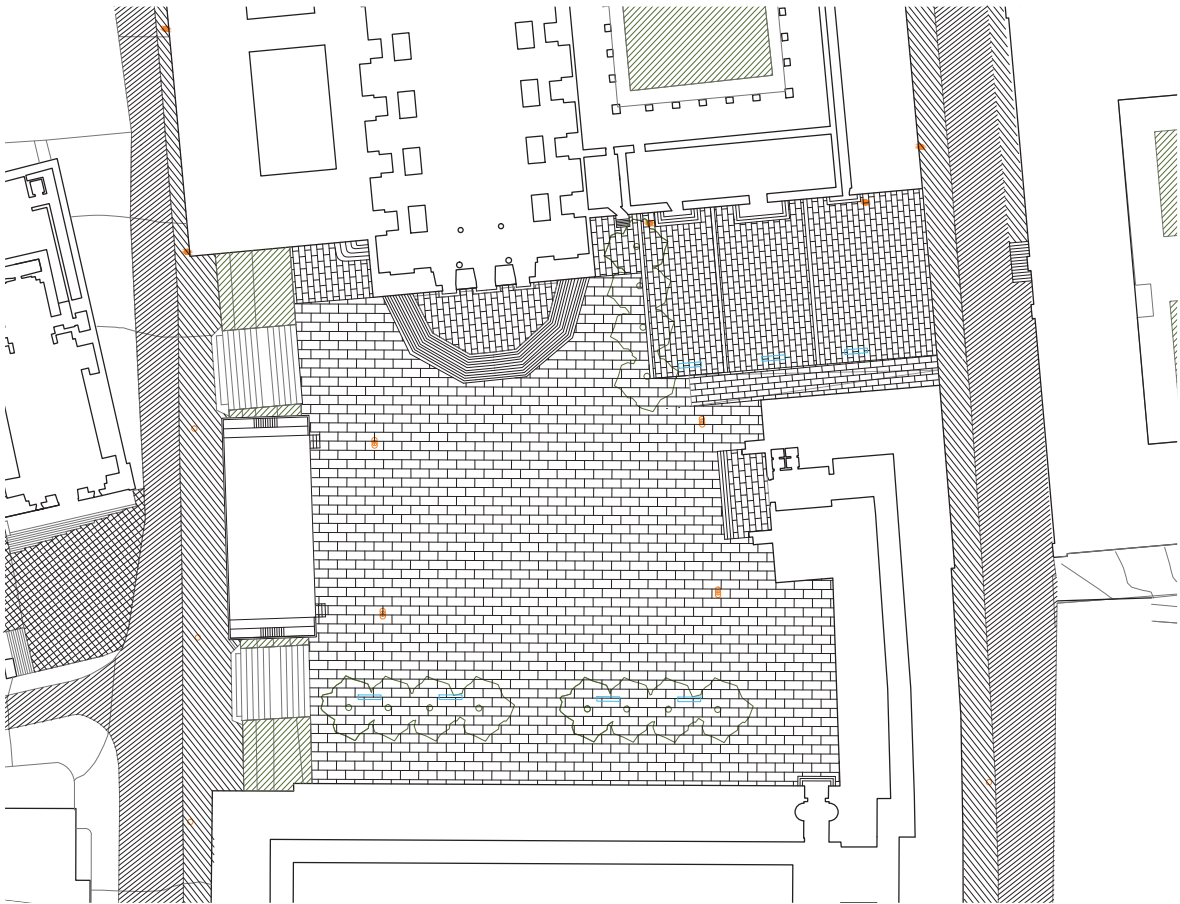
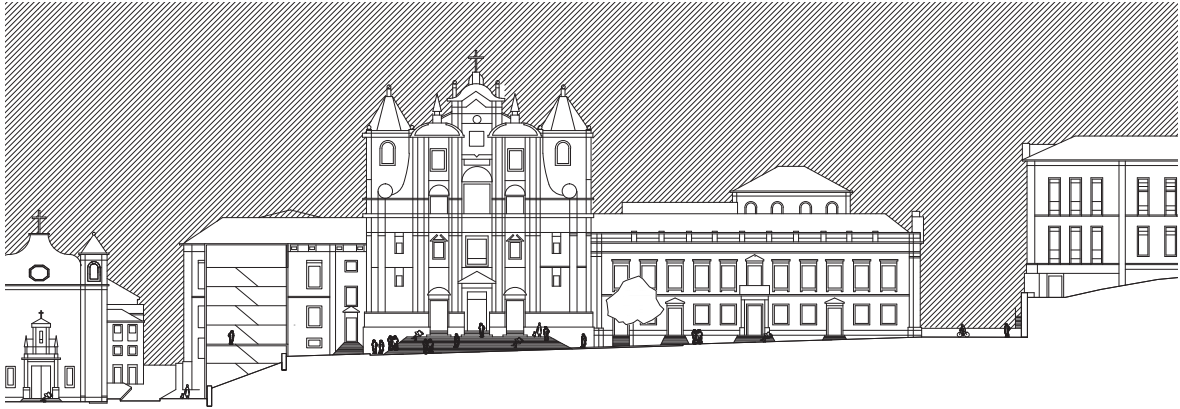
Por se posicionar em cima de um plano em declive, com o piso do palco ligeiramente ao nível da cota do Largo da Feira - um pouco superior até pela a necessidade de altura em relação ao nível dos espectadores - vai formar-se entre este e o relvado um espaço coberto

Fig. 99 Vista aérea do espaço, com proposta

Tratada a partir de original, gerada a partir de *Bing Maps* (<http://www.bing.com/maps>)

Fig. 100 Noite de Serenata da Festa das Latas

Disponível <http://pardalitosdochoupal.blogspot.pt/2012/10/serenata-de-ontem.html>



que pode ser usado para armazenar máquinas e elementos técnicos (ou inclusive formar camarins), fazendo uma optimização do espaço e contribuindo para dissimular elementos que não interessa estarem à vista.

Os dois candeeiros a Oeste integram-se no esquema ou, para ser mais preciso, não interferem com ele, acabando por fazer um enquadramento da estrutura, podendo estar o seu funcionamento associado ao controlo de iluminação dos espectáculos, de forma a que possa ser desligado e ligado, quando e se necessário for, de forma a não interferir visualmente com as luzes dos espectáculos.

Pela situação em que se enquadra, não há justificação para que a estrutura seja compatível com outras orientações que não sejam aquela na direcção do Largo, onde se encontra a maior área para receber espectadores. Esta localização e configuração de palco faz do declive do espaço um ponto favorável, porque ao se situar no lado de cota inferior, virado para o lado de cota superior, aproveita-se a diferença de 2,5 metros de altura para garantir que, estando atrás, os espectadores tenham sempre boa visibilidade sobre o palco do que aquela que teriam caso o terreno fosse plano.

Pela orientação a Este, só estará essencialmente exposto ao sol de forma directa no período da manhã, sendo seguro assumir-se que a grande maioria das actividades e eventos de uma tal escala se realizará à tarde ou à noite, e o facto de tapar uma parte do quarto lado actualmente vazio no terreno contribui para diminuir alguma intensidade da acção dos ventos.

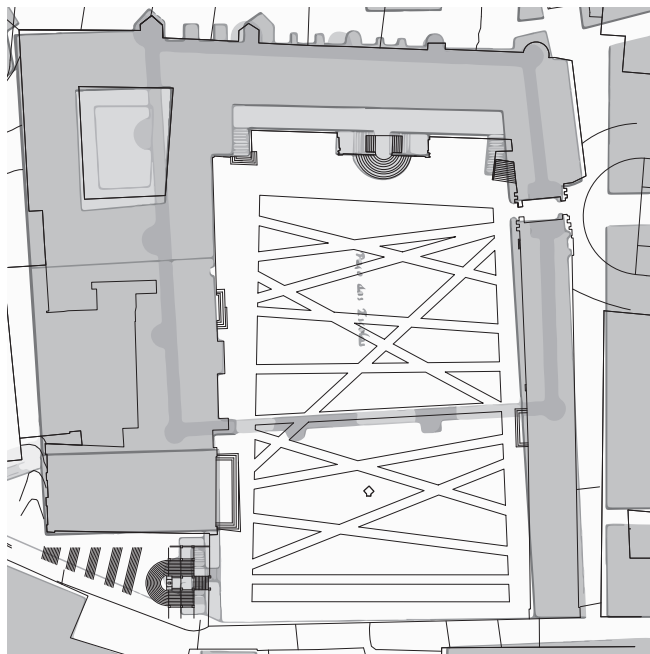
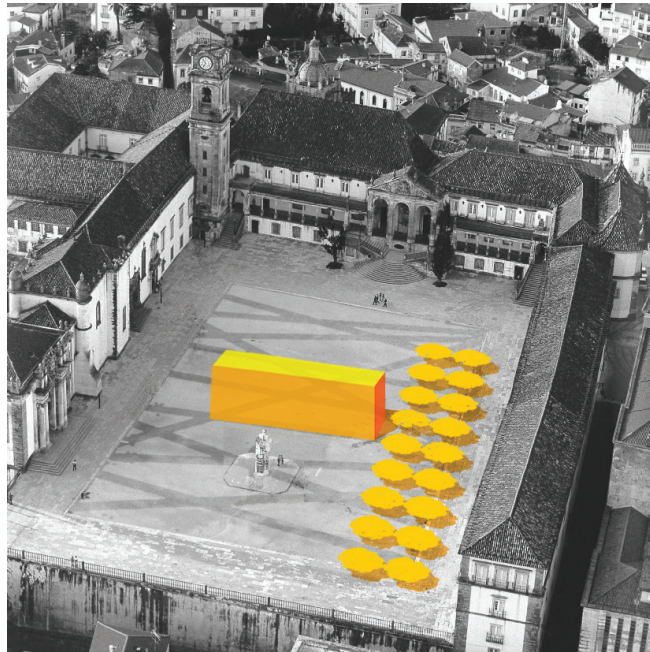
Dado posicionar-se apenas no perímetro da área total disponível, esta configuração possibilita o aproveitamento do interior do espaço num esquema útil a outro tipo de actividades, com uma audiência em toda a volta.

A nível de acústica há que considerar o impacto que os elevados níveis sonoros podem ter nos edifícios, dada a presença de estruturas centenárias. As vibrações - especialmente as causadas pelas baixas frequências - podem ser prejudiciais e colocá-las em perigo, devido ao movimento induzido nas suas fundações e superfícies de fachada.

Se neste caso as fontes sonoras estão em espaços exteriores amplos, o que reduz logo

Fig. 101 Corte do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária
Tratado a partir de desenho original de Rui Lobo

Fig. 102 Planta do Largo da Feira, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária



a intensidade e frequência das vibrações, há que considerar a natureza predominantemente rochosa dos solos na colina da Alta universitária, o que reduz a capacidade de absorção e intensifica as vibrações. Nesta estrutura de palco, trabalhar a forma como se apoia no solo e através de que materiais permitirá um controlo sobre esta questão.

Apesar da proximidade às zonas de habitação da Alta, os edifícios que envolvem o Largo da Feira fazem algum resguardo e impedem a propagação descontrolada do som o que, por exemplo nos festivais académicos celebrados na Praça da Canção, se tem revelado um problema não só porque o espaço descampado não oferece praticamente barreiras para impedir o som de se propagar, como este ainda vai encontrar na superfície da água do rio um autêntico espelho, que potencia a reflexão e não de todo a absorção.

Pátio das Escolas

O projecto de remodelação do atelier Gonçalo Byrne Arquitectos previa o preenchimento das superfícies entre os caminhos de lajeado de pedra com relva, tanto quanto se pode deduzir da observação dos desenhos publicados. Contudo, passados alguns anos da construção dos pavimentos, estes espaços têm apenas areia, uma mudança forçada pelas condicionantes financeiras. Se a relva contribuiria para refrescar todo o espaço e criar zonas de permanência - porque em tempo quente e seco os estudantes e demais visitantes a poderiam aproveitar para repousar - seria uma escolha de material algo ordinária para o contexto, bem como muito vulnerável a uma constante exposição solar diária.

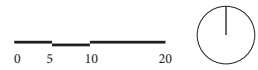
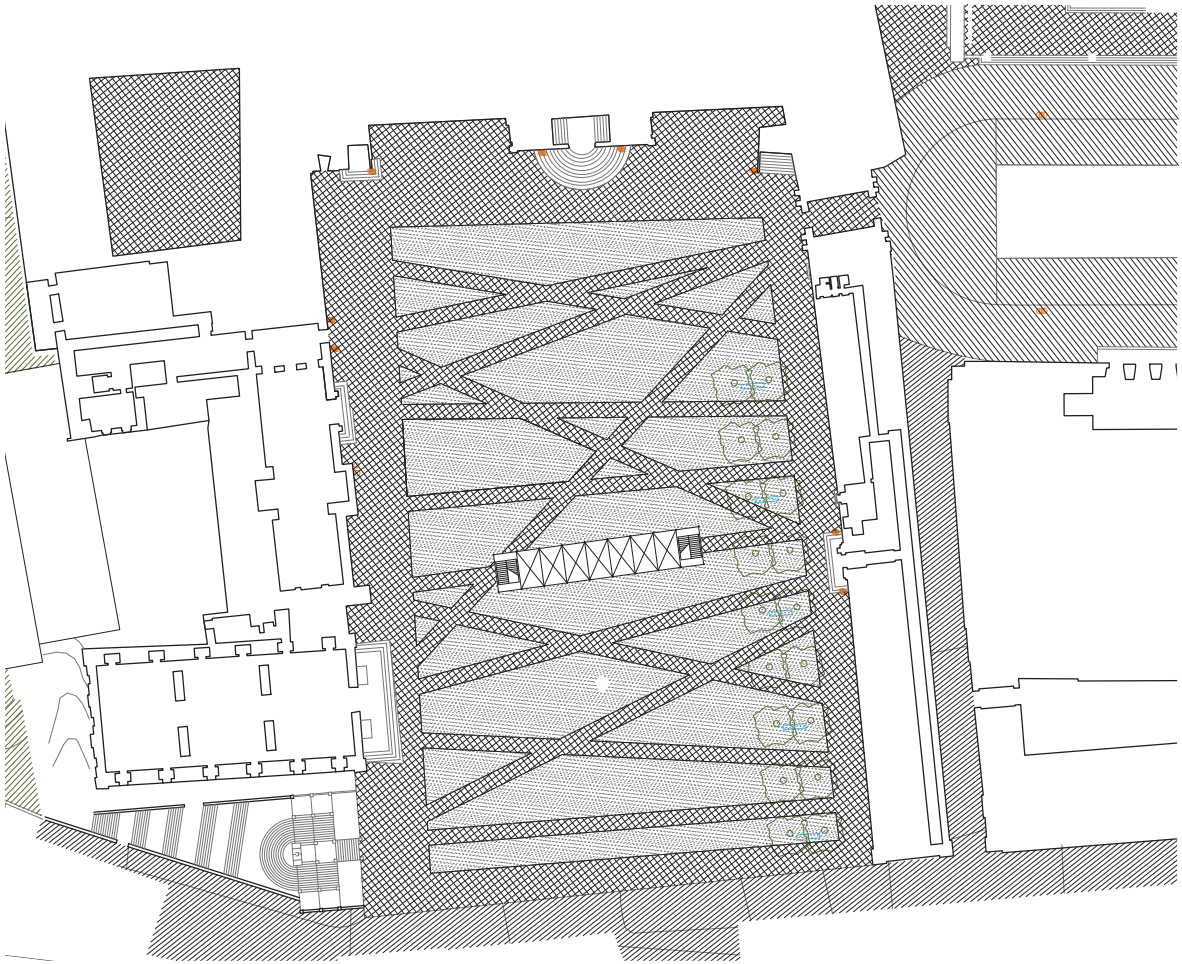
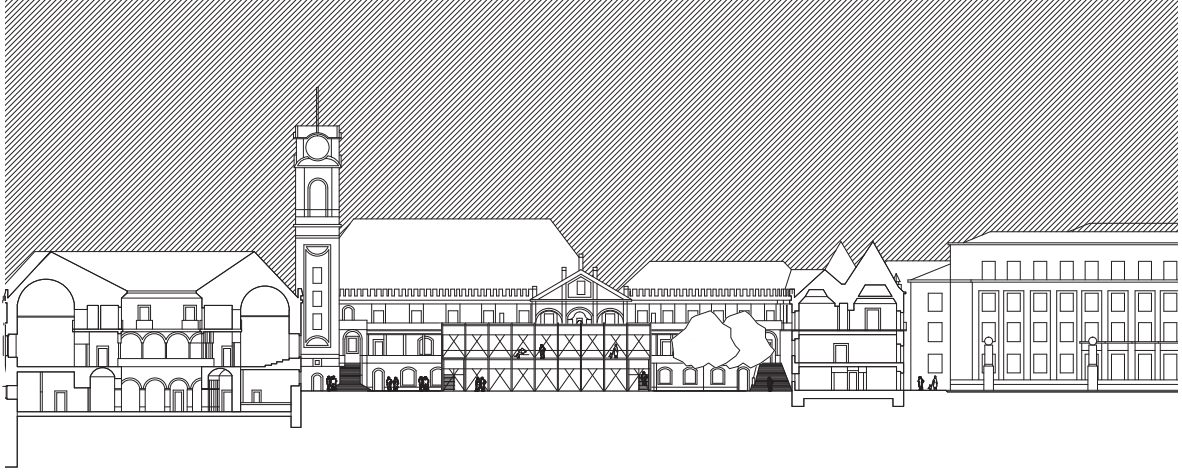
A solução geral é porém bem sucedida, em grande parte devido à fila de árvores a Este, que pela localização precisa, para além de vir a proporcionar sombra na ala mais intensamente exposta ao sol diariamente e de criar uma mancha de sombra no espaço, não interfere com a leitura de todo o conjunto, pelo que proponho apenas a colocação de bancos ao longo da fileira de árvores, a tirar proveito da sombra produzida.

Fig. 103 Vista aérea do espaço, com proposta

Tratada pelo autor a partir de original em Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1, pg. 48

Fig. 104 Sobreposição de planta do paço quinhentista (autoria de Jorge de Alarcão) com estado actual

Composta a partir de planta original em Alarcão, J. de (2008). *Coimbra: a montagem de um cenário urbano*, pg. 246



Estrutura temporária

No sentido de habilitar o espaço para os mais diversos espectáculos e actividades ao ar livre, proponho a montagem de uma estrutura sensivelmente a meio do Pátio, estendendo-se precisamente ao longo de um dos caminhos de pedra que marca o sítio para o qual, durante o reinado de D. Manuel I, estaria prevista a “construção de um conjunto de salas, provavelmente de lazer e ostentação, montadas sobre um piso térreo inteiramente vazado”⁷⁵, mas que entretanto se abandonou e não chegou a ser concluída.

Proponho o levantamento de uma estrutura estendida ao longo dessa linha de referência do antigo projecto, essencialmente um conjunto de duas galerias sobrepostas, com escadarias de ligação nos topos, que deverá ser trabalhada no sentido de criar volume, deixando contudo alguma transparência, no sentido de evocar aproximadamente o que teria sido um verdadeiro pátio, - intenção do projecto quinhentista -, ao oferecer um quarto lado construído, associado à barreira que as árvores também criam a Este, deixando-se mais aberto apenas um espaço no lado oposto, a marcar a linha de junção entre a Capela de São Miguel e a Biblioteca Joanina.

Para a construção da estrutura deverão ser usados componentes cujas dimensões não condicionem o transporte para o lugar, condicionado pelo acesso da Porta Férrea.

Em contexto de espectáculos e eventos a estrutura poderá ser usada e trabalhada enquanto cenário e suporte de elementos técnicos, enquanto que em qualquer outro contexto é um conjunto de duas galerias a que se poderá aceder, com a possibilidade de permanecer à sombra e ter perspectivas diferentes abertas sobre o pátio e a paisagem a Sul.

⁷⁵ Rossa, W. (2001). *Diversidade – Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, pg. 605

Fig. 105 Corte do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária

Tratado a partir de desenho original de Rui Lobo

Fig. 106 Planta do Pátio das Escolas, ao nível da Rua Larga, com estrutura temporária



Um pólo cultural na Alta (!)

Se o âmbito do trabalho não é suficientemente amplo para se determinar que Coimbra está apta a ser CEC, é pelo menos revelador de que a situação de dormência e inactividade urbana na Alta não é de todo um caso perdido, e pode ter na manifestação e produção cultural um meio de resgate e desenvolvimento, tanto para a universidade como para a cidade.

Existe de facto em ambas uma grande capacidade de mobilização cultural. Atente-se no esforço de garantir uma oferta transversal a todos os públicos na CNC 2003, e na originalidade das iniciativas que do evento surgiram e que ainda hoje se mantêm, bem como na força da cultura académica, presente diariamente pelas ruas da cidade em preservação da tradição e organizadora dos festivais anuais com a maior capacidade de movimentação e reunião de massas, com tal força que param ou alteram o ritmo de funcionamento da cidade.

Imagine-se o resultado de uma combinação e sincronização das duas.

O entusiasmo com o “carimbo” de património UNESCO não deve traduzir-se apenas em arranjo de fachadas e abertura de hotéis na Alta, mas deve obrigar acima de tudo à introspecção para avaliar aquilo que possibilitou essa atribuição, por vezes tão perto e disponível que acaba por passar despercebido e tomar-se como garantido.

O pólo cultural na Alta é uma resposta possível a este reconhecimento, um gesto de valorização do património - porque o procura manter activo - e um caminho para a regeneração e requalificação urbanas numa zona de potencial subvalorizado, e porque não é possível ser pólo de ensino sem se ser simultaneamente pólo da cultura.

Fig. 107 Placa colocada à beira da A1 na chegada à cidade, em que por algum tempo se leu *Coimbra Cidade-museu* Gerada a partir de *Google Street View* (<http://www.maps.google.pt>)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Actas do Seminário Internacional CidadeSofia, Coimbra, 2003 (2005). *CidadeSofia*. Coimbra: Edarq - Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC
- Alarcão, J. de (2008). *Coimbra: a montagem de um cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- André, J. M. (2006). *Capital Europeia da Cultura: a lição que Coimbra (não) aprendeu*. Amigos da Cultura. [em linha] Disponível em <http://amigosdacultura2008.blogspot.pt/2006/10/capital-europeia-da-cultura-lho-que.html>
- André, J. M. (2006). *Intervenções iniciais [Conferência Cidade, Arte e Política]*. Amigos da Cultura. [em linha] Disponível em <http://amigosdacultura2008.blogspot.pt/2008/12/blog-post.html>
- André, J. M. (2006). *Mal-estar na cultura em Coimbra*. Amigos da Cultura. [em linha] Disponível em <http://amigosdacultura2008.blogspot.pt/2008/03/mal-estar-na-cultura-em-coimbra.html>
- ArchiNews: Revista de Arquitectura, Urbanismo, Interiores e Design (2009). *Gonçalo Byrne*. Janeiro/Fevereiro/Março 2009. Lisboa
- Bernardino, R. (2013). *Coimbra: Arquitectura e Poder – Três pólos universitários, Três episódios na cultura arquitectónica Portuguesa*. Dissertação de mestrado integrado em arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra, Portugal
- Bonifácio, P. (2008). *Relatórios da Capital da Cultura por divulgar*. Jornal de Notícias, 19 de Dezembro de 2004
- Bonifácio, P. (2008). *A cultura não vive de esmolas*. Diário de Notícias, 20 de Fevereiro de 2008
- Catarino, N. e Pais, E. (2014). *Coimbra em grande*. Jazz.pt, 06 de Junho de 2010. [em linha] Disponível em <http://www.jazz.pt/report/2014/06/06/coimbra-em-grande/>
- Catarino, N. (2010). *Foi um jazz que lhes deu*. Ípsilon, 24 de Junho de 2010. [em linha] Disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/foi-um-jazz-que-lhes-deu-259748>
- Coimbra: Capital Nacional da Cultura (2003). *Highlights: Coimbra 2003*. Coimbra
- Costa, A. A. [et al.] (1997). *A Alta de volta: concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos Colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório Químico e área envolvente*. Coimbra: Edarq - Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC
- Ferreira, R. (2011). *Sousa Bastos – Recuperação e reconversão do antigo teatro*. Dissertação de mestrado integrado em arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra, Portugal
- Fernandes, J. M. (2003). *Português suave: arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR
- Pais, M. e Vilão, R. (2012). *O cinema mudo ganhou voz*. Via Latina. [em linha] Disponível em <http://www.revistavialatina.com/?p=2073>
- Palmer/Rae Associates, International Cultural Advisors (2004). *European Cities and Capitals of Culture*. Bruxelas. [em linha] Parte 1 disponível em http://umea2014.se/wp-content/uploads/2013/01/Rapporten_del_1.pdf e Parte 2 disponível em http://umea2014.se/wp-content/uploads/2013/01/Rapporten_del_2.pdf
- Pereira, D. (2004). *Entre o mergulho no tempo e a subida à cidade: projecto urbano de acessibilidade mecânica à Alta de Coimbra*. Dissertação de mestrado integrado em arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal
- Público (2013). *Antigo reitor lidera projecto para o centro de convenções de Coimbra*. Público, 08 de Abril de 2013. [em linha] Disponível em <http://www.publico.pt/local/>

noticia/antigo-reitor-lidera-projecto-para-o-centro-de-convencoes-de-coimbra-1590594

Rosmaninho, N. (2006). *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

Rosmaninho, N. (1996). *O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo: os primeiros programas da cidade universitária de Coimbra. 1934-1940*. Coimbra: Minerva

Rossa, W. (2006). *A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa*. Monumentos, nº25. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Rossa, W. (2003). *Coimbra como território*, Ecdj: Inserções. Coimbra: Edarq - Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, nº 6/7

Rossa, W. (2003). *Sofia: Concurso público de ideias*, Ecdj: Rua da Sofia. Coimbra: Edarq - Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, nº 8

Rossa, W. (2001). *Diversidade – Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Dissertação de doutoramento em arquitectura, especialidade de Teoria e História da arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal

Sebastião, J. (2013). *Arquitectura, imagem e cenografia. O Estado Novo e a construção de uma identidade nacional*. Dissertação de mestrado integrado em arquitectura. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade de Coimbra, Portugal

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 1. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l1_uncoimbra_nomination

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 2. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l2_uncoimbra_managementplan

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 3. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l3_uncoimbra_generaltexts

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 4. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l4_uncoimbra_influences

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 5. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l5_uncoimbra_masterplans

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 6. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l6_uncoimbra_execution

Universidade de Coimbra (2013). *Candidatura da “Universidade de Coimbra: Alta e Sofia” a património Mundial da Humanidade*, Livro 7. [em linha] Disponível em http://issuu.com/unescouc/docs/l7_uncoimbra_protectionzone

Universidade do Minho (2013). *Impactos Económicos e Sociais Guimarães 2012 - Relatório executivo*. [em linha] Disponível em <http://www.gepac.gov.pt/gepac-dsepac/estudos-e-estatisticas/estudos/05-impactos-economicos-e-sociais-da-guimaraes-2012-capital-europeia-da-cultura--relatorio-executivo-universidade-do-minho-2013-pdf.aspx>

Até à data de publicação, todas as páginas WWW estavam disponíveis em linha.

ANEXOS